

SER PESSOA



EDITADO POR 

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

www.megacurioso.com.br/

Sumário

1. O que ler? (I): O nosso mapa do mundo
2. O que ler? (II): Ficar com o melhor?
3. Somos realmente livres?
4. Para a liberdade
5. A amizade
6. Os outros e eu: versos do mesmo poema
7. Protagonistas da nossa vida
8. Do contacto virtual às relações pessoais
9. Uma vida em diálogo com os outros
10. 'Sine sole sileo': cansaço e descanso (I)
11. A alma baila: cansaço e descanso (II)
12. O verdadeiro amor de si mesmo
13. Cultivar a interioridade na era digital
14. Temperança
15. Fazer frutificar os talentos
16. O fruto maduro da identidade
17. Aprender a ser fiel

18. Aprender a perdoar

19. As raízes da alegria

20. Para mim, viver é Cristo (1): Na alegre esperança de Cristo. A fé no Amor de Deus

O que ler? (I): O nosso mapa do mundo

Ler, como escutar, é um valor essencial para alargar os nossos horizontes, em si mesmos limitados; para amadurecer as nossas perspetivas; para compreender a complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade do real. Ler para crescer, sem se afogar na maré dos livros: aborda-se este desafio num artigo, com duas partes.



Quando a humanidade começou a pôr por escrito as máximas dos seus sábios, os códigos que compilavam os costumes e as leis, os relatos dos acontecimentos em que se tinha forjado cada povo... nasceu a leitura. Até aí a cultura – cultivo da alma – só se escutava: unicamente o que os homens e as mulheres retinham na memória se transmitia às gerações seguintes, como um valioso mapa do mundo, como uma luz no meio da obscuridade.

Escutar continua a ser hoje fundamental na nossa vida: canaliza o nosso primeiro acesso à linguagem, dá-lhe forma enquanto vivemos, e, sobretudo,

torna possível o diálogo, que é uma das fibras do próprio tecido da vida. Simultaneamente, para escutar e dialogar de verdade, torna-se necessário ler. A leitura ocupa, por isso, um lugar insubstituível na cultura: a memória da humanidade é hoje também, numa medida importante, palavra escrita, carta que espera o diálogo com um leitor.

Prestar atenção

Escutar e ler são hábitos essenciais para alargar os nossos horizontes, de *per si* limitados; para amadurecer as nossas perspetivas; para compreender a complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade do real... Pressupõem, um e outro, capacidade de *prestar atenção*. Os meios de comunicação, as redes sociais, os operadores de telecomunicações disputam, precisamente, a nossa atenção, como o seu capital mais apreciado. É fácil que a abundância de anúncios a fragmentem, como sucede a alguém que está a ser constantemente interrompido. Essa atenção fragmentada não deixa de ser útil para os benefícios do *Big Data*, para os gigantes da comunicação; mas a nós empobrece-nos, talvez, porque tende a voltar-nos para fora: pode-nos deixar sem *dentro*. Frente a essa dinâmica de dispersão, a capacidade de prestar atenção a *uma* coisa, a um livro, a uma conversa, encerra um grande potencial.

A atenção genuína é muito mais do que um esforço pontual para reter dados: permite que a realidade, as pessoas, os acontecimentos... nos firam, nos surpreendam e que as relações que nascem com esses encontros se mantenham vivas dentro de nós. A escuta e a leitura, como formas de atenção, tornam possível a vida espiritual. E, por isso, humanizam o mundo, e contribuem para o reconciliar com Deus. Quem lê e escuta aprofunda na experiência do que vive, graças a um processo de interiorização, análogo ao que se deu quando Natã, através de uma parábola, levou o rei David a fazer penitência [1].

Legere significa, originalmente, recolher, reunir. Ser verdadeiramente capaz de ler é mais do que saber pôr voz às palavras: é ser capaz de se recolher, de habitar dentro de si mesmo, de *ler* nas situações e nas pessoas.

O grande diálogo que é a cultura humana nutre-se destas aptidões. E no entanto, mesmo para uma pessoa com uma cultura mediana, a aceleração da vida traz consigo o risco de não ler; de que, arrastados pela multiplicação contemporânea das frentes de atenção, passassem as semanas e os meses sem que encontrássemos tempo para nos sentarmos com um livro entre as mãos. O nosso mapa do mundo, então, podendo ter três dimensões, limitar-se-ia a umas precárias curvas de nível. E o nosso diálogo com os outros, tendo a possibilidade de se aperceber da grande escala de matizes da realidade pessoal e social, ficaria a quatro cores elementares, com as quais seria difícil contribuir e ajudar a melhorar o mundo.

S. Josemaria sempre animou aqueles que se abeiraram de si a ter um olhar amplo e a cultivá-lo, porque um cristão é alguém capaz de se maravilhar, disposto a pensar, a rever as próprias opiniões, para levar o Evangelho a todas as partes. A leitura bem escolhida – *non legere, sed eligere*, diz um adágio clássico – é uma das chaves mestras desta atitude apostólica. «Para ti, que desejas formar uma mentalidade católica, universal, transcrevo algumas características: – amplidão de horizontes e um aprofundamento enérgico naquilo que é permanentemente vivo da ortodoxia católica; – desejo reto e são – nunca frivolidade – de renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da história...; – uma cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; – e uma atitude positiva e aberta, diante da transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida»[2].

O hábito de ler

Pedagogos e especialistas em educação dos jovens salientam que é difícil conseguir hábitos de leitura se não se foram adquirindo desde a infância. Também se verificam, com frequência, diferenças significativas entre os jovens que leem e aqueles que quase nunca o fazem; os que leem costumam ter maior facilidade para se exprimirem, maior capacidade de compreensão, um melhor conhecimento próprio; aqueles que, pelo contrário, se focalizam noutras formas de entretenimento, costumam ter mais dificuldades para amadurecer. Talvez não o uso, mas sim o abuso dos

videojogos, por exemplo, faz com que os jovens sejam, por vezes menos imaginativos: o seu mundo interior desertifica-se e torna-se dependente dos estímulos, excessivamente básicos, dessas formas de diversão. Contudo, é óbvio que não se consegue fomentar a leitura à base de diabolizar a televisão ou os videojogos, ou apresentando-a como um dever moral; pelo contrário é necessário chegar ao fundo da alma, despertar o fascínio pelas histórias, a beleza, a chispa de inteligência e da sensibilidade.

É bom descobrir em cada família quem pode exercer esse papel: o pai, a mãe, um irmão mais velho, um avô... e apoiar-se também no trabalho de professores, monitores do clube juvenil, etc. Ao cuidar a sensibilidade do jovem leitor, ele próprio descobre o seu itinerário, que inclui grandes figuras da literatura universal – cada um a seu tempo – e outros títulos que corresponderão à sua personalidade peculiar. Esta tarefa, que não requer muito tempo, mas sim um pouco de cabeça e de constância, é decisiva. Às vezes, será preciso ajudá-los – também com o exemplo – a encontrar momentos para ler, de modo que experimentem o prazer da leitura, sem cair no egoísmo de a preferir sempre à conversa e ao convívio. Provavelmente muitos recordamos os primeiros livros que nos ofereceram ou que lemos, as histórias que nos contavam na infância, as edições de obras clássicas ou de textos da história sagrada adaptados para crianças; talvez nos tenha ficado gravada a personalidade daquele professor que nos fez descobrir a poesia ou nos contagiou o entusiasmo por um determinado autor.

Quando começa o trabalho profissional e a vida se acelera, mesmo quem se apercebe dos benefícios da leitura, depara-se, talvez, com que o tempo que lhe pode dedicar é demasiado breve. Daí a importância de saber defender um tempo para ler; talvez não seja muito o que se consiga em cada dia, mas é uma questão de prioridades, de ordem, de retirar minutos a atividades menos importantes. Em parte «não é tempo o que nos falta, mas concentração»[3]. Simultaneamente, disfruta-se quando se sabe aproveitar situações recorrentes: viagens de comboio, de avião, em transportes públicos; esperas, e, claro, em momentos de descanso. Quem tem sempre consigo um livro – coisa que agora é mais fácil de conseguir com os leitores

digitais, *tablets*, etc. – pode aproveitar minutos preciosos, às vezes imprevistos. Ainda que o somatório de poucos tempos, por vezes, possa parecer uma rega gota a gota, passam os dias e os meses e a vegetação cresce.

As tecnologias digitais também facilitaram a proliferação de *áudio-livros* e *áudios* de artigos de revistas e, mesmo, a leitura automática de quase quaisquer textos: recursos muito úteis para quem tem que passar, por exemplo, muitas horas ao volante, ou a caminhar, ou a executar trabalhos domésticos. Os *áudio-livros*, sobretudo quando se trata de boas gravações, mostram que ler é outra forma de escutar e remetem-nos, de certo modo, para aquela época em que à volta de um leitor se reunia um grupo de ouvintes que beneficiavam de um dom do qual careciam: poder ler!

Diante da avalanche de livros

Todos os anos se editam no mundo milhares de livros, sem contar a imensa literatura científica, cada vez mais especializada. Além disso, a internet dá acesso, muitas vezes gratuitamente, a uma infinidade de meios de comunicação e serviços de informação e de opinião. Perante tantas possibilidades, com a evidente limitação de tempo de cada um, é mais atual do que nunca essa consideração que fazia, retrospectivamente, S. João Paulo II. «Sempre tive este dilema: O que hei de ler? Procurava escolher aquilo que era mais essencial. A produção editorial é tão vasta! Nem todos os livros têm o mesmo valor e utilidade. É preciso saber escolher e pedir conselho a respeito daquilo que merece ser lido»[4].

A leitura pode ser um bom entretenimento para momentos de descanso: há abundância de livros nesse sentido. Certamente, outra coisa é a leitura – talvez, mais serena e espaçada – de obras que alargam o espírito. Existe uma longa tradição de livros que educam e, ao mesmo tempo, deleitam, mas ainda assim pode acontecer que uma pessoa dedique quase exclusivamente o seu tempo de leitura aos livros de evasão. Não se trata, portanto, da materialidade de «ler muito», mas de ler – em consonância com a capacidade e as circunstâncias de cada um – também obras de qualidade

filosófica, teológica, literária, histórica, científica, artística, etc., para que se enriqueça a nossa visão do mundo. São tantas as histórias, os pontos de vista, os campos do saber que nos podem fazer crescer por dentro que, com um pouco de paciência, sempre se pode encontrar bons livros que nos agradem.

À hora de escolher, é importante ter em conta que não poucas empresas de comunicação controlam negócios editoriais e, logicamente, ao informar, dão prioridade às publicações do seu grupo, em detrimento de outros livros, talvez mais valiosos, mas editados por empresas, porventura, mais pequenas ou com menos presença na imprensa, na rádio ou na televisão. Por isso convém evitar a valorização exagerada do última coisa publicada, ou da mais vendida, como se isso constituísse uma garantia de qualidade. «Há livros dos quais as lombadas e a capa são, com pouca diferença, o melhor»[5], escrevia, ironicamente, Charles Dickens. Querer estar sempre na última edição poderia fazer com que se nos escapassem outros títulos mais divertidos, inteligentes ou criativos, esquecidos nas prateleiras das bibliotecas ou da nossa casa. Se não se dispõe de muito tempo e existem tantos bons livros, vale a pena escolher cuidadosamente o que se lê e não se deixar levar por simples anúncios publicitários.

Quando vemos um filme medíocre podemos lamentar-nos por ter perdido duas horas da nossa vida. No entanto, quando chegamos ao final de um livro, talvez bom, mas que realmente nunca nos chegou a interessar, podemos ter perdido muito mais tempo. Se um livro não nos consegue conquistar e não há motivos especiais para o ler, talvez não valha a pena prosseguir com a leitura; esperam-nos muitos outros livros que possivelmente nos satisfarão mais. O *zapping* com os livros pode encobrir impaciência ou falta de fixação, mas não poucas vezes permite encontrar com obras que nos fazem disfrutar e crescer.

O leitor que começa a ler um livro não assina nenhum contrato com o autor, pelo qual fique impedido de o ler na diagonal, nem adquire o compromisso de chegar ao final. Há quem tenha o costume de abrir os livros numa página determinada: se essa página os conquista, leem o livro;

se não, deixam-no. É bom, sem dúvida, dar ao autor a oportunidade de conquistar a nossa atenção; mas ao mesmo tempo, para que serve dedicar tempo a um com o qual não nos entendemos? É claro que, como pode suceder com os grandes clássicos, a falta de sintonia, por vezes, deve-se a uma carência na formação literária. Talvez uma obra deva descansar algum tempo na estante; poder-se-á retomar passados uns meses ou uns anos, ou poderemos encontrar pelo caminho outro bom livro. Toda uma vida não bastaria, em qualquer caso, para ler os livros que hoje se consideram como clássicos. Também entre eles, de Aristóteles a Shakespeare, de Cícero a Molière, Dostoievski ou Chesterton, aprende-se a escolher, como entre as amizades: «É qualquer livro discreto / que, se cansar, deixa de falar / um amigo que aconselha / e repreende em segredo»[6].

Luis Ramoneda - Carlos Ayxelà

ITU pictures

Kat Northern Lights Man (cc)

NOTAS

[1] cf. 2 Sm 12, 1-19.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 428.

[3] A. Zagajewski, *En la belleza ajena*, Valencia, Pre-textos 2003, 165.

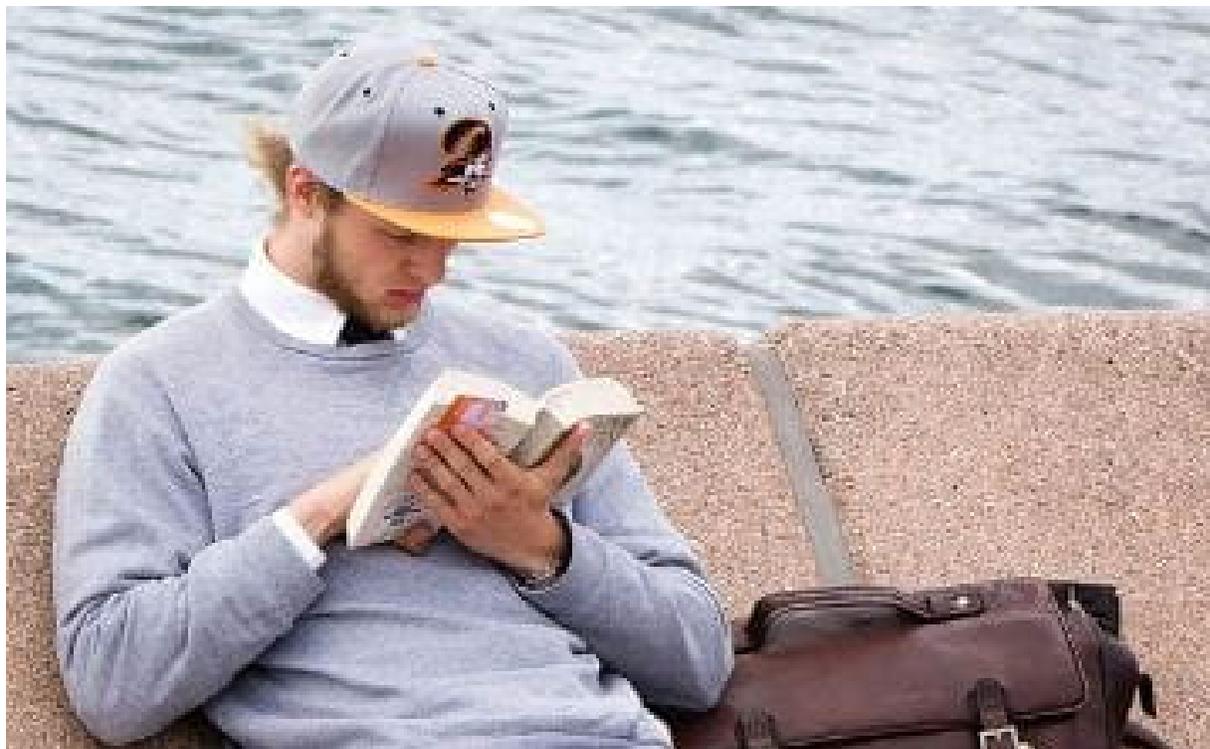
[4] S. João Paulo II, *Levantai-vos! Vamos!*, Dom Quixote, Lisboa 2004, 85.

[5] Charles Dickens, *Oliver Twist*.

[6] Lope de Vega, *La viuda valenciana*, Castalia, Barcelona 2001, 104.

O que ler? (II): Ficar com o melhor

Segunda parte do artigo sobre o desafio de ler. O diálogo com os livros e com os outros leitores potencia a experiência da leitura: abre horizontes, evita desencantos e otimiza o nosso tempo para ler, que é sempre pouco.



Há livros que nos mudam a vida. Assim sucedeu a S. Agostinho quando leu o *Hortensius* de Cícero: o livro, escreveria anos mais tarde nas Confissões, «mudou os meus afetos e voltou para Ti, Senhor, as minhas súplicas e fez com que os meus votos e desejos fossem outros (...) e comecei a levantar-me para regressar a Ti»[1]. O seu caminho para Deus, depois de muitos vaivéns, tomou uma direção mais decidida para a conversão, que se selou também com um livro entre as suas mãos: um passagem da epístola aos Romanos derrubou o último muro que o retinha[2].

Partilhar as boas descobertas

Embora nem todos os livros marquem um antes e um depois tão evidente na nossa vida, o que lemos muda-nos. Ou nos afina a alma ou a enfraquece. Abre-nos horizontes ou estreita-os. A nossa personalidade reflete – mais à medida que o tempo passa – tanto os livros que tenhamos lido como aqueles que não lemos. Quem, ao longo dos anos, se nutre de leituras selecionadas com bom critério, adquire um olhar aberto sobre o mundo e as pessoas, sabe medir-se com a complexidade das coisas e desenvolve a sensibilidade necessária para deixar de lado a banalidade e não passar ao largo diante da grandeza.

Nem sempre é fácil encontrar livros que nos ajudem a crescer, mesmo quando se trata simplesmente de nos entretermos. Por isso, é muito útil recorrer ao conselho dos outros. Ao tentar orientar-se numa povoação, quando se pergunta a pessoas do lugar, constata-se com frequência que estas dão dados valiosos que com o GPS talvez escapassem. E, do mesmo modo que recorremos à ajuda de especialistas, podemos recomendar a outros os bons livros que vamos lendo. Falar do que se lê enriquece a vida familiar e as conversas com amigos, que por vezes acabarão por tomar a forma de tertúlias literárias ou outras atividades culturais, como as que estendem pontes entre a literatura e o cinema. E se as boas leituras se transmitem muito eficazmente de boca em boca, também é útil organizar clubes de leitura, frequentar boas livrarias, manter o contacto com livreiros e estabelecer com eles um diálogo frequente, que costuma enriquecer ambas as partes.

Existem muitas seleções de livros de qualidade, classificadas por idades, temáticas, gostos. Contudo, a melhor seleção é aquela que cada um vai fazendo por sua conta, a partir dos conselhos de amigos com gostos afins, de referências isoladas numa aula, numa palestra, numa conversa... Como não podemos ler imediatamente tudo o que suscita o nosso interesse, é bom fazer um plano de leituras, registando as referências para ler mais adiante. Isso dá-nos a serenidade de saber que, de certo modo, um título não se nos escapa; e permite que, quando queiramos ler algo mais, não vamos necessariamente pegar no primeiro que nos caia nas mãos.

Diz-se que a *internet* é, em certo sentido, uma imensa máquina de repetição. Com a invenção da imprensa já se verificou que quanto mais fácil é a publicação de textos, mais proliferam os livros medíocres ou banais. No entanto, juntamente com uma grande quantidade de material de escassa qualidade – às vezes realizado com a melhor das intenções – a *internet* esconde nas suas páginas textos que permitem dar com muitas chaves da atualidade, apontando também para as ideias de fundo, das quais os meios de comunicação não se questionam. Também aqui é bom delimitar, com a ajuda de bons conselhos, e com a própria experiência, os sites ou autores que queremos seguir. As aplicações para subscrever determinados conteúdos, ou para a leitura *offline* de textos pontuais que nos interessem, são uma boa ajuda nesse sentido. A rede aumenta, além disso, as possibilidades de acesso a algumas obras clássicas, ou a outras antigas, esgotadas ou difíceis de encontrar em livrarias ou em bibliotecas.

Dialogar com os livros

Crítica, do grego *krinein*, significa originariamente discernir, escolher. Ler com capacidade crítica supõe extrair o melhor de cada livro. Os autores, tal como nós, estão condicionados pelo seu contexto e cultura. Por isso quando lemos é bom perguntar-se, por exemplo: porque se expressa o autor deste modo? Quais são os ideais da sua época e que projeta nas suas personagens? Qual é a sua perceção dos valores perenes, como a amizade, o perdão, a lealdade, etc.? Não se trata, obviamente, de adotar uma atitude reativa, que esconderia, porventura, um certo pessimismo ou insegurança. Interessa, antes, descobrir as luzes e sombras de cada obra e, se for o caso, purificar algumas ideias ou propostas. Entra-se, assim, num diálogo interior com o livro, que pode até desembocar em diálogos reais com os autores (de facto costumam agradecer a correspondência e sugestões dos seus leitores), em que virão ao de cima as próprias convicções: algumas corrigir-se-ão, talvez, com a interação mútua, e outras pelo menos adquirirão novos matizes. Para um cristão, provavelmente o melhor modo de fomentar um equilibrado sentido crítico é ler com sentido apostólico: não só com vontade de passar um tempo agradável, mas também com disposição para

compreender as categorias intelectuais dos nossos contemporâneos, para as purificar e as reconciliar com os valores do Evangelho.

Com estas coordenadas, a leitura ajuda-nos a formar convicções profundas e sólidas, bem pensadas, de maneira que cada um adquira os seus critérios de juízo e desenvolva a sua própria personalidade e estilo. Algo semelhante acontece com os filmes que vemos: quando um nos surpreende, pelos valores que nela descobrimos, ou pela sua estética, mostram-se-nos com maior plasticidade aspetos da nossa vida, da nossa visão do mundo, das pessoas. Assim, cada um forma o seu próprio discernimento e sabe que toma as decisões retas sobre a base de critérios que entende e que ele próprio é capaz de explicar. Consegue-se, deste modo, uma visão pessoal, enraizada na fé cristã, que robustece a unidade de vida.

Algo se move na alma

Um bom leitor costuma ser também um *re-leitor*: alguém que volta a ler obras que um dia o marcaram. Um modo eficaz de ser *re-leitor* é tomar por vezes algumas notas, que nos permitam voltar mais adiante ao cantinho do nosso interior que se iluminou com uma determinada leitura. Este costume ajuda-nos a conhecermo-nos e a adquirir um olhar mais penetrante sobre a realidade e sobre os outros. Há vezes em que nos agradaria evocar uma história ou uma passagem que alguma vez nos chamaram a atenção, e não somos capazes de dar com ela. Anotá-la será então uma grande coisa.

Como em tudo, também nisto há que encontrar um equilíbrio: é bom deixar-se surpreender pela nossa memória, que retém mais do que nos parece. Ao mesmo tempo, a leitura deixa um rasto muito mais profundo em quem, com a escrita, alimenta o diálogo interior da alma: muitas vezes não se tratará tanto de copiar passagens inteiras como de anotar as nossas impressões; procurar dar forma, talvez balbuciando, às intuições que pretendem abrir caminho dentro de cada um. Com esse trabalho paciente enriquece-se a nossa viagem através de geografias, culturas e sensibilidades: as paisagens não passam simplesmente diante de nós, antes nos dão forma por dentro e permitem-nos *assumir* os problemas, os anseios,

o talento das pessoas. Melhora, assim, a nossa compreensão do mundo, e mantemo-nos à altura do desafio constante da *nova evangelização* a que nos urge o Santo Padre, que passa por uma *nova inculturação*.

Responsabilidade pessoal

Ao recordar as suas visitas com jovens aos hospitais em Madrid, S. Josemaria contava, numa ocasião, como procuravam fazer-lhes «um pouco de companhia e algum serviço material: lavar-lhes as mãos, os pés ou a cara; cortar-lhes as unhas; penteá-los... Não podíamos levar-lhes comida, porque era proibido, mas sempre lhes deixávamos alguma boa leitura»[3]. A sua solicitude de pastor de almas levava-o a recordar a todos a importância de escolher as leituras com sentido de responsabilidade, pelo profundo impacto que têm na formação intelectual e espiritual de cada um. O Catecismo recorda-nos, neste sentido, como «o primeiro mandamento nos pede que alimentemos e guardemos com prudência e vigilância a nossa fé e que recusemos tudo o que se opõe a ela»[4]. Assim o aconselha também o Papa: «Se vejo um programa na televisão que não é bom para mim, e me deita por terra os valores, me torna vulgar, e até com coisas imorais, tenho que mudar de canal. Como se fazia na minha “época da pedra”: quando um livro era bom, lia-se; quando um livro nos fazia mal, deitava-se fora»[5]. Escolher um livro, como escolher os amigos, ir ao cinema ou ver uma peça de teatro, é um ato responsável e livre para cada cristão e tem também as suas conotações morais[6].

Face ao risco da ignorância ou da superficialidade, um conselho que se poderia dar é que convém ler em abundância, diferentes autores e de contextos variados. Forma-se assim uma mentalidade aberta - que ultrapassa os preconceitos infundados e os lugares comuns - e que está preparada para viver e comunicar a fé de uma maneira atrativa. Ao mesmo tempo, a responsabilidade na própria formação leva a procurar ler livros de qualidade: escolher aquilo que ajuda realmente a crescer, humana e sobrenaturalmente. Um sábio conselho para este discernimento: «Os grandes livros têm cortesia de reis magnânimos, acolhem o leitor como se

fosse seu igual. O escritor medíocre procura humilhar-nos para ocultar a sua baixa posição»[7].

O conselho de pessoas que leram muito pode ser uma ferramenta muito valiosa para formar o nosso plano de leituras, para compreender bem os diferentes autores e para saber em que pontos podem ter uma visão algo parcial ou incompleta. Em muitas ocasiões, um comentário amigo pode descobrir-nos uma obra até então desconhecida e abrir-nos um amplo horizonte cultural, intelectual ou espiritual. Noutras, evitar-nos-á perder tempo com leituras banais, que promovem condutas que vão contra a convivência pacífica, que atacam a religião, etc. Também sabemos que certos livros poderiam fazer-nos mal, porque nesse momento nos falta a formação para os digerir. Há pães que podem ser demasiado duros para os nossos dentes. É bom ter a humildade intelectual de reconhecer os nossos limites: não é falsa humildade, é prudência. Com a ajuda de outros, encontram-se alternativas para canalizar as nossas inquietações: leituras mais ponderadas, que com o tempo talvez nos permitirão, se for necessário, enfrentar os outros pães que antes nos teriam feito mal. Resumindo, trata-se de que a cultura, que cada um vai construindo com a leitura, encarne os ensinamentos de Jesus Cristo e se articule com a nossa experiência vital. Tanto quem lê livros desaconselháveis, como quem lê pouco, é especialmente vulnerável ao erro, ainda que seja por caminhos diferentes.

Aconselhar e aconselhar-se

Uma consequência do valor do conselho alheio é imediata: a necessidade de que cada um colabore também com os outros neste âmbito. O conselho pessoal ajudará sempre os nossos familiares e amigos a escolher obras de qualidade que os possam enriquecer. Também é útil participar nas iniciativas que oferecem avaliações literárias, cinematográficas, culturais, etc. O esforço de dedicar uns minutos a partilhar as próprias impressões pode ajudar muitas pessoas. Também aqui se aplica o princípio de que o ótimo pode ser, às vezes, inimigo do bom: é preferível uma breve resenha, escrita quando temos a leitura fresca, a um projeto de recensão pormenorizado que acaba por não se concretizar. Quanto mais

colaboradores participem nestas iniciativas, mais objetivo e acertado resultará o conselho.

A informação que oferecem as revistas, os suplementos culturais, etc. pode ser também valiosa. Não é difícil descobrir críticos certos, pelo seu bem-fazer, pela boa preparação cultural e doutrinal, pelo tom ponderado das suas opiniões. São indicadores diversos que nos ajudam, antes de tomar a decisão de ler ou de adquirir um determinado livro.

Em todo o caso, é bom evitar visões reducionistas ou superficiais sobre a necessidade de pedir conselho ou de ter em conta as orientações que nos possam facilitar. O facto de um livro ser avaliado de um modo concreto é sempre orientador e prudencial, e não deve estranhar-se que algumas dessas avaliações mudem com o tempo; ou que aquilo que para uma determinada pessoa não tenha inconvenientes, os tenha para outra. A avaliação é um guia para nos ajudar a escolher com responsabilidade; ao mesmo tempo, não exclui que peçamos conselho na direção espiritual, quando o vejamos oportuno para a nossa alma. Por outro lado, o facto de estarmos atentos à avaliação moral de um produto cultural não deve desfocar-nos do essencial: a importância de ler e, na medida das nossas possibilidades, de ler muito.

«Não extingais o Espírito, nem desprezeis as profecias; mas examinai todas as coisas, retende o bom e afastai-vos de toda a classe de mal»[8]. A abertura da alma, a amplitude de horizontes, são autênticos quando vibram com a procura e o encontro, cada vez mais apaixonados e ao mesmo tempo serenos, da Verdade e da Beleza.

*Texto: Luis Ramoneda - Carlos Ayxelá | Foto : Pingz Man / Nicki Man
(cc)*

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Confissões* III.4.7.

[2] Sto. Agostinho, *Confissões* VIII.12.29.

[3] S. Josemaria, apontamentos de uma reunião familiar, 20-XII-1970.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, 2088.

[5] Francisco, *Discurso*, 6-VI-2015.

[6] Sobre este aspeto, cf. Ángel Rodríguez Luño, *Factores culturales de especial incidencia en la formación espiritual*, apartado 2 (“La lectura”), disponível em collationes.org.

[7] N. Gómez Dávila, *Escolios a un texto implícito* (vol. 1), Instituto Colombiano de Cultura, 1977, p. 325.

[8] 1 Ts 5, 19-22.

Somos realmente livres?

Pablo Cabellos analisa o significado de liberdade do ponto de vista religioso num artigo publicado no jornal "Las Provincias" de Valência.



Talvez a resposta para o título destas linhas não seja fácil. Do ponto de vista antropológico, deve-se responder afirmativamente, porque a liberdade é o maior dom da pessoa. Como cristão, tenho que dizer: existe a liberdade. Mas isto não é tão claro para todos, nem na sua realização em cada homem, nem no seu fim, nem nos seus limites, porque nem todos nós entendemos da mesma forma o que é o homem, a sua origem e destino. Politicamente, poderíamos responder que vivemos num país democrático e, portanto, somos livres. E será verdade. Mas estaríamos a considerar a liberdade no seu sentido mais profundo? Podem existir pessoas cuja liberdade é mais enriquecedora num país totalitário?

É claro que uma resposta afirmativa à última questão não tornaria uma ditadura boa, mas estamos a refletir sobre a liberdade que aperfeiçoa os seres humanos. Sociologicamente, poderíamos considerar, por exemplo, as barreiras razoáveis impostas pela sociedade em que vivemos. E também as menos razoáveis. Ou aquelas que o seriam, mas se omitem ou que não existem.

Muitos de nós aprendemos a amar a liberdade a partir da fé, particularmente através do Novo Testamento. E devo acrescentar que o apreendi mais profundamente com a ajuda do Magistério da Igreja e de alguns homens excepcionais, entre os quais Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Josemaria Escrivá, João Paulo II e Bento XVI.

Perante aqueles que se fecham para não perder a sua liberdade, Cristo mostra como ela se conquista com a entrega total e cruenta da sua própria vida.

O que é o coração inquieto de Agostinho, senão o desejo de alcançar o bem que nos torna livres, ou o desgosto de o ter encontrado tarde, segundo o seu parecer de amante? S, Tomás, nos seus estudos sobre a lei eterna, a lei natural e a consciência, assume o afã pela verdade que nos liberta, e colocará a sua poderosa inteligência ao serviço da verdade em *De Malo, De Veritate, Summa Theologica* e em tantas outras obras. Essa verdade que resplandece em João Paulo II quando, contra todas as modas passageiras, afirma que "Cristo crucificado revela o significado autêntico da liberdade, vive plenamente o dom total de si mesmo e chama os discípulos a tomar parte na sua própria liberdade".

Perante aqueles que se fecham para não perder a sua liberdade, Cristo mostra como ela se conquista com a entrega total e cruenta da sua própria vida. A liberdade constrói-se entregando-a. O cardeal Ratzinger dissertou amplamente sobre a liberdade, mas, na memorável Jornada Mundial da Juventude de 2005, mostrou a sua grandeza, com simplicidade, no mesmo facto: na cruz antecipada na Última Ceia do Senhor e reproduzida na celebração da Missa. Cristo transforma a violência que o crucifica no amor

que se dá inteiramente. O grande pecado do homem, havia escrito em *Criação e Pecado*, "é que o homem quer negar o facto de ser criatura, porque não quer aceitar a medida nem os limites que isso acarreta". Esse homem não será livre, porque "a liberdade - dirá aos jovens em Colónia - não significa gozar a vida, considerar-se absolutamente autónomo, mas agir segundo a medida da verdade e do bem, para nos tornarmos, assim, verdadeiros e bons".

Do Fundador do Opus Dei são estas palavras: "Há um bem que [o cristão] deve procurar especialmente: a liberdade pessoal. Somente se defender a liberdade individual dos outros com a correspondente responsabilidade pessoal, pode, com honradez humana e cristã, defender também a sua própria liberdade". Noutra lugar, afirma que, não somente prega, mas grita o seu amor à liberdade face aos pusilânimes que a veem como um perigo para a fé. Tal seria uma interpretação errada da liberdade, uma liberdade sem qualquer fim, sem normas objetivas, sem responsabilidade.

Mas lembra sempre que Jesus "não se quer impor". Por isso mesmo, encarrega-se de desvendar o espantinho das palavras ocas: "liberdade", que aprisiona; "progresso", que faz regressar à selva; "ciência", que esconde ignorância... Sempre um barracão a encobrir a velha mercadoria estragada (ver *Sulco*, 933). Somos livres quando nos orientamos para a verdade e o bem, ou somos apenas debilmente livres? O Concílio Vaticano II reiterou a obrigação de procurar a verdade e aderir a ela. Poderíamos interrogar-nos sobre aquilo que verdadeiramente procuramos porque, sem dúvida alguma, procuramos algo. Procuramos algo que nos melhora enquanto pessoa? Procuramos algo que nos transcende?

Pode-se falar da insuportável leveza de algumas liberdades superficiais ou frívolas; ou de liberdades que escravizam porque, como disse Tomás de Aquino, retêm o homem em condições alheias ao seu ser, retiram-no de si mesmo.

Parafrazeando um pensamento conhecido, pode falar-se da insuportável leveza de algumas liberdades superficiais ou frívolas; ou de liberdades que escravizam porque, como disse Tomás de Aquino, retêm o homem em condições alheias ao seu ser, tiram-no de si mesmo. Quando isso acontece, a pessoa torna-se inferior, fere a sua natureza e, em termos cristãos, ofende a Deus, aos outros e a si mesmo. Encontra-se num estado a que se pode chamar escravidão do pecado, do erro, da frivolidade ou de uma vida não realizada. Em qualquer caso, e nessas circunstâncias, a pessoa não deixa de ser livre, porque isso é impossível, mas vive com uma liberdade doente e falida que não a levará muito longe. O homem é tanto mais escravo, disse Tomás de Aquino, quanto menos lhe resta daquilo que lhe é próprio: a razão, a vontade, o coração reto.

É necessário, portanto, uma grande tarefa educativa que mostre a verdade, o bem, a beleza, a unidade; que leve a encontrá-las no meio das tarefas habituais através do exercício das virtudes humanas - sinceridade, lealdade, laboriosidade, alegria, valentia, constância, fortaleza, solidariedade, justiça, sobriedade, generosidade, prudência, humildade, decência, honradez, pudor, etc. - e, se é cristão, das teologais: fé, esperança e caridade. Assim, será fácil que vivamos "como homens livres e não como aqueles que convertem a liberdade num pretexto para o mal", como escreve S. Pedro.

** Pablo Cabellos é sacerdote, doutorado em Direito Canónico e especialista em Orientação Familiar.*

Para a liberdade

"Paradoxalmente, a liberdade atinge a sua plenitude quando escolhe servir", diz-se neste artigo sobre a liberdade na vida do cristão, uma liberdade que amadurece no amor a Deus.



Não há nada melhor do que saber que somos, por Amor, escravos de Deus. Porque nesse momento perdemos a situação de escravos para nos tornarmos, amigos, filhos. E aqui surge a diferença: enfrentamos as ocupações honestas do mundo com a mesma paixão, com o mesmo empenho que os outros, mas com paz no íntimo da alma; com alegria e serenidade, mesmo nas contradições: pois não depositamos a nossa confiança naquilo que é passageiro, mas no que permanece para sempre, não somos filhos da escrava, mas da mulher livre (Gal4, 31) [1].

Paradoxalmente, a liberdade atinge a sua plenitude quando escolhe servir. Pelo contrário, a pretensão de uma liberdade absoluta, independente de Deus e dos outros, sem nada que a limite, desemboca num eu prostrado diante do dinheiro, do poder, do êxito ou de outros ídolos, mais ou menos brilhantes, mas caducos e sem valor.

«A liberdade de um ser humano é a liberdade de um ser limitado e, portanto, ela própria é limitada. Só a podemos possuir como liberdade partilhada, na comunhão das liberdades: a liberdade só pode desenvolver-se se vivemos, como devemos, uns com os outros e uns para os outros» [2].

Necessitamos dos outros, não só pelo que deles recebemos, mas também porque estamos feitos para dar. Não há crescimento pessoal independente das necessidades daqueles que nos rodeiam; o marido realiza-se servindo a sua mulher e os seus filhos, e o mesmo ocorre com a esposa; o advogado exerce a sua profissão para servir o cliente e o bem comum dos cidadãos; o doente põe-se nas mãos do médico e este tem que se acomodar ao doente...; **qual é o maior, o que está à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Pois Eu estou no meio de vós como um que serve** [3] .

O serviço que Cristo pede aos seus discípulos não consiste só em dar algo, mas em dar-se a si próprio, em pôr a liberdade radicalmente em jogo. Como escreveu o Papa Bento XVI na sua primeira carta encíclica: «A íntima participação pessoal nas necessidades e sofrimentos do outro converte-se, assim, num dar-me a mim mesmo; para que o dom não humilhe o outro, não somente devo dar-lhe algo meu, mas a mim mesmo; hei-de ser parte do dom como pessoa» [4] .

Dar-me a mim mesmo por completo, entregar-me de todo, é simplesmente entregar a minha liberdade: entregá-la por amor. Entregando a liberdade por amor tornamo-nos mais capazes de amar e de entrega e, portanto, mais livres; este é o jogo da doação pessoal: dar sem perder; mais ainda: ganhar dando.

Quando a liberdade se deposita inteiramente em Deus, sem outras garantias que não seja procurar e fazer a Sua vontade, o ganho é a identificação com Cristo e a liberdade recupera-se a um nível mais profundo: como íntima liberdade filial que nenhuma circunstância nem nenhum poder podem submeter. **Por Ele renunciei a todas as coisas e as considero como esterco, para ganhar a Cristo e ser encontrado n'Ele** [5].

Procurar Cristo

«A cada homem é confiada a tarefa de ser artífice da sua própria vida» [6] Cada um pode fazer da sua vida uma obra-prima de amor; com acertos, erros, debilidades: não tem importância. O importante é não perder de vista o farol, o sentido, Aquele em quem o coração se alegra [7], o único que pode encher a capacidade de amar, para quem queremos orientar radicalmente a liberdade.

As escolhas particulares – empreender e desenvolver uma profissão, estabelecer um horário, adquirir qualquer compromisso, grande ou pequeno – apontam, em última análise, para um bem querido em si mesmo, não em função de outro. Esse bem que amamos de maneira absoluta caracteriza-nos mais do que qualquer outra coisa.

Este fim dá sentido último às pequenas ações de cada dia, guia o comportamento concreto, é o critério que indica, na dúvida, o que convém ou não convém fazer.

Ou seja, como diz São Tomás comentando Santo Agostinho, só há dois bens que podem apresentar-se ao homem como absolutos e, portanto, guiar o resto das ações: a glória de Deus ou a própria estima. «Como no amor a Deus, o próprio Deus é o fim último para onde se ordenam todas as coisas que se amam retamente, assim no amor da própria excelência se encontra outro fim último para onde se ordenam também todas as coisas; pois o que procura abundar nas riquezas, na ciência, em honrarias, ou quaisquer outros bens, por tudo isso procura a sua própria excelência» [8].

Só Deus pode dar autêntica unidade de sentido aos nossos desejos e afazeres: «fizestes-nos para Ti e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti» [9] Esta frase de Santo Agostinho mostra a origem e o fim da liberdade criada, que é ao mesmo tempo dom e tarefa. Deus deu-nos a liberdade para atingir a plenitude; e a plenitude é o resultado de escolher o Amor de Deus, procurando a Sua vontade nas grandes decisões e nas pequenas coisas de cada dia.

Um dos lugares onde o Evangelho mostra a orientação da existência como fruto das escolhas pessoais é no episódio do jovem rico. A inquietação do coração desse homem impulsiona-o a procurar o caminho da autêntica felicidade.

Não querendo conformar-se com menos, dirige-se a quem tem as respostas definitivas, a Jesus: **Bom Mestre, que devo fazer para obter a vida eterna?** [10] A resposta do Senhor não é menos radical do que a pergunta. Primeiro indica quais são os caminhos incompatíveis com o que procura: **não cometerás adultério, não roubarás, não dirás falso testemunho...**[11]

Depois indica-lhe a direção que leva à paz e à alegria verdadeiras: Se queres ser perfeito, **vende tudo quanto tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-Me** [12].

Essas palavras relativizam a importância de tudo o que até então centrava o interesse do jovem. A sua liberdade tropeça com uma alternativa não prevista, uma chamada a alargar o horizonte da sua vida.

Não é que vivesse mal; pelo contrário, tinha um prestígio social e moral que seguramente proporcionava satisfação aos seus pais e educadores. Mas isso parecia-lhe insuficiente, aspirava a mais..., e, por isso, se dirigiu ao Mestre. No entanto, perante o novo panorama que Jesus lhe abre, cala-se; sabe que o **Bom Mestre** tem razão, mais ainda depois de escutar as misteriosas palavras que revelam de algum modo a Sua divindade: **Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus.**

Apesar de tudo, não é suficientemente livre para se pôr à disposição do Senhor. A prudência humana, o temor a perder algo valioso e, talvez, o desejo de segurança, levam-no a conformar-se com o que já tem, com a vã esperança de que, sem aspirar a tanto como o que Jesus lhe propõe, sem arriscar a sua posição, a sua fama, o seu dinheiro e, finalmente, o seu próprio eu, talvez possa *estar bem*.

Quando se procura fazer o bem com pouco amor, dificilmente se encontra o caminho. Com palavras de São João da Cruz, «quem a Deus procura querendo continuar com os seus gostos, procura-O de noite e, de noite, não o encontrará» [13]; então a razão complica-se em *razões sem razão* [14] e o bem deixa de se fazer ou atrasa-se.

Se o amor é muito débil, a luta torna-se torpe, enredada pelo emaranhado de muitas pequenas ataduras, indecisa; quando as razões de amor não são suficientes para fazer o que Deus quer, procuram-se outras falsas razões para não o fazer.

O coração do jovem não ficou satisfeito: Uma resposta a medias não satisfaz ninguém, nenhum coração humano se conforma com medianias; por isso **retirou-se triste** [15]

Voltar para Cristo

Perseverar no amor não consiste numa luta tensa por não falhar nunca. Habitualmente nenhum veleiro chega ao porto de destino em linha reta, mas procura aproveitar os ventos que encontra e corrige constantemente os desvios que os instrumentos de navegação detetam.

O importante é saber onde se quer chegar e permanecer vigilantes. É necessário voltar a entregar a liberdade muitas vezes, sobretudo se verificamos que começámos a servir *outros senhores* [16].

Para não nos perdermos, devemos examinar a atuação concreta à luz da vocação; esta é como o farol divino que orienta a liberdade. *É indispensável*

por isso estar dispostos a recomeçar, a reencontrar – nas novas situações da nossa vida – a luz, o impulso da primeira conversão. E esta é a razão pela qual nos temos que preparar com um exame profundo, pedindo ajuda ao Senhor, para que possamos conhecê-l’O melhor e nos conheçamos melhor a nós próprios. Não há outro caminho, se temos de nos converter de novo [17].

A falta de alegria é um desses indicadores que permitem descobrir quando a vontade está a perder a orientação para Deus. Com a luz do Espírito Santo poderemos ver onde está posto o coração, para retificar o que seja necessário.

A parábola do filho pródigo é o guia autêntico no itinerário para a conversão. O ponto de partida é o momento em que o filho se apercebe da sua indigência material e sobretudo espiritual – a falta de alegria – pois toma consciência de ter abusado da sua liberdade filial.

Começa então a examinar a sua situação com objetividade. Olha para dentro de si, *in se autem reversus*[18], sem medo a reconhecer a dura verdade dos factos. O panorama é de fome, solidão, tristeza, falta de carinho... Como cheguei a esta situação? perguntar-se-ia. Poderia ter atirado a culpa à má fortuna ou ao período de carestia que a região atravessava. No entanto, atreve-se a assumir as suas decisões anteriores sem se esquivar da responsabilidade.

Foi ele próprio, livremente, quem trocou a fidelidade ao seu pai pela ilusão de uma felicidade irreal. Foi amadurecendo nele a ideia de que os bens que lhe cabiam, neste caso a herança paterna, teriam a capacidade de saciar as suas ânsias de bem-estar, de realização pessoal. A sua vontade tinha-se ido fechando no seu pequeno tesouro: as suas ambições, a sua diversão, o seu tempo, a sua sensualidade, a sua preguiça.

Foi a viva percepção da sua penúria que o fez reagir e aperceber-se do pouco que valia por si só, das cruéis servidões a que se tinha visto sujeito

sem o seu pai: **quantos jornaleiros lá em casa do meu pai têm pão em abundância e eu aqui morro de fome!** [19]

A casa do Pai: a Igreja Santa de Deus, esta *porçãozinha da Igreja* que é a Obra... Perdeu o medo a chamar as coisas pelo seu nome, e o contacto com a verdade sobre si próprio encaminha-o para a liberdade: **a verdade vos fará livres** [20] Perante a realidade das coisas toma corpo a nostalgia do amor do Pai; é a viagem de regresso a casa.

Deve regressar-se ao lar muitas vezes na vida porque é o lugar do reencontro connosco mesmos, onde redescobrimos o que somos: filhos de Deus. A casa é também a consciência, sacrário íntimo da pessoa. E o filho pródigo, que com tanta determinação tinha exigido os seus direitos, à vista da verdade nua e crua sobre si mesmo, renuncia agora a todo o direito. **Levantar-me-ei, irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: “pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como a uno dos teus jornaleiros”.** Levantou-se e foi ter com o pai [21].

No regresso já principia a alegria da conversão. O arrependimento abriu a porta à esperança e, na decisão de regressar, a liberdade recuperou a sua disposição para o amor. Mas além disso, o encontro com o pai supera as melhores expectativas.

O pobre coração humano, humilhado pelas suas faltas, ver-se-á inundado pela infinita misericórdia do Amor: **quando ele ainda estava longe, o pai viu-o, ficou movido de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe aos braços e beijou-o** [22]

A liberdade amadurece no amor a Deus; a liberdade filial não se contabiliza num balanço de acertos e de erros; os erros convertem-se em acertos, em ocasiões de amar mais, quando sabemos retificar e pedir perdão, com plena confiança na misericórdia de Deus.

Aprendamos a recomeçar pela mão do nosso Pai: *Terão observado no vosso exame – a mim acontece-me o mesmo: desculpem que faça*

referências a mim próprio, mas enquanto falo convosco vou pensando com Nosso Senhor nas necessidades da minha alma – que sofrem repetidamente pequenos reveses, que às vezes parecem descomunais, porque revelam uma evidente falta de amor, de entrega, de espírito de sacrifício, de delicadeza. Fomentem as ânsias de reparação, com uma contrição sincera, mas não percam a paz. [23].

Não percam a paz: este comovedor pedido paterno vai unido a uma chamada à contrição, que é o mais importante do exame de consciência. São Josemaria abria a sua alma para nos dar o alimento da sua experiência de convívio com Deus.

Agora a sua experiência é a bem-aventurança, e a sua participação na paternidade de Deus é mais intensa. Recorramos à sua intercessão para alcançar uma contrição serena e filial; para que nos ensine a fazer um exame contrito, que não tire a paz mas que a dê. Cada ato de contrição é um recomeçar. Que paz dá saber que, enquanto há vida, não há fracassos definitivos!

Viver em Cristo

São João descreve no Apocalipse uma multidão incontável diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de branco e com palmas nas mãos [24]. A palma é símbolo da alegria e do triunfo, da alegria de honrar a Deus e da vitória dos que Lhe dão glória para sempre. Poderíamos dizer, seguindo esta imagem, que a *palma* da liberdade está na sua orientação para Deus até chegar ao triunfo definitivo da santidade alcançada.

Como conseguiremos tão preciosa conquista? O Concílio Vaticano II ensina que «a liberdade do homem, ferida pelo pecado, não pode conseguir esta orientação para Deus com plena eficácia se não for com a ajuda da graça» [25].

Por isso Deus enviou o seu Filho, que veio em nossa ajuda para nos fazer participantes da Sua vitória na Cruz e para que recebamos o dom do

Espírito Santo. A nossa liberdade foi liberta no Calvário: «**para sermos livres Cristo libertou-nos**. N’Ele participamos da verdade que nos faz livres. O Espírito Santo foi-nos dado e, como ensina o Apóstolo, **onde está o Espírito, aí está a liberdade**. Já a partir de agora nos gloriamos da liberdade dos filhos de Deus» [26].

Deus tinha prometido ao Seu Povo um princípio novo de vida, uma lei escrita no coração que não só indicasse a direção, mas que desse também forças para caminhar pela senda do amor a Deus: **dar-vos-ei um coração novo e porei no vosso interior um espírito novo. Arrancarei da vossa carne o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne. Porei o Meu espírito no vosso interior e farei com que caminheis de acordo com os Meus preceitos e guardareis e cumprireis as Minhas normas** [27]

Esta promessa fez-se realidade com o envio do Espírito Santo, porque **o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado** [28]. Só sobre este princípio novo poderemos construir uma vida liberta da escravidão do egoísmo, uma vida de filhos livres. **Porque os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus** [29]

Que a vontade se apoie sobre a rocha sobrenatural da filiação divina, e não sobre a areia das próprias forças. Então podem vencer-se as próprias limitações, superando os obstáculos a partir da humildade, com a força de Deus.

A vontade, sobrenaturalmente boa, vive assim endeusada, procurando fazer em tudo a Vontade de Deus. Como? Mediante o esquecimento de si, com a fortaleza de Cristo. **Portanto** – diz São Paulo – **de boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Por isso, alegro-me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por Cristo, porque quando sou fraco, então é que sou forte** [30].

O sentido da filiação divina é um fundamento realista para a liberdade; ensina a recomeçar a partir da verdade da própria pequenez, que é ao mesmo tempo grandeza de ser filho amadíssimo de Deus; é fonte de serenidade e de otimismo para a luta.

O filho de Deus sente-se apoiado pela onipotência de um Pai que o ama com os seus defeitos, ao mesmo tempo que o ajuda a lutar contra eles e o impulsiona para a liberdade.

C. Ruiz

NOTAS

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 35.

[2] Bento XVI, *Homilia*, 8-XII-2005.Lc 22, 27.

[3] Lc 22, 27.

[4] Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est*, n. 34.

[5] Fl 3, 8.

[6] João Paulo II, *Carta aos artistas*, 4-IV-1999, n. 2.

[7] Cfr. Sl 33[32], 21.

[8] São Tomás de Aquino, *De Malo*, q. 8, a. 2, c.

[9] Santo Agostinho, *Confissões* 1, 1, 1.

[10] Lc 18, 18.

[11] Lc 18, 20.

[12] Mt 19, 21.

[13] São João da Cruz, *Cântico espiritual*, 3, 3.

[14] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 37.

[15] *Mt* 19, 22.

[16] Cfr. *Lc* 16, 13.

[17] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 58.

[18] *Lc* 15, 17.

[19] *Lc* 15, 17.

[20] *Jo* 8, 32

[21] *Lc* 15, 18-20.

[22] *Lc* 15, 20.

[23] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 13.

[24] Cfr. *Ap* 7, 9-10.

[25] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 17.

[26] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1741; *Gl* 5, 1; cfr. *Jo* 8, 32; cfr. *2 Cor* 3, 17; cfr. *Rm* 8, 21.

[27] *Ez* 36, 26-27.

[28] *Rm* 5, 5.

[29] *Rm* 8, 14.

[30] *2 Cor* 12, 9-10.

A amizade

Jesus Cristo, imagem do rosto misericordioso do Pai e modelo dos cristãos, constitui a melhor definição do que é um amigo.



Apresentamos um excerto do capítulo Amistad I do livro de F. FERNÁNDEZ CARVAJAL, *Pasó haciendo el bien*, Madrid, Palabra 2016

Jesus Cristo, imagem do rosto misericordioso do Pai e modelo dos cristãos, constitui a melhor definição do que é um amigo. Basta abrir o Evangelho de S. João, na cena da última ceia, e ouvir as declarações do Senhor: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando.» (Jo 15, 12-14) O pranto pela morte do Seu amigo Lázaro, a tristeza pela deserção do jovem rico, o diálogo com Judas no jardim das oliveiras, são

indubitavelmente sinais da amizade de Jesus, de intimidade com os Seus amigos.

1. O seu preço é incalculável

Um amigo é quem aparece quando todos se vão embora. É quem está próximo, especialmente em tempos de necessidade. Tanto mais próximo, quanto maior é a ajuda necessária. O amigo não abandona o amigo em circunstâncias que o comprometem. Como se nota a presença deste amigo!

A amizade cria fortes laços de confiança e lealdade. Para o pensamento clássico, a amizade é a relação humana natural por excelência, porque nela se dão as condições para um tratamento livre e recíproco, por isso é considerada condição *sine qua non* para uma vida feliz. Segundo Aristóteles, a amizade é o mais necessário para a vida; por isso, "o homem feliz precisa de amigos" [1]. Sem amigos, ninguém gostaria de viver, mesmo que possuísse os outros bens, porque a prosperidade não tem utilidade se for privada da possibilidade de fazer o bem, que se exercita com base na amizade: "é próprio do amigo fazer o bem "[2]

Boa comunicação e tempo, afãs compartilhados, confidências mútuas, crescente apreciação, admiração e respeito por ambas as partes criam gradualmente laços fortes que nem a distância nem o silêncio nem o tempo quebram. A vontade de ir acompanhar, ajudar, confortar o amigo está sempre presente. E tudo sem interesse, por pura generosidade que não para diante da dificuldade: "louvamos os que amam os seus amigos, porque o apreço que se dá aos amigos parece ser um dos sentimentos mais nobres que podemos nutrir" [3].

Antoine de Saint-Exupéry escreveu num momento importante da sua vida: «Preciso da tua amizade; Tenho sede de um amigo que, acima dos litígios da razão, respeite o peregrino em mim ... Posso entrar em tua casa sem vestir o uniforme, sem me submeter à recitação de qualquer Corão, sem abrir mão do que pertence à minha pátria interior. Ao teu lado não tenho que me desculpar, não tenho que me defender, não tenho que provar,

encontro a paz ... vejo em ti a vontade de me aceitar tal como sou ... Amigo, preciso de ti como de um cume de um monte para respirar ... tenho necessidade de ajudar-te a viver»[4].

A amizade exige fortaleza, decisão, espírito sacrificado, generosidade, tempo. Existem muitas formas de lealdade entre amigos.

1. A defesa do outro quando as circunstâncias o exigirem e mesmo que isso signifique para mim a perda de algo importante.
2. Sempre manter interesse pelos assuntos do amigo.
3. Acompanhá-lo em problemas e infortúnios.
4. Responder aos seus pedidos.
5. Falar-lhe com sinceridade sobre as coisas que faz de errado e ajudá-lo a melhorar.
6. Compartilhar preocupações, tristezas, alegrias, festas.
7. Respeitar a sua privacidade e manter em segredo as suas confidências.
8. Cumprir as promessas.

A amizade precisa de paciência de ambos os lados: com os defeitos do amigo, com as suas obsessões e teimosia, às vezes com os seus longos silêncios, outras com raiva, erros, ofensas se nos atingirem, as suas pequenas coisas, enfim.

A inveja está essencialmente em desacordo com a amizade; também os *ciúmes*, causadores de tanta ruína. Porque o bem do amigo não pode entristecer-me. A apreciação do meu amigo por outras pessoas não diminui a confiança que tem em mim quando é verdadeiramente amigo.

A amabilidade, a simpatia, o humor, a benevolência, a flexibilidade, o bom coração, a compreensão, a generosidade, a alegria, o perdão, o carinho, a compaixão e mais coisas boas devem estar presentes no tratamento entre amigos e nessa amizade particular e única entre marido e mulher. Todos estes ingredientes salvaguardam a amizade quando surgem conflitos.

Provavelmente não serei amigo do varredor que vejo um dia fugazmente enquanto recolhe folhas mortas e eu atravesso a rua. No entanto, posso tratá-lo com bondade e cordialidade e desejar-lhe um bom dia. Talvez não volte a ver a pessoa que na rua me pergunta por uma direção, mas a minha resposta deve resultar de me colocar no seu lugar e ser amigável. Se alguém telefonar, interrompendo o meu trabalho, para fazer uma pergunta, poderia responder com pouca cordialidade; no entanto, posso cuidar da sua situação, conter o meu desconforto e ser gentil. E com quem se enganou no telefone e me ligou, quando realmente queria falar com a loja de frutas da esquina.

Essa familiaridade e proximidade com quem solicita a minha atenção sem me conhecer, reconforta, tira de apuros; e se a pessoa recebe uma boa resposta - talvez acompanhada também de um sorriso e um olhar amigável -, agradece, pensa assim que não está só e que a vida não é tão cruel e fica feliz. Reconhece nesta voz, nessa face que certamente esquecerá, a parte boa da humanidade. E, talvez, confie novamente na vida.

O *companheirismo* pode ser considerado uma forma menor de amizade. É um vínculo e um relacionamento que surge entre pessoas que compartilham uma tarefa; une-as o trabalho, um projeto, os estudos. E a partir desse objetivo comum que os reúne dia após dia e do compartilhar dificuldades e realizações, surgem laços de simpatia e carinho que podem levar à amizade. Também nos sentimos solidários com alguém que espera na mesma fila da bilheteira para comprar um bilhete.

É oportuno lembrar aqui que o tratamento dentro de um grupo ou equipa deve manter as características da amizade: apreciação, lealdade, serviço, apoio, interesse de uns pelos outros, espírito de cooperação.

Um filósofo francês do século XX exprimia-o desta maneira: «É necessário instalar-se no coração dos outros, pôr-se no lugar deles. É necessário estar no próximo como em casa, falar com cada um na sua linguagem. Sócrates e Joana d'Arc deixavam-se ver de perto»[5]. Ver de perto e não da distância infinita, típica daqueles que não têm interesse em conhecer e conviver.

"Na adversidade, se provam os amigos verdadeiros, porque na prosperidade todos parecem fiéis" [6]. Um velho ditado diz sabiamente que as boas fontes se conhecem em tempos de seca; a amizade sincera manifesta-se na dificuldade.

A caridade fortalece e enriquece a amizade, torna-nos mais humanos, com mais compreensão, mais abertos a todos. Se Cristo é o melhor amigo, aprenderemos com Ele a fortalecer um relacionamento que talvez já estivesse deteriorado, remover um obstáculo, superar o egoísmo e a comodidade de permanecer em nós mesmos.

2. Verdadeiros amigos

A verdadeira amizade é desinteressada, porque consiste mais em dar do que em receber; não busca o seu próprio proveito, mas o do amigo; deve ser leal e sincera; exige renúncias, retidão, troca de favores, serviços nobres e lícitos. O amigo é forte e sincero.

Para que haja verdadeira amizade é necessário que haja correspondência, é necessário que o afeto e a benevolência sejam mútuos. A amizade tende sempre a ficar mais forte: não se corrompe pela inveja, não se esfria por suspeitas, cresce na dificuldade. Então, as alegrias e tristezas são compartilhadas naturalmente.

A amizade é um grande bem humano e, por sua vez, uma ocasião para desenvolver muitas outras virtudes naturais.

O bom amigo não abandona nas dificuldades, não trai; nunca fala mal do amigo ou permite que ele seja criticado, porque sai em sua defesa. Amizade é sinceridade, confiança, compartilhar tristezas e alegrias, incentivar, confortar, ajudar.

Alec Guinness, um importante ator inglês da sua época, convertido ao catolicismo, termina as suas memórias com estas grandes palavras: «Deixar amigos para trás deve ser triste e amargo, mesmo quando sabemos que muitos se nos adiantaram triunfalmente, embora, de alguma maneira misteriosa, continuamos em contacto com eles. Se posso gabar-me de algo nesta vida, é do seguinte: acho que nunca perdi um amigo» [[7].

É próprio da amizade dar ao amigo o melhor que se tem. O nosso maior valor, sem comparação possível, é ter encontrado o Senhor. Não teríamos amizade verdadeira se não quiséssemos transmitir o imenso dom da fé cristã. Os nossos amigos devem encontrar em nós apoio e fortaleza, e um sentido sobrenatural para a sua vida.

A garantia de encontrar compreensão, interesse, atenção movê-los-á à confiança, com a certeza de que os apreciamos, de que se está disposto a ajudá-los. E isto, enquanto realizamos as nossas tarefas diárias normais, tentando ser exemplares na profissão ou no estudo, estando abertos ao tratamento e carinho com todos, impulsionados pela caridade.

3. A amizade protege da solidão

A solidão, de certa forma, faz parte da condição humana e somente a própria pessoa pode sustentar a sua existência. Mas é difícil conduzir-se a si mesmo através das vicissitudes, não apenas no meio das coisas que acontecem, mas também interiormente, porque a fragilidade nota-se por dentro, como a dor, a incerteza, a espera.

Muitos homens encontram-se com uma solidão que parece sem esperança. Talvez tenham perdido a capacidade de ouvir e dialogar com Deus. Estão perigosamente sozinhos e sem norte.

Provavelmente, em nenhuma época como a nossa, se tenha falado tanto de solidão, de "multidões solitárias", chamando-se precisamente ao nosso tempo a "era das comunicações". Podemos comunicar rapidamente em qualquer lugar do mundo com um gesto mínimo.

O terrível mal da solidão só é vencido, em primeiro lugar, com a companhia de Quem nunca abandona e, como complemento, talvez inseparável e necessário, na generosa abertura aos outros, que torna possível a amizade. Um velho provérbio diz com grande sabedoria que "quem não tem amigos vive só a meias".

Isso ocorre porque a pessoa - cada uma, única no mundo e por toda a eternidade - foi criada por Deus para grandes coisas e tem a tarefa de realizá-las. Além disso, o homem está feito para doação de si mesmo e, quando não se entrega, morre. Primeiro fica empobrecido e depois morre.

Seria formidável que pudéssemos chamar amigos às pessoas com quem trabalhamos ou estudamos, com quem convivemos e com quem nos relacionamos com mais frequência. Amigos, e não apenas companheiros ou colegas ou vizinhos. Isso significaria que nos esforçamos nas virtudes que promovem e tornam possível a amizade.

A amizade protege da solidão, porque os amigos são os únicos que podem entrar na esfera pessoal onde a vida pesa e onde as coisas que nos acontecem doem. A comunicação que permite a amizade abre essa porta, quase sempre fechada, e permite que os amigos passem para o espaço interior onde existimos. Os amigos podem entrar: nós deixamo-los entrar. Precisamos que entrem para quebrar a solidão: essa solidão que é compatível com a atenção aos outros, com o nosso interesse pelos outros e com as responsabilidades que adotamos.

Contam de Alexandre Magno, que, estando perto da morte, os seus parentes mais próximos lhe repetiam insistentemente: "Alexandre, onde tens os teus tesouros?" "Os meus tesouros? -respondeu Alexandre -. No

bolso dos meus amigos». No final da nossa vida, os nossos amigos também deveriam dizer que sempre compartilhámos o melhor que tivemos.

4. Recuperar amizades

É possível recuperar amigos perdidos, amizades que foram quebradas por alguma causa que, talvez, não fosse caso para tanto.

As pessoas podem mudar e, além disso, que sabemos sobre o que acontece nos seus corações?

S. Bernardo, para recompor laços quebrados ou prestes a quebrar-se, aconselha: «Quando vires algo mau no teu amigo, não o julgues naquele instante; pelo contrário, tenta desculpá-lo no teu coração; desculpa a intenção, pensa que o fez por ignorância, surpresa ou desgraça. Se o erro é tão claro que não podes escondê-lo, pensa que a tentação terá sido muito forte»[8].

Manter amigos é uma grande virtude, e ainda maior é restaurar amizades que foram enfraquecidas ou quebradas.

O Senhor ama-nos como somos, também com as nossas falhas, e para nos mudar, conta com a graça e com o tempo. Perante os defeitos dos nossos amigos, a caridade que move à compreensão e à ajuda, nunca deve faltar.

A simplicidade permite deixar de lado possíveis agravos que não eram intencionais.

NOTAS

[1] Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, IX, 1170 b 15-19.

[2] Aristóteles, *Ibid*, IX, 1171 b 14-25.

[3] Aristóteles, *Ibid.*

[4] A. de Saint-Exupéry, *Carta a um refém*, *Obras completas*, pp. 496-497.

[5] J. Guitton, *Aprender a viver e a pensar*, pp. 64-65.

[6] Santo Ambrósio, *Sobre o ofício dos ministros*, III, 127.

[7] A. Guinness, *Memórias*, p. 307

[8] S. Bernardo, *Sermão sobre o Cântico dos Cânticos*, 40.

Os outros e eu: versos do mesmo poema

Temos uma história, uma família, uma vizinhança, uma cultura... Cada um de nós é lar e pode, por isso, fazer lar onde quer que vá. O caminho, sempre aberto, da maturidade da personalidade passa por viver e conceber a nossa vida em função dos outros.



«Deus viu que era bom»[1]. Tendo como fundo este estribilho, que envolve todo o primeiro relato da criação do mundo, é-nos apresentado, em contraste, «o pensamento de Deus, quase o sentimento de Deus (...) que observa Adão sozinho no jardim: é livre, é senhor... mas está sozinho. E Deus vê que isto “não é bom”»[2]: a solidão do homem é como que uma peça que não encaixa no puzzle da criação. Quando finalmente o Senhor lhe apresenta Eva, que é osso dos seus ossos e carne da sua carne[3], Adão liberta-se de uma estranha melancolia que ele próprio não conseguia explicar. Agora sim pode dizer com Deus que “tudo é bom”: reforçado na

sua vocação para ir ao encontro com *outros como ele*, o mundo deixa de ser para ele um lugar inóspito.

Viver com os outros melhora a nossa personalidade, mas ficaríamos muito aquém se nos limitássemos a essa constatação. Necessitamos dos outros e eles necessitam de nós: nunca estão *a mais*; são a terra a que sempre pertencemos e de onde Deus nos chama a receber e a acolher a todos. Porque temos uma história, uma família, uma vizinhança, uma cultura, cada um de nós é lar – lugar de acolhimento – e pode fazer lar onde quer que vá. Porque temos casa, podemos ver o mundo como casa: como a nossa própria casa e, simultaneamente, como «a grande casa comum»[4]. O afeto pelas nossas raízes, a cultura serena do nosso modo de ser... tudo isso nos permite amar e ser amados, acolher e ser acolhidos.

Com os outros e para os outros

Uma das experiências basilares da nossa vida é que contamos connosco: alguém cuidou de nós, nos fez andar para a frente. Cada um é um ser “recebido”. Ninguém cresce sozinho; e ninguém, na realidade, está só, embora algumas vidas de facto se desenvolvam assim. A desestruturação familiar e, como consequência, o abandono em que vivem muitas crianças, não fazem deste princípio antropológico fundamental uma ideia bonita mas inútil. Não faltam pessoas que cresceram em ambientes hostis e ficaram com danos devido a carência de amor, mas que também, por isso, são sensíveis ao afeto e podem converter-se em *terra de acolhimento* para os outros. Quem sofreu muito pode amar muito.

«Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com as demais. Nenhuma pessoa é um verso solto, mas fazemos todos parte de um mesmo poema divino»[5]. Os outros não estão simplesmente lá fora, como uma pedra junto ao caminho: pertencem-nos e nós pertencemos-lhes, mais intimamente do que podemos pensar. Entendê-lo-emos plenamente no Céu, embora na terra se consiga entrevê-lo, se vivemos junto de Deus e daqueles que nos rodeiam. Esta mútua pertença tem duas implicações de grande alcance: os outros apoiam-se em mim e eu posso e devo apoiar-me neles.

Amar e deixar-se amar: o caminho sempre aberto da maturidade passa por incorporar na própria vida esses dois aspetos do nosso «ser com os outros e para os outros»[6].

A adolescência é o primeiro momento em que este desafio aparece de modo claro. Entretanto, os pais deram forma ao coração de quem agora começa a andar por conta própria. Embora quase tudo tenha arranjo, esse trabalho prévio dos pais define em boa medida o nosso olhar para o mundo e o que o deslumbra.

O adolescente tende facilmente a escolher modelos diferentes dos pais, porque começa a notar a necessidade de se afirmar. Nutre sentimentos ambivalentes: juntamente com a percepção da própria dependência, apercebe-se de uma sede de emancipação e, por isso, o amor aos pais vai a par de uma certa rejeição para com o próprio lar; é um principiante, mas quer convencer-se de que tem segurança; procura distinguir-se mas, ao mesmo tempo, quer pertencer a um grupo. Trata-se de um momento difícil para o interessado e para os seus pais; mas, para além das manifestações um pouco extravagantes deste desejo de se singularizar, a verdadeira razão do que sucede ao adolescente é que se está a ampliar o sentido de si próprio.

Se é característico da infância referir tudo ao próprio *eu*, com a chegada progressiva da maturidade o eu estende-se, abre-se aos outros: começa-se a sentir o desejo - e a responsabilidade - de dar contributos pessoais; descobre-se que os outros têm os seus interesses e entusiasmos. “Os outros existem”; precisamente um sinal claro de imaturidade consiste na incapacidade de se confrontar com essa nova exigência da vida. A superproteção por parte dos pais - um carinho mal entendido, um excessivo zelo por poupar dificuldades e incomodidades - pode gerar esse traço de personalidade. Mais adiante descobre-se esse rasto, por exemplo, em pais ou mães que vivem para o seu trabalho, os seus interesses, as suas amizades, a sua forma física e que se desinteressam da educação dos filhos; proprietários que não só se não preocupam com a sua comunidade de vizinhos, mas que tornam impossível a deliberação pacífica dos assuntos;

peessoas que acumulam agravos para se convencerem de que os conflitos se devem sempre aos outros.

Os dons são para servir

Devemos isso aos outros. Esta é uma convicção que, depurada de servilismo ou de ingenuidade, denota maturidade. Significa que em certo sentido “o meu tempo não é meu”, porque os outros necessitam de mim. O descanso, a diversão, a formação cultural e profissional, adquirem então uma perspectiva mais ampla: esfumam-se as fronteiras entre o meu e o dos outros, sem que isso suponha evasão da própria responsabilidade, nem invasão da liberdade alheia. Trata-se de uma posição conatural para um cristão: «Se o Senhor te deu uma boa qualidade – ou uma faculdade – não é somente para que te deleites, ou para que te pavoneies, mas para a abrir com caridade em serviço ao próximo»[7].

O egoísmo põe-nos fora da realidade: faz-nos esquecer que tudo na nossa vida é dom. «Tens algo que não tenhas recebido? E, se o recebeste, para quê tanto orgulho, como se ninguém to tivesse dado?»[8] Se tudo o que temos é dom, com mais razão o são os outros. E, no entanto, às vezes vivemos como se não existissem, ou submetemo-los de modos subtis ao nosso critério ou aos nossos interesses; mais do que recebê-los, apropriamo-nos então deles.

«Cada pessoa tende a preparar uma espécie de estojo muito cómodo, onde se fecha, e que os outros se aborreçam»[9]. Esta tendência para fazer girar o mundo à volta do nosso eu é um princípio de imaturidade a que sempre temos que ir ganhando terreno, serenamente. Concebemos então o projeto da nossa vida não como uma obra individual mas como um contributo para a felicidade de todos. Descobrimos e redescobrimos, assim, que a verdadeira realização nunca é uma mera “autorrealização”. « Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isto não é senão um lento suicídio (...). Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo.

É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar»[10].

É um facto que, em qualquer grupo humano, cada um se envolve até onde quer, porque há muitas coisas do dia-a-dia que não se podem acertar nem prever de antemão. As famílias e as sociedades avançam graças a esses esforços gratuitos. Desvelos de pessoas que, por vezes rodeadas pela apatia daqueles que preferem não complicar a vida, entendem que outros dedicaram tempo a vê-los crescer no corpo e na alma e sabem que são chamadas a essa mesma lógica, a única que verdadeiramente liberta: pais e mães de família, filhos que cuidam dos pais, estudantes que ajudam os companheiros com dificuldades, trabalhadores que enfrentam problemas daqueles de que ninguém se quer ocupar. «Quando tiveres terminado o teu trabalho, faz o do teu irmão, ajudando-o, por Cristo, com tal delicadeza e naturalidade que nem mesmo o favorecido repare de que estás a fazer mais do que em justiça deves. -Isso, sim, é fina virtude de filho de Deus!»[11].

Evidentemente, este modo de ver a vida não se confunde com o servilismo de quem se dedica a fazer todo o tipo de tarefas, sem ajudar os outros a exigir-se, nem com a ingenuidade de quem permite que se aproveitem das suas boas intenções. Servir não significa sempre fazer coisas: implica sobretudo ajudar os outros a crescer e isto leva também a deixar espaço para a responsabilidade que têm.

Proximidade

A vida moderna tende a prever soluções técnicas para quase todos os problemas, ocultando por vezes o calor humano da ajuda mútua. No entanto, perante situações que abalam a nossa segurança como, por exemplo, um desastre natural ou um acidente, manifesta-se espontaneamente uma solidariedade, um sentido de comunidade que jazia sob as exigências da agitação quotidiana... Surgem de novo as coisas que unem, despertam como de um encantamento: volta-se ao essencial. Isto mesmo sucede em menor escala, com baques pessoais como a morte ou a doença de uma pessoa querida, ou com episódios do convívio diário que,

pelas nossas próprias circunstâncias, podem adquirir um relevo importante: por exemplo quando uma pessoa nos fez notar, mesmo que subtilmente, a «amargura da indiferença»[12], frio que gela a alma; ou, pelo contrário, quando nos apercebemos do calor de um interesse sincero por nós... A alma desperta, então, para o que é verdadeiramente importante: acolher.

«Era peregrino e acolheste-me»[13]. Todos somos, de certo modo, peregrinos e esperamos ser acolhidos: que nos reconfortem, nos escutem, nos olhem nos olhos. Maturidade significa adquirir essa sensibilidade para os outros e, também, por vezes, passar por cima da falta de sensibilidade do outro, mesmo que possamos sofrer com isso. Em determinadas ocasiões convirá aconselhar o que erra, fazendo-lhe notar o seu pouco tato; outras vezes, a melhor pedagogia será o contágio: a delicadeza, tarde ou cedo, desperta a sensibilidade do mais tosco.

Essa sensibilidade leva também as pessoas a ter iniciativas que se concretizam no seu ambiente mais imediato, ocupando-se, por exemplo, de «um lugar público (um edifício, uma fonte, um monumento abandonado, uma paisagem, uma praça), para proteger, limpar, melhorar ou embelezar algo que é de todos. Ao seu redor, desenvolvem-se ou recuperam-se vínculos e fazendo surgir um novo tecido social local. Assim, uma comunidade liberta-se da indiferença consumista (...). Desta forma cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar uma casa comum que Deus nos confiou»[14].

A maturidade que implica essa proximidade aos outros é diferente da facilidade para a relação que é própria das pessoas loquazes ou extrovertidas. Trata-se sobretudo de saber *estar*: observar, escutar, acolher, aprender de todos. Especialmente numa época em que as tecnologias de comunicação permitem relacionar-se com muita gente, torna-se necessário redescobrir a força do *estar* genuíno, da presença pessoal. Um *smartphone* pode permitir-nos contactar de imediato qualquer pessoa, mas nem por isso nos torna mais próximos. No âmbito virtual, a pessoa escolhe quem são os seus “vizinhos”, os seus “amigos” mas, paradoxalmente, isto pode fazer-nos

perder de vista aqueles que a vida põe ao nosso lado. Embora se tenha tornado habitual, não deixa de ser desoladora a figura de um grupo de pessoas juntas que, em vez de falarem entre si, *gerem* as suas respetivas mensagens e perfis: a comunicação virtual absorve então a comunicação real; quase sem nos darmos conta, podemos viver penderes de ver se alguém se lembrou de nós, em vez de pensar: o que está ao meu lado precisa de mim! E o melhor que lhe posso dar é a minha proximidade. Precisamente essa opção pela presença pessoal, em que nos expomos ao contacto direto, à realidade sem filtros, faz-nos crescer em humanidade; desperta-nos uma vez mais para o que é verdadeiramente importante. Pensar nos outros, rezar por eles, leva-nos a viver para eles. «Só assim se vive a vida de Jesus Cristo e nos fazemos uma mesma coisa com Ele»[15] .

Carlos Ayxelá

NOTAS

[1] Cfr. *Gen* 1, 10.12.18.21.25. O versículo 31 apostilha: «Deus viu tudo o que tinha feito, e era muito bom»

[2] Papa Francisco, Audiência, 22-IV-2015. Cfr. *Gen* 2, 18.

[3] Cfr. *Gen* 2, 23.

[4] Papa Francisco, Enc. *Laudato si'* (24-V-2015), n. 13.

[5] *Cristo que passa*, n. 111.

[6] Papa Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-IX-2013), n. 273.

[7] S. Josemaría, *Sulco*, n. 422.

[8] 1 *Cor* 4, 7.

[9] S. Josemaría, notas de uma reunião familiar, 21-X-1973 (AGP, biblioteca, P01, 1974, p. 319).

[10] Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, nn. 272-273.

[11] S. Josemaría, *Caminho*, n. 440.

[12] S. Josemaría, *Carta* 11-III-1940, n. 7.

[13] *Mt* 25, 35.

[14] Francisco, *Laudato si'*, n. 232.

[15] S. Josemaría, *Via Sacra*, XIV estação.

Protagonistas da nossa vida

Quando explicamos o porquê das nossas reações espontâneas, mais do que dizer "eu sou assim", muitas vezes teríamos que admitir: "eu fiz-me assim". Editorial sobre a forja do caráter na vida do cristão.



«Peço-vos para serdes construtores do mundo, que trabalheis por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não fiquéis a olhar a vida “da varanda”, metei-vos nela, Jesus não ficou na varanda, mergulhou... “Não olheis a vida da varanda”, mergulhai nela como fez Jesus»[1]. Face a estas palavras do Papa Francisco aos jovens, surgem imediatamente algumas perguntas, que o próprio Romano Pontífice formulava a seguir: **«Começamos? Por onde? Por ti e por mim! Cada um, de novo em silêncio, interrogue-se: se devo começar por mim, por onde principio? Abra cada um o seu coração, para que Jesus lhe diga por onde começar.»[2].** Para sermos protagonistas dos acontecimentos do mundo é indispensável começar por ser protagonistas da nossa própria vida.

Livres e condicionados

Este protagonismo implica reconhecer que se bem que as circunstâncias familiares ou sociais influem no nosso caráter, não o determinam de um modo absoluto. O mesmo se pode dizer dos instintos mais elementares que provêm da constituição corporal e também da herança genética: marcam algumas tendências, mas podem-se moldar e orientar com o exercício de uma vontade que segue a razão bem formada.

A nossa personalidade forja-se na medida em que livremente tomamos decisões, já que as ações humanas não se dirigem unicamente a mudar o nosso ambiente, mas também influem no nosso modo de ser. Ainda que por vezes aconteça de uma maneira não muito consciente, a repetição de atos faz com que adquiramos determinados costumes ou adotemos uma postura diante da realidade. Por isso, quando explicamos a razão das nossas reações espontâneas, mais do que dizer "eu sou assim", muitas vezes teríamos que admitir: "eu fiz-me assim".

Temos condicionamentos que muitas vezes são difíceis de controlar, como a qualidade das relações familiares, o ambiente social em que se cresce, uma doença que nos limita nalgum sentido, etc. Frequentemente, não é possível ignorá-los ou remediá-los, mas pode-se, sim, mudar a atitude com que se enfrentam, sobretudo se tivermos consciência de que nada escapa aos cuidados providentes de Deus: ***É necessário repetir uma e outra vez que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas que veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados de Deus, de todos eles espera amor***[3]. Em qualquer circunstância, mesmo com grandes limitações, podemos dar a Deus e ao próximo obras de amor, por mais pequenas que pareçam; quem sabe quanto vale um sorriso no meio da tribulação, o oferecimento ao Senhor da dor em união com a Cruz, a aceitação paciente das contrariedades? Nada pode superar um amor sem limites, mais forte que a dor, que a solidão, que o abandono, que a traição, que a calúnia, que o sofrimento físico e moral, que a própria morte.

Artífices da própria vida

Descobrir os talentos pessoais – virtudes, capacidades, jeitos, agradecê-los e retirar-lhes o partido possível é tarefa da nossa liberdade. Mas temos que recordar que aquilo que mais estrutura a personalidade cristã são os dons de Deus, que incidem no mais íntimo do nosso ser. Entre eles encontra-se, de modo eminente, o presente imenso da filiação divina, recebido com o Batismo. Graças a esta, o Pai vê em nós a imagem – ainda que imperfeita, pois somos criaturas limitadas – de Jesus Cristo, que se torna cada vez mais clara com o sacramento da Confirmação, o perdão transformador da Penitência e, especialmente, a comunhão com o seu Corpo e o seu Sangue.

Partindo destes dons recebidos da mão de Deus, cada pessoa, queira ou não, é autor da sua existência. Com palavras de São João Paulo II, «*confia-se a cada homem a tarefa de ser artífice da própria vida; de certo modo, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima*»[4]. Somos donos dos nossos atos – o Senhor, desde o princípio, criou o homem e deixou-lhe nas mãos o seu próprio arbítrio[5]; somos nós, se quisermos, que levamos as rédeas das nossas vidas no meio das tormentas e dificuldades.

Somos livres! Esta descoberta experimenta-se com algo de incerteza; para onde levarei a minha vida? Mas sobretudo com alegria: ***Deus, ao criar-nos, correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que seja uma história verdadeira, feita de decisões autênticas e não uma ficção nem um jogo***[6]. Nesta aventura não estamos sós; contamos, em primeiro lugar, com a ajuda do próprio Deus, que nos propõe uma missão e também com a colaboração dos outros, familiares, amigos, até de pessoas que coincidem casualmente connosco nalgum momento da existência. O protagonismo na própria vida não implica negar que para muitos aspetos somos dependentes e se consideramos que esta dependência é recíproca, então também poderíamos dizer que somos interdependentes. A liberdade, portanto, não se basta a si própria; ficaria vazia se não a empregássemos para nos comprometermos em coisas grandes, magnânimas. Como veremos, a liberdade é para a entrega ou, dito de outro modo, só tem lugar uma liberdade entregue.

Um caminho para recorrer

S. Josemaria costumava recordar um cartaz que encontrou em Burjasot (Valência), pouco tempo depois do fim da guerra civil espanhola, com uma frase que não poucas vezes citou na sua pregação: "*Cada caminhante siga o seu caminho*". Cada alma vive a sua própria vocação de um modo pessoal, com os seus próprios acentos: ***Pode andar-se pela direita, pela esquerda, em zig-zag, caminhando com os pés, a cavalo. Há cem mil maneiras de andar pelo caminho divino***[7]. Cada pessoa é o autor principal da sua **história de santidade**, cada uma tem o seu selo distintivo, na configuração de qualquer faceta da sua existência e da sua personalidade, evitando o mero "deixar-se levar" pelos acontecimentos.

Livremente — como filhos, insisto, não como escravos — seguimos o caminho que o Senhor assinalou para cada um de nós. Saboreamos esta facilidade de movimentos como um presente de Deus[8]. Esta liberdade – soberania humana – vai pela mão da responsabilidade, do saber que somos "feitura de Deus": um sonho divino que se torna realidade na medida em que experimentamos o amor sem condições, que pede a nossa resposta. O amor de Deus afirma a nossa liberdade e eleva-a a níveis insuspeitados com a Sua graça.

Caminhar acompanhados

Dentro dos planos divinos, a vida está feita para se partilhar; o Senhor conta com a ajuda mútua que prestam os seres humanos uns aos outros. Verificamo-lo, de facto, todos os dias; tantas vezes nem sequer somos capazes de cobrir as necessidades mais básicas e perentórias de maneira individual. Ninguém pode ser completamente autónomo. Num nível mais profundo, cada pessoa nota essa necessidade de se abrir a alguém mais, de partilhar a existência, de dar e de receber amor. «*Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Na minha vida entra continuamente a dos outros, no que penso, digo, naquilo em que me ocupo ou faço. E vice-versa, a minha vida entra na vida dos outros, tanto no bem como no mal*»[9].

Esta abertura natural para os outros chega à sua máxima expressão nos planos redentores do Senhor. Quando recitamos o Símbolo dos Apóstolos, confessamos que cremos na comunhão dos santos, comunhão que é o âmago da Igreja. Por isso, na vida espiritual, é também indispensável aprender a contar com a ajuda dos outros, que estão implicados de um ou de outro modo na nossa relação com Deus; recebemos a fé através dos ensinamentos dos nossos pais e catequistas; participamos dos sacramentos que celebra um ministro da Igreja; recorremos ao conselho espiritual de outro irmão na fé, que também reza por nós; etc.

Saber que caminhamos acompanhados na vida cristã enche-nos de alegria e tranquilidade, sem que diminua o nosso próprio empenho por alcançar a santidade. Ainda que muitas vezes nos deixemos levar pela mão, o nosso papel não se limita a isso. São Josemaria, ao referir-se à vida espiritual, manifestava que ***o conselho não elimina a responsabilidade pessoal***. E concluía: ***a direção espiritual deve tender para formar pessoas de critério***[10]. Por isso, não queremos que nos supram nas resoluções que tomamos, nem deixar de pôr esforço nas tarefas que fizemos próprias.

Ao mesmo tempo que reconhecemos a ajuda indispensável dos outros, temos que ter consciência de que, na vida espiritual é o Senhor quem atua através deles para nos transmitir a Sua luz e força. Isto dá-nos segurança para continuar a caminhar para a santidade quando, por um ou outro motivo, faltam aquelas pessoas que tinham um papel importante na nossa vida cristã. Neste sentido, também gozamos de uma profunda liberdade de espírito em relação às pessoas que Deus pôs ao nosso lado, a quem amamos através do coração de Cristo e cujo apoio agradecemos profundamente.

Livres para amar sem condições

Os cristãos sabem que a plenitude pessoal chega como fruto da livre e total disponibilidade aos desejos do Amor de um Deus Criador, Redentor e Santificador. Os dons que recebemos atingem o seu máximo rendimento ao abrir-nos à graça de Deus, como confirma a experiência de tantos santos e santas. Ao deixar que o Senhor se metesse nas suas vidas, souberam pôr-se

amorosamente ao seu serviço, como Santa Maria que, no momento da Anunciação pronuncia ***a resposta firme: fiat! —faça-se em mim segundo a tua palavra! — o fruto da melhor liberdade: a de se decidir por Deus***[11].

Quando uma pessoa se decide por Deus, empenha os seus sonhos e energias naquilo que mais vale a pena. Apercebe-se do sentido último da liberdade, que não está simplesmente em poder escolher uma coisa ou outra, mas em poder dispor da vida para algo grande, aceitando compromissos definitivos. Dedicar as próprias qualidades a seguir a Cristo, ainda que por vezes implique recusar outras opções, traz a felicidade, o cem por um[12] na terra e a vida eterna[13]. Reflete também um alto grau de maturidade interior, pois só quem tem uma personalidade com convicções é capaz de se comprometer de uma maneira total, ***Livremente, sem coação alguma, porque me apetece, decido-me por Deus***[14].

Abandonar passado, presente e futuro no Senhor

A alma que opta por Deus move-se com uma paz interior que supera qualquer tribulação. Sei em quem acreditei[15]: são palavras que expressam a confiança de São Paulo no meio das dificuldades por ser fiel à sua vocação de apóstolo das gentes. Quem põe o Senhor por fundamento, goza de uma segurança inquebrantável e isto permite-lhe doar-se também aos outros, vivendo o celibato por motivos apostólicos ou no matrimónio ou em tantos outros caminhos que pode tomar a existência cristã. É uma entrega que abarca presente, passado e futuro, como rezava São Josemaria: ***Senhor, meu Deus: nas tuas mãos abandono o passado, o presente e o futuro, o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno***[16].

Ninguém pode alterar o passado. No entanto, o Senhor toma a história de cada um, perdoa no sacramento da Reconciliação os pecados que possam ter existido e reintegra harmoniosamente esses acontecimentos na vida dos seus filhos. Tudo é para bem[17]: mesmo os erros que cometemos, se sabemos recorrer à misericórdia divina e, com a graça de Deus, procuramos viver no presente mais pendentes d'Ele. Assim se está também em condições de ver confiadamente o futuro, pois sabemos que está nas mãos

de um Pai que nos ama; quem está nas mãos de Deus, cai e levanta-se sempre nas mãos de Deus!

Decidir-se por Deus é aceitar o seu convite para que escrevamos a nossa biografia com Ele. Reconhecendo humildemente a liberdade como um dom, empregamo-la em cumprir, em companhia de tantas outras pessoas, a missão que o Senhor nos confia. E experimentamos com alegria que os seus planos superam as nossas previsões, como dizia São Josemaria a um jovem: ***Deixa-te levar pela graça! Deixa que o teu coração voe! (...). Faz a tua pequena novela: uma novela de sacrifícios e de heroísmos. Com a graça de Deus, ficarás aquém.***[18].

J.R. García-Morato

NOTAS

[1] Francisco, *Discurso*, 27-VII-2013.

[2] *Ibidem*.

[3] *Cristo que passa*, n. 110.

[4] São João Paulo II, *Carta aos artistas*, 4-IV-1999, n. 2.

[5] *Sir*15,14.

[6] S. Josemaria, "Las riquezas de la fe". Artigo publicado no ABC, 2-XI-1969.

[7] S. Josemaria, *Carta 2-II-1945*, n. 19.

[8] *Amigos de Deus*, n. 35.

[9] Bento XVI, Enc. *Spe salvi*, 30-XI-2007, n. 48.

[10] *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 93.

[11] *Amigos de Deus*, n. 25.

[12] *Mt*19,29.

[13] *Ibidem*.

[14] *Amigos de Deus*, n. 35.

[15] 2 *Tim* 1,12.

[16] *Via Sacra*, VII, n. 3.

[17] Cfr. *Ro* 8,28.

[18] S. Josemaria, *Notas de uma tertúlia*, 29-VI-1974 (AGP, biblioteca, P04, p. 45).

Do contacto virtual às relações pessoais

Com este texto conclui-se a série sobre novas tecnologias e vida cristã. O uso das redes sociais e outros canais é positivo se facilitar uma comunicação verdadeiramente humana.



Que fazer para alcançar a vida eterna? O Evangelho de São Lucas recolhe esta pergunta, que um doutor da Lei dirigiu a Jesus Cristo[1]. Nosso Senhor convidou o seu interlocutor a fixar-se no que diziam as Escrituras, onde se encontra o mandamento do amor a Deus e ao próximo. *Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: — E quem é o meu próximo?*[2] O Mestre respondeu com a parábola do bom samaritano, que, posta agora à nossa consideração, nos pode ajudar a alargar o horizonte das relações pessoais, como Jesus fez com aquele doutor da Lei, para incluir todos os homens, sem distinção de classes ou origens.

Ser sinceramente próximos das pessoas que nos rodeiam é um ensinamento que adquire uma especial vigência na nossa cultura, permeada pelas tecnologias de comunicação. O Papa Francisco recorre ao relato do bom samaritano para assinalar como estas novas realidades se hão-de converter num autêntico lugar de encontro entre pessoas, um meio para viver a caridade com os outros: «Não basta passar pelas “auto-estradas” digitais, ou seja, estar simplesmente conectados: é necessário que a conexão vá acompanhada de um verdadeiro encontro. Não podemos viver sós, encerrados em nós mesmos. Necessitamos de amar e ser amados. Necessitamos de ternura»[3].

Atualmente, os momentos em que entramos em contacto com familiares, amigos ou colegas de trabalho, multiplicam-se. Graças às novas tecnologias, a frequência da comunicação aumenta; é possível conversar com alguém que vive, talvez, a milhares de quilómetros de distância e mesmo partilhar imagens e vídeos sobre o que fazemos nesse mesmo instante. Face a esta situação, cabe a cada um perguntar o que fazer para que esses gestos sejam, mais do que um simples intercâmbio de informação, um meio para estabelecer relações autênticas, com sentido cristão.

A identidade nas redes

A virtude da sinceridade é imprescindível nas relações sociais. «Os homens não poderiam viver juntos se não tivessem confiança recíproca, quer dizer, se não manifestassem a verdade»[4], observa São Tomás de Aquino. Assim, para manter a ordem numa comunidade é indispensável que aqueles que a compõem digam a verdade: de outro modo seria difícil empreender projectos juntos ou confiar num líder, para dar alguns exemplos. Esta sinceridade abrange não só os atos externos (o preço de um produto, os resultados de uma sondagem, etc.), mas também a identidade das próprias pessoas envolvidas: quem são, qual a sua posição na sociedade, qual a sua história, etc.

Para que as relações com os outros sejam enriquecedoras e duradoiras, é lógico que no mundo digital procuremos apresentar-nos de um modo

coerente com o que somos. Isto implica, por exemplo, que a identidade – ou “perfil” – que se cria nas redes sociais reflita o nosso modo de ser e de atuar. Assim, quem entra em contacto connosco na rede tem a confiança de que os conteúdos que partilhamos correspondem à vida que levamos e que não usaremos esses meios para fins dos quais talvez nos envergonhássemos no mundo “real”.

É próprio da condição social do homem que, à medida que as relações crescem e amadurecem – no seio de uma família ou entre amigos – a sinceridade adquira um matiz especial: comunicam-se, não tanto os factos externos, mas o que sucede no mundo interior; expressam-se os próprios gostos, os estados de alma, o modo de ser, opiniões. E passa a ser fundamental mostrar-se a si próprio com franqueza, sem ocultar a própria identidade. No contexto atual, esta manifestação costuma apoiar-se nos recursos que oferecem as novas tecnologias: uma mensagem instantânea, uma publicação numa rede social, um correio electrónico. Por esse motivo, não podemos esquecer que, ao mesmo tempo que partilhamos notícias ou opiniões, também nos estamos a dar a conhecer. Assim o salientava Bento XVI ao falar das redes sociais: «As pessoas que participam nelas devem esforçar-se por ser autênticas, porque nesses espaços não se partilham apenas ideias e informações mas, em última instância, são elas próprias o objeto da comunicação»[5].

Proteger as relações humanas

No ambiente digital, além de viver a sinceridade, que leva a não ocultar a própria identidade, a prudência levará a conhecer bem o alcance que têm os aparelhos e aplicações que utilizamos para manter o contacto com os outros, de modo que possamos adotar um estilo comunicativo adequado ao meio. O público que verá os conteúdos na rede nem sempre será o mesmo, pois por vezes dirigimo-nos a familiares, companheiros, conhecidos, membros de um grupo, etc. Ao mesmo tempo, estamos conscientes de que as publicações podem ser partilhadas e, eventualmente, alcançar uma visibilidade muito mais ampla do que a inicial (tornou-se uma prática habitual partilhar mensagens ou fotografias de terceiros). Por vezes, este

efeito é precisamente o que se procurava, por exemplo ao dar informação sobre uma notícia positiva ou de iniciativas às quais vale a pena aderir. No entanto, quando se partilham elementos que têm a ver com a vida pessoal, a difusão excessiva já não é tão desejável. Além disso, esses conteúdos costumam deixar rastros no ambiente digital e, com certa facilidade, podem ser consultados tempo depois, tendo mudado o contexto que ajudava a entender o que se pretendia dizer.

Definir e controlar limites do público e do privado na rede nem sempre é fácil. Certamente, os provedores de serviços estão cada vez mais conscientes dessa necessidade e ajuda ter conhecimento das soluções técnicas disponíveis. No entanto, isso não dispensa da responsabilidade pessoal na gestão da própria informação: as imagens que se partilham na rede, os comentários que se publicam. Por exemplo, uma frase que na linguagem falada seria entendida como uma piada – pelo tom de voz, pela expressão do rosto, etc. – na rede poderia tornar-se desagradável ou rude. Uma mensagem escrita, talvez, com precipitação, pode fazer perder o tempo aos outros, ser ambígua em relação aos sentimentos relativamente a outras pessoas, e sem o pretender, poderia gerar uma confusão pouco feliz.

As novas tecnologias e, mais em concreto, as redes sociais estimulam o utilizador a ter um papel ativo, criando e alimentando conteúdos. Por isso, convém ser especialmente prudentes ao partilhar elementos que se aproximam da intimidade, própria ou alheia. Não é uma questão de mero controlo da informação. Diz respeito, de modo particular, ao sentido do pudor, que leva a salvaguardar a própria intimidade e a dos outros, reservando-se aqueles dados pessoais ou familiares que, postos ao alcance de outros, podem despertar simplesmente a curiosidade e fomentar a vaidade. Com autodomínio, é bom perguntar-se, antes de publicar algo que implique mais pessoas, se estas estariam de acordo em aparecer nesse contexto, ou se talvez preferissem que determinados eventos ou situações não fossem mostrados na rede.

Conseguir um diálogo autêntico

« O desenvolvimento das redes sociais requer compromisso: as pessoas envolvem-se nelas para construir relações e encontrar amizade, buscar respostas para as suas questões, divertir-se, mas também para ser estimuladas intelectualmente e partilhar competências e conhecimentos.»[6] . As redes favorecem o diálogo e com frequência enriquecem-no, pois pode ir acompanhado de imagens e textos alusivos; além disso, permitem interagir com pessoas que se desenvolvem em culturas muito diferentes da própria, em locais longínquos. Esta possibilidade situa-nos diante o repto de estabelecer um diálogo frutífero, conservando a capacidade de reflexão quando a velocidade das conexões parece exigir-nos respostas cada vez mais imediatas. Sem o pretender, poderíamos afetar o diálogo por não saber esperar e considerar as coisas com mais calma.

Como ensina a epístola de São Tiago, o domínio da língua é um ato de verdadeira caridade, pois descontrolada pode causar danos incalculáveis: *Vede como um pouco de fogo incendeia um grande bosque!* [7]. Neste sentido, pergunta São Josemaria: **Sabes o mal que podes ocasionar atirando para longe uma pedra com os olhos vendados?**[8] Se um comentário oral pode ter um efeito imprevisível, quanto cuidado não será necessário ter no ambiente digital, onde se pode difundir a uma velocidade insuspeitada? Afirmava Bento XVI: «Os meios de comunicação social necessitam, portanto, do compromisso de todos aqueles que estão conscientes do valor do diálogo, do debate racional (...); de pessoas que procuram cultivar formas de discurso e de expressão que apelem às mais nobres aspirações de quem está envolvido no processo comunicativo»[9]. Neste contexto daremos um testemunho cristão se na rede nos empenharmos em viver uma especial delicadeza, adotando um estilo positivo e respeitoso na rede.

Amizade e apostolado na rede

É natural que quem recebeu o dom da fé deseje partilhá-la, com respeito e sensibilidade, com aqueles com quem interage no ambiente digital, já que **temos que conquistar, para Cristo, todos os valores humanos que sejam nobres** [10]. É uma consequência do ser cristão, que leva a difundir o

Evangelho através dos canais que tem à sua disposição. No entanto, para transmitir a mensagem cristã, convém conhecer as peculiaridades do meio que se utiliza e como funcionam as relações que aí se estabelecem. A caridade leva, mais do que ao envio de mensagens religiosas explícitas a uma lista de contactos, a interessar-se pelas pessoas e ajudar cada uma, dentro e fora da rede.

Quem conta com suficiente preparação – também técnica – pode difundir a fé através do ambiente digital. Em qualquer caso, convém ter em conta sempre o impacto real que estes meios têm, evitando perder energias que caberia investir noutras iniciativas de maior impacto apostólico. De facto, existem meios simples e eficazes para influir na sociedade que estão ao alcance de todos, como reenviar alguma notícia ou artigo positivo e enviar mensagens ao autor de uma publicação. Com esta perspectiva, e tendo em conta as próprias circunstâncias pessoais, saberemos dar a justa dimensão às novas tecnologias, mediante um uso adequado, virtuoso, próprio de um cristão corrente no meio do mundo.

As novas tecnologias são um novo canal para expressar a amizade. Nessa medida, também podem contribuir para aquilo que São Josemaria chamava o **apostolado de amizade e de confiança**[11] onde **através do trato pessoal, de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus ajudando-os a descobrir horizontes novos**[12]. Por vezes uma rede social foi o meio para recuperar o trato com um antigo companheiro, ou para manter a relação com alguém que mudou de residência. No entanto, temos a experiência de que as relações pessoais se forjam especialmente durante a convivência no mundo real, e não podemos esquecer que o apostolado cristão conta especialmente com o contacto directo, pois «o Evangelho convida-nos sempre a correr o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com a sua dor e os seus pedidos, com a sua alegria que contagia»[13]. O desejo sincero de transmitir o tesouro da fé impulsionará os cristãos a sair ao encontro dos outros, num autêntico trato apostólico, que sabe servir-se de todos os meios de que dispõe ao seu alcance, também os digitais.

NOTAS

[1] cf. *Lc* 10, 25ss.

[2] *Lc* 10, 29.

[3] Francisco, *Mensagem para a Jornada Mundial das comunicações sociais*, 24-I-2014.

[4] São Tomás, *S. Th.* II-II, q. 109, a. 3 ad 1.

[5] Bento XVI, *Mensagem para a Jornada Mundial das comunicações sociais*, 24-I-2013.

[6] Bento XVI, *Mensagem para a Jornada Mundial das comunicações sociais*, 24-I-2013.

[7] *Tg* 3, 5.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 455.

[9] Bento XVI, *Mensagem para a Jornada Mundial das comunicações sociais*, 24-I-2013.

[10] S. Josemaria, *Forja*, n. 682.

[11] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 66.

[12] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 149.

[13] Francisco, *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 88.

Uma vida em diálogo com os outros

Saber escutar e estar aberto às opiniões dos outros, são condições indispensáveis para viver a caridade. Só assim o diálogo mútuo será ocasião habitual de se aproximar da Verdade. Novo texto da coleção sobre “Educação da personalidade”



“O forno prova os vasos do oleiro, e a prova do homem está na sua conversa. O fruto mostra como se cultivou uma árvore; do mesmo modo, a palavra, os pensamentos do coração humano”[1]. Uma nota essencial da maturidade pessoal é a capacidade de diálogo, uma atitude de abertura para os outros que se manifesta na cordialidade do trato e num sincero desejo de aprender de cada pessoa.

“Conhecer a outras pessoas, outras culturas, faz-nos sempre muito bem, faz-nos crescer (...). O diálogo é muito importante para a própria maturidade, porque na confrontação com outra pessoa, no confronto com as

outras culturas, mesmo no confronto com as demais religiões, cresce-se: cresce, amadurece. Certamente, existe um perigo: se no diálogo nos fechamos e zangamos, pode-se discutir; é o perigo de discutir, e isto não está bem porque nós dialogamos para nos encontrarmos, não para discutir. E, qual é a atitude mais profunda que devemos ter para dialogar e não discutir? A mansidão, a capacidade de ir ao encontro das pessoas, de ir ao encontro das culturas, com paz; a capacidade de fazer perguntas inteligentes: ‘Porque é que pensas assim? Porque é que esta cultura faz deste modo?’ Escutar os outros e depois falar. Primeiro escutar, depois falar”[2].

Saber escutar

A Sagrada Escritura cobre de elogios os que sabem escutar, e, pelo contrário, desdenha da atitude dos que não prestam atenção aos outros. “Ouvido que escuta a repreensão sadia, habita entre os sábios”[3], diz o livro dos Provérbios; e o apóstolo Santiago aconselha “que cada um seja diligente para escutar, lento para falar e lento para a ira”[4] Por vezes, os hagiógrafos recorrem inclusive a uma fina ironia: “falar a quem não escuta, é como despertar alguém de um sono profundo”[5] .

Um problema frequente para escutar é que, enquanto outro fala, recordamos algo que tem que ver com o que nos conta, e estamos pendentes de dizer “a nossa” logo que haja uma pausa. Produzem-se então conversas, talvez, animadas, em que se retira a palavra uns aos outros, mas em que se escuta pouco.

Outras vezes, o problema é que a conversa não surge de modo espontâneo e é preciso pôr empenho em procurá-la, com inteligência. Nesses casos, tem de se evitar a presunção, ou seja, a tendência para mostrar, a cada momento a nossa agudeza ou os nossos conhecimentos; pelo contrário, convém mostrar-se aberto e recetivo, desejoso de aprender dos outros, de modo que ampliemos todos os dias o nosso leque de interesses. Deste modo escutaremos com atenção coisas que, talvez, inicialmente não nos interessavam demasiado, sem que isso implique

hipocrisia da nossa parte, trata-se muitas vezes de um esforço sincero por se sobrepôr ao próprio critério e para agradar e aprender.

Saber conversar requer conjugar a audácia com a prudência, o interesse com a discrição, o risco com a oportunidade. É preciso não cair na ligeireza, estar disposto a retificar palavras precipitadas ou inoportunas que nos possam ter escapado, ou uma afirmação um pouco categórica que deveríamos ter ponderado melhor. Em todo o caso, as boas conversas deixam sempre rasto: vêm depois de novo à memória as ideias, os argumentos expostos por uns e por outros, surgem novas intuições e nasce o entusiasmo de continuar esse intercâmbio.

Abertura aos outros

É chamativo comprovar como o espírito de algumas pessoas envelhece prematuramente e, pelo contrário, outras permanecem jovens e decididas até ao fim dos seus dias. Há que pensar que todos temos dentro muitos recursos ainda por utilizar, talentos que não aproveitámos, forças que nunca pusemos à prova e, por muito ocupados ou cansados que estejamos, não podemos deixar de avançar, de aprender e de ser recetivos às ideias dos outros.

Convém que saíamos de nós próprios; que nos abramos a Deus e, por Ele, aos outros. Superaremos então esse egocentrismo que às vezes leva a acomodarmo-nos à realidade, à estreiteza dos nossos interesses ou à nossa particular visão das coisas e estaremos mais em guarda diante de certas deficiências que criam distâncias com as pessoas e que, portanto, revelam imaturidade: expressarmo-nos de uma forma categórica que muitas vezes não corresponde ao nosso conhecimento das coisas; manifestar as nossas opiniões com um tom de censura para com os outros; servirmo-nos de soluções prefabricadas ou de conselhos repetitivos e triviais; irritar-nos quando alguém não pensa como nós, ainda que depois nos manifestemos a favor da diversidade e da tolerância; encher-nos de ciúmes quando alguém sobressai á nossa volta; exigir a outros um nível de perfeição que os

ultrapassa e que talvez nós próprios não atinjamos; pedir sinceridade e franqueza, quando, pelo contrário, talvez resistamos às correções.

Maturidade e sentido crítico

Quando olhamos os outros com afeto, muitas vezes apercebemo-nos de que podemos ajudá-los com um conselho de amigo; dir-lhes-emos com confiança o que outros talvez também tenham visto mas não tiveram a lealdade de lho comentar. Só esse fundamento, a caridade, faz com que a correção ou a crítica seja verdadeiramente útil y construtiva: “quando tenhas que corrigir, fá-lo com caridade, no momento oportuno, sem humilhar..., e com vontade de aprender e de melhorar tu próprio naquilo que corriges”[6].

A chave da nossa capacidade de fazer mudar os outros está, de certa maneira, ligada à nossa capacidade de mudarmos nós próprios. Quando se sabe o que custa melhorar, o difícil que é e, ao mesmo tempo, o importante e libertador que é, então é mais fácil observar os outros com certa objetividade e ajudá-los realmente. Quem sabe dizer as coisas claras a si próprio, sabe como e quando dizê-las aos outros e é também capaz de as escutar com boa disposição.

Saber receber e aceitar a crítica é prova de grandeza espiritual e de profunda sabedoria: “Quem ama a instrução, ama o saber, e quem detesta a correção torna-se um imbecil”[7] . No entanto, aceitar o que os outros nos dizem não implica viver sempre penderes da crítica na nossa vida profissional ou social, balouçando ao som do que se diga ou deixe de se dizer sobre o que fazemos ou somos, porque essa preocupação acabaria por ser patológica. Por vezes, aquele que faz bem as coisas pode ser bastante criticado; censuram-no talvez os que nada fazem, porque vêem a sua vida e o seu trabalho como uma acusação[8]; ou aqueles que agem de modo contrário, porque o consideram um inimigo; ou às vezes também os que fazem as mesmas coisas ou parecidas, porque ficam com ciúmes. Não faltam casos assim, em que há que fazer-se “perdoar” por aqueles que nada fazem e pelos que não concebem que se possa fazer nada bom sem contar

com eles. Nesses casos, como nos aconselhava o nosso Padre, “temos que saber calar, rezar, trabalhar, sorrir... e esperar. Não deis importância a essas insensatezes: amai de veras todas essas almas. *Caritas mea cum omnibus vobis in Christo Iesu!*”[9]

A responsabilidade de dar exemplo

A maturidade combina a abertura aos outros com a fidelidade ao próprio caminho e aos próprios princípios, mesmo quando quase não se encontra eco ou aceitação no próprio ambiente. É verdade que a indiferença de que nos apercebemos à nossa volta pode indicar-nos que também nós talvez tenhamos algo que mudar ou, pelo menos, que explicar ou apresentar melhor. Mas há algumas coisas que nunca devem mudar em nós, aconteça o que acontecer, escutem-nos ou não, louvem-nos ou insultem-nos, agradeçam-no ou rejeitem-no, aprovem-no ou reprovem-no: “esse contraste, ao confirmar com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que te peço”[10].

Não é raro que uma pessoa se sinta sozinha e sem apoio nalguns dos seus melhores empenhos. A tentação de desistir pode ser muito forte. Poderá parecer-lhe, então, que o seu exemplo ou o seu testemunho não servem para muito, mas não é assim; um fósforo aceso talvez não ilumine toda a sala, mas todos na sala o podem ver. Talvez haja muitas pessoas que se sintam incapazes de imitar esse exemplo, mas sabem que querem segui-lo na medida em que possam, e esse testemunho puxa-os para cima.

Todos recordamos como nos ajudou a melhorar o bom exemplo de tantas pessoas. E, no entanto, é provável que muitas delas saibam muito pouco acerca do seu real efeito sobre nós. É grande a responsabilidade que temos de influir positivamente nos outros. “Não podes destruir, com a tua negligência ou com o teu mau exemplo, as almas dos teus irmãos os homens”[11]. Devemos falar, aconselhar, exortar, animar mas, sobretudo, procurar que as nossas palavras estejam avalizadas pelas nossas obras, pelo testemunho da nossa própria vida. É impossível consegui-lo sempre, e

mesmo na maioria das vezes, mas temos que querer ser uma ajuda para todos, e saber pedir perdão do coração se demos mau exemplo.

Uma luta de toda a vida

A abertura aos outros vai muito unida ao nosso avanço numa tarefa que nos ocupará toda a vida: reconhecer o rosto da soberba e lutar por ser mais humildes. A soberba mete-se pelos resquícios mais surpreendentes da nossa relação com os outros. Se se nos mostrasse de frente, o seu aspeto seria repulsivo e, por isso, uma das suas estratégias mais habituais é ocultar o rosto, disfarçar-se. A soberba costuma esconder-se dentro de outra atitude aparentemente positiva, que a contamina subtilmente. Depois, quando se torna forte, crescem as suas manifestações mais simples e primárias, próprias da personalidade imatura: a suscetibilidade enfermiza, o contínuo falar de si próprio, a vaidade e afetação nos gestos e no modo de falar, as atitudes prepotentes ou presunçosas, juntamente com o decaimento profundo ao aperceber-se da sua própria debilidade.

A soberba umas vezes disfarça-se de sabedoria, daquilo que poderíamos chamar uma soberba intelectual que toma a aparência de rigor. Outras, oculta-se atrás de um apaixonado desejo de fazer justiça ou de defender a verdade quando, no fundo, há sobretudo um sentimento de vingança, ou uma ortodoxia altiva que avassala: um afã de precisar tudo, de julgar tudo. Trata-se de atitudes que, em lugar de servir a verdade, se servem dela – de uma sombra dela – para alimentar o desejo de ficar acima dos outros.

Do mesmo modo que não existe a saúde total e perfeita, tão pouco podemos acabar por completo com as argúcias da soberba. Mas podemos detetá-la melhor e não deixar que ganhe terreno. Haverá ocasiões em que nos enganará, porque tende a entrincheirar-nos, faz-nos reticentes a que os outros nos façam ver os nossos defeitos. Mas se nós não vemos o seu rosto, oculto de diversas maneiras, talvez os outros o tenham podido ver. Se somos capazes de escutar a advertência fraterna, a crítica construtiva, ser-nos-á muito mais fácil desmascará-la. É preciso ser humilde para aceitar a

ajuda dos outros. E é também necessário ser humilde para ajudar os outros sem humilhar.

A maturidade cifra-se, afinal, no “são preconceito psicológico” de pensar habitualmente nos outros”[12]. A personalidade que Deus quer para nós – e a que todos aspiramos, ainda que às vezes a procuremos noutra parte – é a de quem chegou a ter “um coração que ama, um coração que sofre, um coração que se alegra com os outros”[13].

NOTAS

[1] Si 27, 6-7.

[2] Francisco, Discurso, 21-VIII-2013.

[3] Pr 15, 31.

[4] St 1, 19

[5] Si 22, 8.

[6] Forja, n. 455.

[7] Pr 12, 1.

[8] Cfr. Sb 2, 10-20.

[9] S. Josemaría, Carta aos seus filhos da Holanda, 20-III-1964 (Cfr. Vázquez de Prada, A. El Fundador del Opus Dei (III), Madrid: Rialp, 2003, p. 530.

[10] Caminho, n. 80.

[11] Forja, n. 955.

[12]] Forja, n. 861.

[13] Francisco, Discurso, 17-VI-2013.

'Sine sole sileo': cansaço e descanso (I)

Neste editorial, que tem uma segunda parte, abordam-se algumas questões sobre o cansaço e o descanso, que fazem parte da nossa vida de filhos de Deus.



Uma das inscrições clássicas que decoram os relógios de sol recorda, com uma simplicidade desconcertante, algo que parece óbvio: «*Sine sole sileo* – sem sol, calo-me»[1]. Costumamos passar por alto diante de factos evidentes e, no entanto, muitas vezes escondem-se neles princípios fundamentais para a vida: tal como um relógio de sol se converte, sem a luz do dia, numa simples peça decorativa, ou uma planta pode murchar por falta de iluminação, também os ideais que Deus pôs no nosso coração poderiam enfraquecer e até esfumar-se se nos faltasse a luz do descanso.

S. Josemaria costumava dizer que, para as pessoas do Opus Dei, o trabalho é «uma doença crónica, contagiosa, incurável e progressiva»[2].

Deus conta com o trabalho constante e esforçado dos cristãos, ombro a ombro com tanta gente honrada, para levar o mundo para Ele. Mas necessita que, como parte dessa tarefa, cuidemos de nós próprios, porque o esforço do dia a dia nos desgasta e necessitamos de nos refazer. «O teu corpo é como um burrico - um burrico foi o trono de Deus em Jerusalém - que te carrega pelos caminhos divinos da terra: é necessário dominá-lo para que não se afaste dos caminhos de Deus e animá-lo para que o seu trote seja o mais alegre e brioso que se pode esperar de um jumento»[3].

Existem, em grandes traços, dois tipos de cansaço: o físico e o psicológico[4]. Estão entrelaçados, porque a pessoa humana é uma unidade de corpo, mente e espírito. Por isso, um tipo de cansaço costuma influir no outro, e agudizá-lo, gerando pequenas – ou não tão pequenas – espirais de fadiga. Quem está fisicamente esgotado apercebe-se de que a cabeça e o coração não lhe respondem, ficam debilitados. E quem padece de cansaço psicológico, facilmente somatiza a fadiga: sofre-a na forma de dores ou desgaste corporal que acentuam o seu cansaço interior. Esta segunda espiral é especialmente subtil, e convém prestar-lhe atenção, porque poderia passar despercebida a quem dela padece, e aos que o rodeiam. Sem receios, é necessário observar a sua chegada, porque a melhor cura é a prevenção, e há dificuldades na vida que não se devem à falta de entrega ou de interesse mas, fundamentalmente, ao cansaço.

Neste artigo, em duas partes, abordar-se-ão algumas questões sobre o cansaço e o descanso, que fazem parte da nossa vida de filhos de Deus: «Ele, *perfectus Deus, perfectus Homo* – perfeito Deus e perfeito Homem – que tinha toda a felicidade do Céu, quis experimentar a fadiga e o cansaço, o pranto e a dor..., para que entendamos que para ser sobrenaturais temos de ser muito humanos»[5].

Aprender a não se esgotar

Há circunstâncias da vida que podem ser especialmente desgastantes para uma pessoa, sobretudo porque habitualmente têm de ser compatíveis com o curso normal das outras ocupações. A doença de um familiar, o

nascimento de um novo filho, um período especialmente exigente no estudo ou no trabalho, uma acumulação de problemas de diferentes tipos... Estas situações, sobretudo se se prolongam, requerem uma procura ativa de tempos ou modos de descanso, ainda que pequenos, para evitar que o desgaste deixe um rasto duradouro ou se converta em cansaço crónico. O apoio dos que rodeiam uma pessoa nesta situação é decisivo, mas também o é a sua prontidão para pedir ajuda, porque, por vezes, os outros podem não ter consciência da medida em que algo o está a esgotar.

Quando se descobre uma costura descosida numa peça de roupa, muitas vezes é crucial pô-la logo de parte e esperar que seja arranjada, para que o rasgão não aumente, ou o tecido não se rompa. A primeira e melhor maneira de descansar é, pois, *aprender a não se cansar* excessivamente, a não se esgotar. Para isso é necessário deixar, momentaneamente, nas mãos de outros a primeira linha da frente, ainda que isso nos possa custar. Isto não significa escamotear esforços nem tornar-se rígidos: significa simplesmente reconhecer os próprios limites e também, por vezes, desprender-se um pouco dos resultados do nosso trabalho. Deus quer que nos gastemos por amor, não quer que nos desgastemos ao ponto do amor se extinguir por ruína do edifício, como sucede à casa construída sobre areia (cfr. Mt 7, 24-27). «Abatimento físico. - Estás... esgotado. - Descansa. Para com essa atividade exterior. - Consulta o médico. Obedece e despreocupa-te. Em breve hás de regressar à tua vida e melhorarás, se fores fiel, os teus trabalhos de apostolado»[6].

A sabedoria popular aconselha a não deixar para amanhã o que possamos fazer hoje, porque é um facto que às vezes atrasamos decisões, diligências, iniciativas, por simples preguiça de as realizar. No entanto, tão importante é ler esta frase nesta perspetiva como noutra. A par da diligência para fazer as coisas, é bom dizer igualmente: «deixa para amanhã o que *não* possas fazer hoje». Não carregues o hoje acima daquilo que possas fazer, e não deixes para amanhã o descanso que necessitas hoje. O livro da Sabedoria expressa-o com firmeza: «Meu filho, não te ocupes com demasiadas tarefas; por mais que te esforces não as conseguirás realizar

todas e sair-te bem delas» (*Sir* 11, 10). «A mim, escrevia S. Josemaria, sempre me ficam coisas para o dia seguinte. Temos que chegar à noite, depois de um dia cheio de trabalho, com trabalho de sobra para o dia seguinte. Temos que chegar à noite carregados, como burriquitos de Deus»[7].

Por isso, à hora de assumir tarefas, é importante distinguir a disponibilidade – atitude de serviço, de abertura ao que nos possam pedir – de uma responsabilidade excessiva, pela qual tentamos dar resposta a mais do que realmente podemos abarcar. Nisto, como em tudo, convém encontrar o equilíbrio. Não se trata de criar uma impermeabilidade aos imprevistos, frequentes na vida quotidiana, mas também de não deixar – na medida em que o possamos evitar – que a vida inteira seja um grande imprevisto.

Medir as próprias forças

Existem pessoas, muito atentas e capazes, a quem custa muito dizer que não a determinados pedidos. Por vezes preferem ocupar-se de uma tarefa, ainda que vejam que não têm tempo ou energias para a realizar, a desagradar ou ficar mal por dar uma resposta negativa. Outras vezes assumem-na porque sabem, não por presunção mas porque lhes consta, que podem resolver o assunto melhor do que outras pessoas. Também há quem, por ser sensível aos problemas dos outros, tenda a carregar com demasiados. Ou quem, por ter um olhar atento e profundo aos pormenores, não consegue concluir as tarefas, de modo que se amontoam, formando um monte que o afoga. Uns e outros, talvez, meçam mal as suas forças, e sucede-lhes como a um carro demasiado carregado: de pouco serve a potência do motor se os eixos do carro se deformarem pelo peso. Embora num primeiro momento consigam mover-se, acabarão por se deformar ou partir.

Entre aqueles que encaram seriamente o seu trabalho costuma encontrar-se, em maior ou menor grau, algum destes traços; e pode produzir-se, por vezes, um efeito perverso que acentua o cansaço: quando alguém raramente dá uma resposta negativa e procura trabalhar bem, os

outros tendem a pedir-lhe mais favores. Alguns, porque se aproveitam da sua boa-fé; outros, porque não têm consciência – por vezes não a podem ter – da carga que já tem. Quando o cansaço começa a fazer-se notar, esta pessoa talvez expluda ou, responda de má cara, irritada com o mundo, para espanto dos outros: como cada um conhecia unicamente o favor que lhe tinha pedido e só ela aguentava o peso do conjunto, a sua reação é-lhes incompreensível. E assim, alguém com uma disposição sincera para ajudar, pode tornar-se um pouco amargo e solitário. Também aqui ensina a sabedoria do *Ben Sirá*: «há pessoas que trabalham, se afadigam e se atropelam e, apesar de tudo, andam sempre atrasadas» (*Sir* 11, 11). No trabalho é necessário distinguir a generosidade da prodigalidade, pela qual se dá mais do que se deve e se perde capacidade para continuar a dar: o presente não tem que nos fazer perder de vista o futuro, também o mais próximo.

Ler os sinais do cansaço

É necessário aprender a ler, em nós e nos outros, os sinais do cansaço. Nem todas as pessoas se cansam pelos mesmos motivos, nem nos mesmos prazos. Mas os sintomas são parecidos: baixam as defesas da personalidade e as limitações do carácter tornam-se mais explícitas. Uma pessoa cansada tende a ver as coisas com mais pessimismo do que lhe é próprio. Quem habitualmente é de carácter otimista, por exemplo, reagirá com uma apatia estranha. A quem tem uma tendência para se preocupar, multiplicar-se-lhe-ão os motivos de inquietação, paralisando-o, e será preciso ajudá-lo a ver que nesse momento não vê as coisas com objetividade. Quem, porventura, é habitualmente manso reagirá com uma brusquidão que talvez noutra seria simplesmente um traço habitual do carácter.

Se uma pessoa tem a seu lado, nos momentos de cansaço em que a vista se turva um pouco, uma mão amiga que o aconselha com atenção, sem paternalismo, procurando ajudá-lo a conhecer-se, irá aprendendo a ler, ela própria, os sinais do seu cansaço e a descansar ou a pedir uma alteração de ritmo antes de se esgotar. «Que tudo te é indiferente? - Não queiras iludir-te (...). Não: para ti, não é tudo indiferente - é que não és incansável..., e

necessitas de mais tempo para ti; tempo que será também para as tuas obras, porque, no fim de contas, tu és o instrumento»[8].

Uma demonstração de amizade fina é ajudar os outros, ensiná-los com simpatia – sem condescendência, pondo-se a seu lado – a dizer que não a certos pedidos, sem se encher por isso com remorsos; a descartar projetos que lhes possam vir à cabeça, se não for realista realizá-los; a aplicar a proporcionalidade e deixar, talvez, algumas coisas menos acabadas do que queriam; a ver que, para além do que têm entre mãos nesse momento, ou das novas frentes que se lhes ocorrem, está o seu dever de descansar.

Nas últimas décadas tornaram-se cada vez mais frequentes os casos de *burnout* (estar esgotado) ou *stress* profissional, que costumam afetar profissionais das áreas dos serviços: médicos, enfermeiros, professores, sacerdotes... Trata-se de pessoas que vivem com paixão a sua profissão – porque não há nada tão apaixonante como dedicar-se a servir outras pessoas – mas que ficam sufocadas pelos constantes pedidos que recebem de fora e de dentro; como acontece a um cabo elétrico que recebe tantas solicitações das suas múltiplas conexões, que acaba por se queimar. Os três sinais do *burnout* são o sentimento de vazio, o esgotamento e a sobrecarga. Para prevenir estas situações, e ajudar a tempo, convém prestar atenção às características das pessoas: é propenso ao *burnout* quem tenha traços de hiper-responsabilidade, perfeccionismo, insegurança, autoexigência; quem tem *expetativas irreais*.

O ambiente de trabalho

Convém prestar atenção também ao *ambiente laboral* ou à instituição: como são distribuídas as tarefas, como se descansa, quais os incentivos ou recompensas, como é a formação permanente do pessoal. O descuido nestes aspetos ambientais, ou a tendência para atribuir responsabilidades excessivas a pessoas jovens, sem dedicar tempo à formação adequada, ou sem lhes fazer notar quão positivo é o que fazem, é um fator de risco. Não só o excesso de trabalho pode provocar um *burnout*: também o podem desencadear a sua escassez, ou o facto de não se encontrar sentido para o

trabalho, porque a pessoa se sente inútil, ou se apercebe que não se dá valor ao seu trabalho. Além disso, o sentido é algo que deve crescer dentro de cada pessoa: não basta recordar-lho, de fora, sem mais, como não bastam muitas vezes umas palmadinhas de ânimo nas costas.

Ainda que seja óbvio dizer que as pessoas são muito diferentes, a aceleração da vida pode fazer com que às vezes se dedique pouco tempo e energias a valorizar o que podemos esperar delas. Há, por exemplo, pessoas muito capazes de resolver questões imprevistas, por vezes frequentes, nas organizações. Dir-se-ia que inclusivamente se divertem. São como os desportistas a quem agrada o risco: o imprevisto tira-os da rotina, descansa-os. Há outras pessoas, pelo contrário, que necessitam de mais estabilidade, porque não se movem tão comodamente no curto prazo: o que a outros descansa, a eles esgota-os. Nesse sentido, é importante que quem ocupa cargos de responsabilidade nas organizações procure evitar que uma pessoa, porventura muito capaz, tenha um tipo de tarefa que lhe produza um desgaste excessivo. A maioria das pessoas tem uma certa flexibilidade e, por vezes, as limitações poder-se-ão diminuir com a experiência e com alguns conselhos, mas outras vezes será preferível procurar outra pessoa para aquele encargo. Todos os trabalhos têm as suas dificuldades e por vezes não resta outra possibilidade se não adaptar-se, mas quando uma pessoa está no seu lugar certo rende mais e descansa mais.

Às vezes a situação de sobrecarga não se deve ao cansaço autoinduzido por assumir demasiadas tarefas ou geri-las mal, mas a algumas deficiências da organização, pelas quais uma pessoa tem que suportar mais trabalho do que o razoável, talvez porque são demasiadas as pessoas que lhe podem atribuir tarefas. Ainda que seja importante que ela própria fale com os seus superiores para ajustar os encargos, uma parte importante da responsabilidade de direção consiste também em aperceber-se dessas situações: é necessário cuidar das pessoas, para que não se vão abaixo, não só pensando na eficácia da organização, mas também na felicidade de cada um e das suas famílias. Outras vezes, a situação não tem fácil solução, porque pessoa e empresa são uma mesma coisa, ou porque pesa sobre a

pessoa a liderança de um projeto que tem a sua própria lógica, por vezes um pouco tirânica, e que dificulta repor forças.

Uma fadiga feliz

Nalgumas ocasiões o cansaço pode ter a sua origem na frustração de quem não aceitou que nem sempre se cumprem as suas expectativas sobre as coisas e as pessoas. «O problema não está sempre no excesso de actividades, mas sobretudo nas actividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a acção e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata duma fadiga feliz, mas tensa, gravosa, desagradável e, em definitivo, não assumida»[9].

Há quem se desgaste «por sustentarem projectos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade»[10]. O choque das nossas pequenas esperanças com a realidade pode ser sinal e oportunidade para procurar, uma vez mais, o nosso descanso numa esperança maior[11]. «*O Crux, ave spes unica!* – Salvé!, oh Cruz, esperança única», reza o hino *Vexilla Regis*[12]. O verdadeiro descanso reside no abandono em Deus, em abraçar as palavras de Jesus ao Pai: «nas Tuas mãos entrego o meu espírito» (*Lc 23, 46*). O abandono, que «é desejar as coisas boas, empregar os meios para as conseguir e depois, se não saem, ficar nas mãos de Deus, dizendo: continuarei a trabalhar para que saiam»[13].

Mas «e se a Cruz fosse o tédio, a tristeza? – Digo-Te, Senhor, que, Contigo, estaria alegremente triste»[14]. Mesmo quando nos cansamos porque não soubemos descansar a tempo ou por causa da nossa limitação, trata-se de redescobrir e saborear o fundo de felicidade que prometem as palavras do Senhor para os cansados, que hoje são uns, e amanhã outros... porque: quem não se cansa às vezes no caminho da vida? «Vinde a Mim todos os fatigados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu

jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas: porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo leve» (Mt 11, 28-30).

Wenceslao Vial - Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] S. Josemaria quis que se gravasse esta inscrição num relógio de sol do jardim de *Villa delle Rose*, uma casa de retiros em Castelgandolfo, Roma.

[2] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, 14 (citado em A. Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá. Fundador do Opus Dei*, III, Verbo, Lisboa 2004, 341, nota 118).

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 137.

[4] Cfr. F. Sarráis, *Aprendiendo a vivir: el descanso*, Pamplona, Eunsa, 2011.

[5] S. Josemaria, *Forja*, 290.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, 706.

[7] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, 10.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, 723.

[9] Francisco, Exort. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), 82.

[10] Francisco, Exort. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), 82.

[11] Cfr. Bento XVI, Enc. *Spe Salvi* (30-XI-2007), 30-31.

[12] Este hino reza-se na Liturgia das horas, desde a semana da Paixão e durante a Semana Santa.

[13] S. Josemaria, apontamentos de uma reunião familiar, 15-IV-1974.

[14] S. Josemaria, *Forja*, 252.

A alma baila: cansaço e descanso (II)

Sentido comum, bom humor e abertura aos outros: com esta chave abordam-se, nesta segunda parte, alguns aspectos do descanso, tão necessário na nossa vida como o trabalho.



«Quando il corpo sta bene, l'anima balla – Quando o corpo está bem, a alma baila». A primeira vez que S. Josemaria ouviu este provérbio italiano, não gostou: tantas vezes, ele tinha conhecido pessoas que, mesmo no meio de um grande sofrimento físico, estavam cheias de alegria e de paz: «o corpo está bem – ainda que esteja doente – e a alma baila, se se tem sentido sobrenatural sobre a vida», dizia numa ocasião[1]. Contudo, chegou a apreciar a sabedoria que este refrão encerra: o ser humano é, inseparavelmente, corpo e espírito; e, tal como o espírito, o seu estado de ânimo, pode animar o corpo ou abatê-lo, o corpo pode ser altifalante do espírito quando está são, mas também pode pô-lo em surdina, quando a saúde falta.

Se mais vale prevenir que remediar, o descanso é uma das melhores medidas de prevenção. Como em tudo o resto na nossa vida, também aqui, Deus conta com a nossa boa atuação habitual: trata-se de equilibrar a solicitude pelas nossas obrigações, com a responsabilidade de recuperar as forças necessárias para continuar a executá-las. Descansar, por isso, não é um luxo, nem uma forma de egoísmo; é uma necessidade, um dever. «Cuida-te», diz-se às vezes entre amigos e familiares, ao despedirmo-nos. Recordamo-nos mutuamente que a nossa saúde é um dom de Deus. Um dom para servir os outros, que é necessário proteger, sem dramatismos, mas com decisão. O Papa recorda-o também com aquele sábio e paternal conselho do Ben Sirá[2]: «Filho, na medida em que possas, procura o bem (...). Não te prives de um dia feliz» (*Sir* 14, 11.14).

Com sentido comum e bom humor

«Dá-me, Senhor, uma boa digestão e também algo que digerir. Dá-me um corpo são, Senhor, com o sentido comum necessário para cuidar dele. Dá-me, Senhor, uma alma simples, que saiba entesourar tudo o que é bom e que não se assuste facilmente ao ver o mal, mas que encontre o modo de pôr as coisas de novo no seu lugar. Dá-me uma alma que não conheça o aborrecimento, as murmurações, os suspiros e os lamentos, e não permitas que essa coisa que estorva e se chama “Eu” me preocupe demasiado. Dá-me, Senhor, sentido do bom humor. Dá-me a graça de compreender uma piada e de descobrir um pouco de alegria nesta vida, e de a comunicar aos outros»[3].

Nesta oração, que se costuma atribuir a S. Tomás Moro, desenha-se com simplicidade e precisão o tom do descanso de um filho, de uma filha de Deus. Sem dúvida, este santo experimentou o cansaço, porque às suas responsabilidades profissionais e à sua vida familiar, que cuidava com esmero, se somava uma viva inquietação intelectual e uma correspondência incessante com amigos e colegas. Mas procurava enfrentar a fadiga com sentido comum e bom humor, porque tão necessário é dar importância ao nosso repouso como retirar peso ao cansaço. Por isso, S. Paulo aconselha «os que choram» a viver «como se não chorassem», e «aos que se alegram,

como se não se alegrassem» (1 Cor 7, 30). É verdade que necessitamos de descansar, e que às vezes é irresponsável esperar o esgotamento, porque entretanto a nossa saúde se vai ressentindo. No entanto, também não se trata de ter umas expectativas irreais, porque viveríamos na ansiedade de não as poder atingir.

É bom descobrir o descanso também nas pequenas coisas da vida de cada dia. O melhor repouso é o que se doseia gota a gota, porque nos ajuda mais a rega contínua do que um aguaceiro pontual entre muitos dias de seca. S. Josemaria dizia que descansar «não é não fazer nada: é distrair-nos em atividades que exigem menos esforço»[4]. Habitualmente, se evitamos chegar ao esgotamento, poderemos descansar assim. E, com um pouco de criatividade e de ordem, haverá vezes em que inclusive o próprio trabalho será um motivo de repouso: «enquanto trabalhas numa coisa, descansas da outra. Esse é o espírito do Opus Dei»[5]. Quando se põe entusiasmo no que se faz, mesmo que humanamente pareça pouco atrativo, é mais fácil desfrutar com a tarefa. Conseguem-se então melhores resultados e descansa-se trabalhando.

A higiene do descanso

Do grego *hygieinos*, saudável, a higiene é um conjunto de medidas que permite conservar a saúde. A higiene do sono, como se sabe, é um princípio elementar do descanso: o corpo humano necessita de dormir. Quando lhe pedimos que prescindia desse repouso, faz *horas extra*, retira energias de onde pode. Mas abusar dessa flexibilidade poderia causar uma deformação difícil de reverter, como sucede a um elástico ao qual se pediu mais elasticidade do que aquela que verdadeiramente tinha. A necessidade de cuidar deste aspeto vai para além do curto prazo: o problema não é simplesmente que, após uma noite sem dormir, se perca lucidez e energias, mas que, com o tempo, a falta acumulada de sono crie desequilíbrios, e a saúde se debilite. Aqui serve, como em tantas coisas, aquele aforismo universal: «pão para hoje, fome para amanhã».

Contudo, pode acontecer que, apesar de se procurar dormir com regularidade, se sinta dificuldade em conciliar o sono, em que se prolongue durante toda a noite, ou em que seja verdadeiramente reparador. A insónia não é em si mesma uma doença, mas um sintoma. Quando se apresenta, há que procurar as suas causas, por vezes com a ajuda de um especialista. Os fatores podem ser externos ou ambientais, como o calor ou o frio, os ruídos, o excesso de luz; ou internos, como uma preocupação que faz sofrer, um projeto em curso, um problema respiratório ou fisiológico, etc. Como noutros domínios da saúde, por vezes não se conseguirá solucionar o problema. Além de continuar a procurar alternativas de tratamento, será uma ocasião mais para se abandonar com serenidade nas mãos de Deus.

O cansaço é habitualmente o resultado de uma tensão continuada. O termo *stress*, embora tenha vindo a designar um estado em que a pessoa se vê ultrapassada pela acumulação de trabalho ou por uma situação desagradável, deriva de facto do verbo *stress*, que não tem em si mesmo conotação de crise, mas simplesmente de enfatizar, pressionar, esforçar. O trabalho tenaz e constante não é, em si mesmo, mau para a saúde: o que pode lesioná-la é a carência de relaxamento ou uma motivação equivocada. «Mais vale um punhado com repouso, diz o Eclesiastes, do que duas mãos cheias com trabalho e empenho vão» (Ecl 4, 6). Podemos cansar-nos desnecessariamente à força de não parar, de querer resolver tudo de imediato, de nos angustiarmos com as tarefas pendentes. O trabalho tem então muito de «empenho vão». Mas também se torna sem interesse e aborrecido o trabalho concebido como fim em si mesmo, quando se perde de vista o que se deve aos outros.

A tensão muscular que acumulamos ao longo do dia pode também dever-se às pressas. O imediatismo da comunicação eletrónica e a velocidade dos meios de transporte tendem a transferir-se para todos os âmbitos da vida, e podem levar-nos a viver sempre a correr, a andar pela vida com cara de pressa. Por isso, na medida em que dependa de cada um, é muito conveniente habituar-se a equilibrar a tenacidade com a calma. Sair com tempo, para chegar com tempo às reuniões com outras pessoas,

procurar escutar os outros sem pensar na coisa seguinte que vamos fazer, ter paciência com os atrasos... Se até o modo como respiramos incide no sossego e na distensão do corpo, uma adequada *respiração* da alma conserva-nos a serenidade e as energias para poder resolver os problemas, ou para conviver com as preocupações, com a nossa imperfeição e a dos outros. Estes hábitos proporcionam-nos gradualmente um descanso são e simples, e permitem-nos ser oásis para os outros: ombro sobre o qual se apoiar, ouvido em que se pode fiar.

O relaxamento do corpo e da alma também se consegue com o exercício físico. Tudo são vantagens no hábito de caminhar um certo tempo todos os dias, aproveitando as deslocções, ao ir e regressar do trabalho, ao ir buscar os filhos à escola. Simultaneamente, enquanto a idade o permitir, é útil o desporto, como meio de diversão e esforço alegre. Faz-nos muito bem submeter o corpo a desafios razoáveis, sem imprudências, que podem ser ocasião de compartilhar o descanso com outros. Estas e outras medidas simples, que cada um pode integrar na sua vida diária, conformam uma correta higiene do descanso no trabalho, que nos torna mais alegres e eficazes.

Renovar o ar

O descanso, nas suas múltiplas formas, é uma mudança de ar. Assim como o ambiente de um quarto fechado se torna desagradável ao fim de algum tempo e necessita de ventilação, a vida quotidiana, mesmo quando não traz consigo grandes turbulências, cansa: se não procuramos arejar-nos, introduz-se facilmente o fastio ou a rotina.

Mudança de ares não significa necessariamente ausentar-se vários dias, porque muitas vezes as nossas responsabilidades não o permitirão. Um tempo de desporto ou um passeio, ou uma excursão pelo campo, à montanha, ou a visita a algum lugar diferente, alivia a cabeça e permite voltarmos renovados à vida normal. Em determinadas ocasiões, por exemplo, surgem pequenos conflitos com as pessoas com quem vivemos ou trabalhamos, que se dissipam quando passamos umas horas com elas, fora

do ambiente habitual. Outras vezes, temos entre mãos questões que não conseguimos focar bem e que requerem que nos distanciemos um pouco, passar pelo filtro do descanso. A ficção, através da leitura ou do cinema, a poesia, a arte, afastam também um pouco dos problemas quotidianos e refrescam; dão uma mudança de perspetiva, que permite refocar a realidade e descobrir a beleza nas pequenas coisas.

O verdadeiro descanso não é, no entanto, evasão: trata-se de separar-se um pouco da realidade quotidiana para regressar renovado; não de fugir ansiosamente dela. Face às formas que toma a *desconexão* de algumas pessoas nos fins-de-semana, e do estado lamentável em que as deixa, dir-se-ia que se voltamos do descanso pior do que fomos, tratou-se de um descanso fictício. Às vezes pensa-se que são necessárias certas distensões quiçá porque não se está a gosto na vida quotidiana, porque se foge de si mesmo. Convém, por isso, atrever-se a identificar, na própria vida, o entretenimento que evade mas que não descansa verdadeiramente, ou que chega a causar danos. A sobriedade é, neste sentido, uma boa pedra de toque do descanso de qualidade. Sem dúvida, o aspeto lúdico e festivo faz parte do repouso; mas não convém confundir a festa com o excesso, embora esteja estendida essa perspetiva. Nisto, é também muito sábio o conselho de «dar um pouco menos do que o necessário» ao corpo[6]: festejar evitando a saciedade ajuda a desfrutar mais das coisas. A sobriedade tira-nos a ansiedade, que leva a viver mendigando constantemente evasões, e sofrendo cada vez que há que deixá-las. Por isso é bom, por exemplo, prescindir, às vezes, da música, embora tenhamos possibilidade técnica de a ouvir em qualquer momento; esquecer-nos por um tempo da nossa ligação à internet, para *conectar* com aqueles que nos rodeiam, para estar pendentos deles; questionar, afinal, certos «imperativos» a que nos submete uma constante oferta de possibilidades de ócio, que às vezes poderia tirar-nos a liberdade de um descanso simples e alegre.

Um descanso aberto

Ter *hobbies* e interesses culturais enriquece a vida familiar, e é também uma alternativa ao desporto, que se pode ver impedido pelo tempo, pela

doença ou pela idade. Não se é jovem toda a vida, de modo que, se todo o descanso girasse à volta dos desportos de grande intensidade, chegada a certa idade a pessoa aborrecer-se-ia, e seria um peso para si próprio e para os outros. Por isso, convém não esperar por esse momento para desenvolver outras formas de descanso. Embora algumas não requeiram sempre companhia, um filho de Deus concebe-as sempre na abertura aos que o rodeiam: considera o próprio descanso como parte da sua vida com os outros e para os outros, e não como uma questão meramente privada. Vistos assim, a leitura e o cinema, por exemplo, alimentam as conversas, dão para falar; a pintura, a jardinagem ou a bricolage tornam o lar amável; o talento musical de cada um – embora não seja grande – a criatividade na cozinha, a originalidade na altura de uma celebração, amenizam a vida.

O bom descanso está aberto à família e aos amigos: não teria sentido fechar-se numa carapaça ao chegar o fim-de-semana. O descanso individualista acaba verdadeiramente por não aliviar, e produz uma estranha ansiedade por escapar-se, que costuma ser sintomática de uma tensão com a própria identidade de pai, de mãe, de irmão, de marido, de filha. Uma coisa são, nesse sentido, a vontade de descansar, e outra a ansiedade por descansar. O descanso aberto é sereno e flexível, e desdobra a nossa identidade: ajuda-nos a ser quem somos.

Na exortação de S. Paulo, «*alter alterius onera portate*, levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo» (Gl 6, 2), podemos ver um convite a cuidar do repouso dos outros, a descansar fazendo-os descansar. Adaptar-se aos gostos dos que nos rodeiam faz parte do dia a dia de uma família: o pai com os filhos, a mulher com o marido, os netos com os avós... E compreender: alivia e aligeira muito amar e saber-se amado, ter à volta pessoas que nos escutam, que nos compreendam, que se interessam por tudo o que é nosso. Se puserdes carinho, «cada uma das nossas casas será o lar que eu quero para os meus filhos. Os vossos irmãos terão uma fome santa de chegar a casa, depois do dia de trabalho; e terão também vontade de ir para a rua – descansados, serenos – para a guerra de paz e de amor que o Senhor nos pede»[7].

O descanso encontra, enfim, a sua fonte mais profunda e o seu horizonte último no Senhor. «Meu Deus: descanso em Ti», anotava S. Josemaria na margem do *Decenário ao Espírito Santo*. «Senhor Deus – rezava Santo Agostinho – dá-nos a paz, uma vez que nos deste todas as coisas; a paz do descanso, a paz do sábado, a paz sem ocaso»[8]. Se por vezes ficamos *tontos* ao ver a paisagem de um ponto alto, as ondas do mar que vão e vêm, o fogo que crepita na lareira, as crianças que brincam, como não vamos encontrar o nosso repouso na oração, na intimidade com o Deus que sempre nos escuta e enche de sentido o que fazemos? «O Senhor Deus é sol e escudo» (Sl 84 [83],12): Ele ilumina o nosso cansaço e o nosso descanso. Se a alma emudece quando O perde de vista, canta e baila ao recuperá-l’O. «Descansa na filiação divina. Deus é um Pai - o teu Pai! - cheio de ternura, de infinito amor. Chama-lhe Pai muitas vezes e diz-lhe, a sós, que o amas, que o amas muito, muito, que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»[9].

Wenceslao Vial - Carlos Aixelà

[1] S. Josemaria, apontamentos de uma reunião familiar, 29-IV-1969 (citado em *Camino*, edición crítico-histórica, 3ª ed., Rialp, Madrid 2004, 337, nota 60).

[2] Cfr. Francisco, Exort. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 4.

[3] Dentre as variantes desta oração, traduz-se aqui a versão inglesa citada no discurso do Papa Francisco de 22-XII-2014.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, 357.

[5] S. Josemaria, apontamentos de uma reunião familiar, 7-VII-1974.

[6] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, 196.

[7] S. Josemaria, apontamentos de uma reunião familiar, 29-III-1956 (citado em A. Sastre, *Tempo de Caminhar*, Diel, Lisboa 1994, 182).

[8] S. Agostinho, *Confissões*, XIII.35.50.

[9] S. Josemaria, *Forja*, 331.

O verdadeiro amor de si mesmo

Novo texto da série centrada na formação da personalidade. Agora, reflete-se sobre o conhecimento de si mesmo, com virtudes e defeitos, necessário para ser feliz.



*«Vós sabeis que não é por bens precívalis, como a prata e o ouro (...) que tendes sido resgatados (...) mas pelo precioso sangue de Cristo»^[1]. S. Pedro recorda aos primeiros cristãos que a sua existência tem um valor imenso, porque foram objeto do grande amor do Senhor, que os redimiu. Cristo, com o dom da filiação divina, enche de segurança os nossos passos pelo mundo. Assim o manifestava espontaneamente um rapaz a S. Josemaria: **«'Padre' – dizia-me aquele rapaz (que será feito dele?), bom estudante da Universidade –, pensava no que me disse... que sou filho de Deus! E surpreendi-me, pela rua, de corpo 'emproado' e soberbo por dentro...filho de Deus! Aconselhei-o, com segura consciência, a fomentar a "soberba"»^[2].***

Conhecer a grandeza da nossa condição

Como entender esse *fomentar a "soberba"*? Certamente, não se trata de imaginar virtudes que se não têm, nem de viver com um sentido de autossuficiência que cedo ou tarde atraiçoa. Consiste antes em conhecer a grandeza da nossa condição: «o ser humano é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma»^[3]; criado à Sua imagem e semelhança, é chamado a levar à plenitude esta imagem ao identificar-se cada vez mais com Cristo pela ação da graça.

Esta vocação sublime fundamenta o verdadeiro amor de si mesmo que está presente na fé cristã. À luz desta fé, podemos julgar os nossos êxitos e fracassos. A aceitação serena da própria identidade condiciona a nossa maneira de estar no mundo e de agir sobre ele. Contribui, além disso, para a confiança pessoal que reduz os medos, precipitações e inibições, facilita a abertura aos outros e às novas situações, e fomenta o otimismo e a alegria.

A ideia positiva ou negativa que temos de nós mesmos depende do autoconhecimento e do cumprimento das metas que cada um se propõe. Estas partem, em boa medida, dos modelos de homem ou mulher que desejamos alcançar e que se nos apresentam de modos muito diversos, por exemplo, através da educação recebida na família, dos comentários de amigos ou conhecidos e das ideias predominantes numa determinada sociedade. Por isso, é importante definir quais são os nossos pontos de referência, já que se forem altos e nobres, contribuirão para uma adequada autoestima. E convém identificar quais são os modelos que circulam na nossa cultura porque, mais ou menos conscientemente, influem na forma como nos avaliamos.

Interrogar-se sobre os modelos

Sucedem, por vezes, que fazemos uma apreciação distorcida sobre nós ao ter admitido uns critérios de sucesso que, na verdade, podem ser pouco realistas e até nocivos: a eficácia profissional a todo o custo, relações afetivas egocêntricas, estilos de vida marcados pelo hedonismo. Podemos

sobrevalorizar-nos depois de alguns êxitos, que nos parecem reconhecidos pelos outros; também nos pode acontecer o contrário: desvalorizar-nos, por não haver atingido determinados objetivos ou por não nos sentirmos considerados em certos ambientes. Estas avaliações erradas são, em grande parte, resultado de olhar demasiado para quem qualifica a trajetória pessoal exclusivamente em função do que se consegue, tem ou possui.

Para evitar os riscos anteriores, vale a pena perguntar-se sobre quais são os nossos pontos de referência na vida profissional, familiar, social e se estes são compatíveis com uma perspetiva cristã da existência. Sabemos, além disso, que, em última análise o modelo mais perfeito, completo e inteiramente coerente é Jesus Cristo. Ver a nossa vida à luz da Sua é o melhor modo de nos avaliarmos, pois sabemos que Jesus é um exemplo próximo, com Quem temos uma relação pessoal – de um eu com um Tu – através do amor.

Autoconhecimento: com a luz de Deus

Para avaliar-se verdadeiramente, é fundamental conhecer-se. Esta tarefa é complexa e requer uma aprendizagem que, em certo sentido, nunca termina. Começa por superar uma perspetiva exclusivamente subjetiva – "a meu ver", "na minha opinião", "parece-me"... – para ter em conta outros pontos de vista. Se nem sequer sabemos com exatidão como é a nossa voz e aspeto físico, e temos que recorrer a instrumentos, como um gravador ou um espelho, quanto mais será indispensável admitir que não somos os melhores juízes para avaliar a nossa própria personalidade!

Além da reflexão pessoal, conhecer-se a si mesmo é fruto do que nos ensinam os outros sobre nós. Isto consegue-se quando sabemos abrir-nos a quem nos pode ajudar – temos um grande recurso na direção espiritual pessoal – aceitando as suas opiniões e considerando-as em relação a um bom ideal de vida. Neste âmbito também influem a interação com quem nos rodeia, as modas e os costumes da sociedade. Um ambiente que promove a reflexão favorece o desenvolvimento dos recursos de introspeção; enquanto

que um ambiente com um estilo de vida superficial limita esse desenvolvimento.

Convém, pois, fomentar hábitos de reflexão e perguntar-nos como Deus nos vê. A oração é o momento oportuno, porque ao mesmo tempo que conhecemos o Senhor, nos conhecemos com a Sua luz. Entre outras coisas, procuraremos compreender os comentários e conselhos que podemos receber dos outros. Nalgum caso, saberemos distanciar-nos dos juízos de outras pessoas, quando notamos que os fazem com fundamentos pouco objetivos, ou talvez de um modo pouco reflexivo, especialmente se julgam segundo critérios que não são compatíveis com a vontade de Deus. É preciso saber escolher a quem prestar mais atenção, porque, como diz a Escritura: *«É melhor ouvir a reprimenda de um sábio que o louvor de um louco»*^[4].

Por outro lado, como todos somos em parte responsáveis pela autoestima daqueles que nos rodeiam, havemos de esmerar-nos para que nas nossas palavras se reflita a consideração por cada um, que é filho de Deus. Especialmente se temos uma posição de autoridade ou de orientação (na relação pai-filho, professor-aluno, etc.) os conselhos e indicações contribuirão a reafirmar nos outros a convicção do próprio valor, mesmo quando se vê que é necessário corrigir. Este é o ponto de partida, o oxigênio para que a pessoa cresça respirando por si mesma, com esperança.

Aceitação pessoal: assim nos quer o Senhor

Ao considerar o próprio modo de ser à luz de Deus, estamos em condições de nos aceitarmos tal como somos: com talentos e virtudes, mas também com defeitos que admitimos humildemente. A verdadeira autoestima implica reconhecer que nem todos somos iguais e aceitar que outras pessoas podem ser mais inteligentes, tocar melhor um instrumento musical, ser mais desportistas... Todos temos boas qualidades que podemos desenvolver e, mais importante, todos somos filhos de Deus. Nisto reside a verdadeira autoaceitação, o sentido positivo do amor-próprio cristão que

quer servir a Deus e aos demais, rejeitando as comparações excessivas que poderiam levar à tristeza.

Em última análise, aceitar-nos-emos como somos, se não perdemos de vista que Deus nos ama com as nossas limitações, que fazem parte do nosso caminho de santificação e são matéria da nossa luta. O Senhor escolhe-nos, como aos primeiros Doze: **«homens correntes, com defeitos, com debilidades, com palavras maiores do que as suas obras. E, contudo, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens (cf. Mt 4, 19), corredores, administradores da graça de Deus»**^[5].

Perante o êxito e os fracassos

A partir desta abordagem sobrenatural, contemplam-se mais profundamente a nossa forma de ser e o percurso biográfico, compreendendo o seu sentido pleno. Relativizam-se, com uma visão de eternidade, os sucessos e as realizações temporais. Então, se nos alegamos com o sucesso na nossa atividade, sabemos também que o mais importante é que esta tenha servido para crescer em santidade. É o realismo cristão, a maturidade humana e sobrenatural, que do mesmo modo que não se deixa levar pela exaltação que pode provocar o triunfo ou o louvor, também não se deixa arrastar pelo pessimismo perante a derrota. Ajuda muito dizer, como S. Pedro, que o bem foi feito por nós em **«nome de Jesus Cristo Nazareno!»**^[6].

Ao mesmo tempo, admitir que as dificuldades externas e as próprias imperfeições limitam as nossas realizações é um dos aspetos que dá forma à autoestima, fundamenta a maturidade pessoal e abre as portas da aprendizagem. Só podemos aprender a partir do reconhecimento das nossas faltas e com a atitude de retirar experiências positivas do que aconteceu: **«Fracassaste! – Nós não fracassamos nunca. – Puseste por completo a tua confiança em Deus. Não omitiste, depois, nenhum meio humano. Convence-te desta verdade: o êxito – agora e nisto – era fracassar. – Dá graças ao Senhor e... torna a começar!»**^[7]. Está-se em condições de empreender o caminho da Cruz, que mostra o paradoxo da fortaleza, da

debilidade, a grandeza da miséria e o crescimento na humilhação, e ensina a sua extraordinária eficácia.

Trabalhar com segurança e saber retificar

A segurança pessoal é mais forte quando se apoia no saber-se filhos amados de Deus, e não na certeza de obter o sucesso, que muitas vezes nos foge. Esta convicção permite tolerar o risco que acompanha qualquer decisão, superar a paralisia da insegurança e manter uma atitude razoável de abertura à novidade. **«Não é prudente quem nunca se engana, mas quem sabe retificar os seus erros. É prudente, porque prefere não acertar vinte vezes a deixar-se ficar num cómodo abstencionismo. Não age com precipitação desenfreada ou com absurda temeridade, mas assume o risco das suas decisões e não renuncia a conseguir o bem com medo de não acertar»**^[8].

Partindo das limitações pessoais e da capacidade de aprender do ser humano, retificar pressupõe uma melhoria, um enriquecimento pessoal que, por sua vez, reverte no que o rodeia e em quem o rodeia, contribuindo simultaneamente para incrementar a confiança em si mesmo e no ambiente. Quem se põe nas mãos do Pai celeste está seguro, porque **«todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus»**^[9], até as quedas, quando pedimos perdão ao Senhor e, com a sua graça, nos levantamos, havendo crescido em humildade. Deste modo, saber retificar faz parte do processo de conversão: **«Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, (Deus aí está) fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda a iniquidade»**^[10].

Uma virtude indispensável

A autoestima cresce, em síntese, com a ajuda da humildade, **«porque esta é a virtude que nos ajuda a conhecer simultaneamente a nossa miséria e a nossa grandeza»**^[11]. Se falta esta atitude da alma, não é raro que cheguem problemas de estima pessoal. Mas quando se cultiva, a pessoa

enche-se de realismo, e avalia-se corretamente: não somos homens nem mulheres impecáveis, mas também não somos seres corrompidos! Somos filhos de Deus, e sobre as nossas limitações alicerça-se uma dignidade surpreendente.

A humildade gera o ambiente interior que permite conhecer-nos como somos e nos impulsiona a procurar sinceramente o apoio dos outros, ao mesmo tempo que lhe damos o nosso. Em última análise, todos e cada um necessitamos de Deus, porque «*é n'Ele que temos a vida, o movimento e o ser*»^[12], que é Pai misericordioso e vela continuamente por nós. Quanta segurança e confiança houve na vida de Santa Maria! Se pode dizer que «*realizou em mim maravilhas Aquele que é Poderoso e cujo nome é Santo*»^[13] é porque vive muito consciente da «*humildade da sua serva*»^[14]. N'Ela, humildade e consciência da grandeza da própria vocação, combinam-se maravilhosamente.

J. Cavanyes

NOTAS

[1] 1 Pe 1, 18-19.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 274.

[3] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 24.

[4] Ecl 7, 5.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 2.

[6] At 3, 6.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 404.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 88.

[9] Rm 8, 28.

[10] 1 Jo 1, 8-9.

[11] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 94.

[12] At 17, 28.

[13] Lc 1, 49.

[14] Lc 1, 48.

Cultivar a interioridade na era digital

Chamadas, mensagens, tweets, alertas... telefones e computadores alteraram o nosso acesso á realidade. Como conseguir que sejam uma ajuda para a nossa vida normal ao serviço de Deus e dos outros?



As novas tecnologias aumentaram o volume de informação que recebemos em cada instante e talvez hoje já não nos surpreenda que nos cheguem em tempo real notícias de sítios longínquos. Estar informado e ter dados do que acontece é cada vez mais fácil. Surgem, no entanto, novos reptos, e em particular este: como gerir os recursos informáticos?

O aumento da informação disponível impõe a cada um de nós a necessidade de cultivar uma atitude reflexiva, o que quer dizer, ter a capacidade de discernir os dados que são valiosos, daqueles que o não são.

Por vezes é complicado, pois « a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correcta de si mesmo»[1]. Se ao que se referiu se juntar que as tecnologias de informação nos oferecem uma grande quantidade de estímulos que reclamam a nossa atenção (mensagens de texto, imagens, música), é evidente o risco de nos acostumarmos a responder-lhes imediatamente, sem ter em conta a atividade que estávamos a realizar nesse momento.

O silêncio faz parte do processo comunicativo, porque facilita momentos de reflexão que permitirão assimilar aquilo que se capta e dar uma resposta adequada ao interlocutor: «Escutamos e conhecemo-nos melhor a nós mesmos; nasce e aprofunda-se o pensamento, compreendemos com maior clareza o que queremos dizer ou o que esperamos do outro; escolhemos como expressar-nos»[2].

Na vida cristã, o silêncio tem um papel importantíssimo, pois é condição para cultivar uma interioridade que permite ouvir a voz do Espírito Santo e secundar as suas moções. São Josemaria relacionava o silêncio, a fecundidade e a eficácia[3], e o Papa Francisco pediu orações «para que os homens e mulheres do nosso tempo, tantas vezes mergulhados num ritmo frenético de vida, , redescubram o valor do silêncio e saibam escutar Deus e os irmãos»[4]. Como conseguir esta interioridade, num ambiente marcado pelas novas tecnologias?

A virtude da temperança, uma aliada

S. Josemaria indica uma experiência com a qual é fácil identificar-se: **"Os assuntos fervilham-me na cabeça nos momentos mais inoportunos..."**, dizes. **Por isso te recomendei que procurasses conseguir uns tempos de silêncio interior... e a guarda dos sentidos externos e internos.** [5]. Para conseguir um recolhimento que leve a envolver as potências na tarefa que realizamos, e assim poder santificá-la, é preciso exercitar-se na guarda dos sentidos. E isto aplica-se de modo

especial ao uso dos recursos informáticos, que – como todos os bens materiais – se devem empregar com moderação.

A virtude da temperança é uma aliada para conservar a liberdade interior ao movimentar-se pelos ambientes digitais. **Temperança é senhorio**[6], porque ordena as nossas inclinações para o bem no uso dos instrumentos com que contamos. Leva a agir de maneira que se empreguem retamente as coisas, porque se lhes dá o seu justo valor, de acordo com a dignidade de filhos de Deus.

Se quisermos acertar na escolha de aparelhos eletrónicos, na contratação de serviços, ou, mesmo, ao utilizar um recurso informático gratuito, é lógico que consideremos o seu atrativo ou utilidade, mas também verificar se corresponde a um estilo temperado de viver: isto leva-me a aproveitar mais o tempo, ou vai-me causar distrações inoportunas? As funcionalidades adicionais justificam uma nova compra, ou é possível continuar a utilizar o aparelho que já possuo?

O ideal da santidade implica ir mais além do que é meramente lícito – *se se pode...* – para perguntar-se: *isto, aproximar-me-á mais de Deus?* Dá muita luz aquela resposta de São Paulo aos de Corinto: «Tudo me é lícito». Mas nem tudo me convém. «Tudo me é lícito». Mas não me deixarei dominar por nada[7]. Esta afirmação de autodomínio do Apóstolo tem nova atualidade, quando consideramos alguns produtos ou serviços informáticos que, ao procurar uma *recompensa* imediata ou relativamente rápida, estimulam a repetição. Saber pôr um limite ao seu uso evitará fenómenos como a ansiedade ou, em casos extremos, uma espécie de dependência. Pode servir-nos neste campo aquele breve conselho: **Acostuma-te a dizer que não**[8], atrás do qual se encontra uma chamada a lutar com sentido positivo, como o próprio S. Josemaria explicava: **Porque desta vitória interna sai a paz para o nosso coração, e a paz que levamos para os nossos lares – cada um, ao seu – e a paz que levamos à sociedade e ao mundo inteiro**[9].

O uso das novas tecnologias dependerá das circunstâncias e necessidades próprias. Por isso, neste âmbito cada um – ajudado pelo conselho dos outros – deve encontrar a sua medida. Deve-se sempre perguntar se o uso é moderado. As mensagens, por exemplo, podem ser úteis para manifestar proximidade a um amigo, mas se fossem tão numerosas que implicassem interrupções contínuas no trabalho ou no estudo, é porque, provavelmente, estaríamos a cair na banalidade e na perda de tempo. Neste caso, o autodomínio ajudar-nos-á a vencer a impaciência e a deixar a resposta para mais tarde, de modo que possamos ocupar-nos de uma actividade que exigia concentração, ou, simplesmente, prestar atenção a uma pessoa com quem estávamos a conversar.

Certas atitudes ajudam a viver a temperança neste âmbito. Por exemplo, conectar o acesso às redes a partir de uma hora determinada, fixar um número de vezes por dia para olhar para a conta de uma rede social ou para ver o correio eletrónico, desligar os dispositivos à noite, evitar o seu uso durante as refeições e nos momentos de maior recolhimento, como são os dias dedicados a um retiro espiritual. A Internet pode consultar-se em momentos e locais apropriados, de modo a não se colocar numa situação de navegar pela internet sem um objetivo concreto, com o risco de deparar com conteúdos que contradizem uma postura cristã da vida ou, pelo menos, perder o tempo com trivialidades.

O convencimento de que as nossas aspirações mais elevadas estão para além das satisfações rápidas que nos poderia dar um *click*, dá sentido ao esforço por viver a temperança. Através desta virtude, forja-se uma personalidade sólida e **A vida ganha então as perspectivas que a intemperança esbate; ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de partilhar com todos o que nos pertence, de nos dedicarmos a tarefas grandes**[10].

O valor do estudo

O hábito do estudo, que ordena o desejo de chegar a metas nobres, costuma relacionar-se com a temperança. Santo Tomás caracteriza a virtude

da *studiositas* como um «certo entusiasmante interesse por adquirir o conhecimento das coisas»[11], que implica a superação da comodidade e da preguiça. Quanto mais intensamente a mente se aplicar em algo pelo facto de o ter conhecido, tanto mais se desenvolve regularmente o seu desejo de aprender e de saber.

O desejo de saber é enriquecedor quando se põe ao serviço dos outros e contribui para fomentar um reto amor ao mundo, que nos impulsiona a seguir a evolução das realidades culturais e sociais em que nos movemos e que queremos levar para Deus. Mas isto é diferente de viver para o exterior, dominado por uma curiosidade que se manifestaria, por exemplo, na ânsia de estar informados de tudo ou de não querer perder nada. Essa atitude desordenada acabaria por conduzir à superficialidade, à dispersão intelectual, à dificuldade para cultivar o convívio com Deus, à perda do interesse apostólico.

As novas tecnologias, ao ampliarem as fontes de informação disponíveis, são uma ajuda valiosa no estudo de assuntos tão variados como um projeto académico de investigação, a escolha de um local para as férias familiares, etc. No entanto, existem também várias formas de desordem do apetite ou desejo de conhecimento: uma pessoa pode abandonar um determinado estudo que constitui para ela uma obrigação e começar «outra investigação menos proveitosa»[12]. Por exemplo, quando a atenção se centra na resposta a uma mensagem ou à última atualização, em vez de se concentrar no estudo ou no trabalho.

A curiosidade desmedida, que São Tomás caracterizava como uma «inquietação errante do espírito»[13], pode conduzir à acídia: uma tristeza do coração, um peso da alma que não consegue responder à sua vocação que exige pôr atenção e esforço no convívio com o próximo e com Deus. A acídia é compatível com uma certa agitação da mente e do corpo, mas que só reflete a instabilidade interior. Por outro lado, o hábito do estudo mantém o vigor à hora de trabalhar e de se relacionar com os outros, dá eficácia ao tempo que gasto e, ainda, ajuda a poder apreciar as actividades que exigem um esforço mental.

Proteger os tempos de silêncio

A temperança prepara o caminho para a santidade, pois constrói uma ordem interior que permite empregar a inteligência e a vontade naquilo que se tem entre mãos: **Queres deveras ser santo? –Cumpre o pequeno dever de cada momento, faz o que deves e está no que fazes** [14]. Para receber a graça divina, para crescer em santidade, o cristão tem de se meter na actividade que é a sua matéria de santificação.

As novas tecnologias favorecem a superficialidade? Dependerá, sem dúvida, do modo como se utilizem. No entanto, é necessário estar prevenido contra a dissipação: **Deixas que os teus sentidos e potências se embebam em qualquer charco. -Assim andas tu depois: sem te fixares em nada, dispersa a atenção, adormecida a vontade, e desperta a concupiscência.** [15].

Evidentemente, quando se cede à dissipação por um emprego desordenado do telefone ou da internet, a vida de oração encontra obstáculos para o seu desenvolvimento. Não obstante, o espírito cristão leva a conservar a calma enquanto nos movemos com facilidade nas diversas circunstâncias da vida moderna: **Os filhos de Deus têm de ser contemplativos: pessoas que, no meio do fragor da multidão, sabem encontrar o silêncio da alma em colóquio permanente com Nosso Senhor**[16].

S. Josemaria salientava que **o silêncio é como que o porteiro da vida interior**[17], e nesta linha encorajava os fiéis que vivem no meio do mundo a ter momentos de maior recolhimento, compatíveis com um trabalho intenso. Dava especial importância à preparação da Santa Missa. Num ambiente penetrado pelas novas tecnologias, os cristãos sabem encontrar tempos para o trato com Deus, onde os sentidos, a imaginação, a inteligência, a vontade se podem recolher. Como o profeta Elias, descobrimos o Senhor não no ruído dos elementos e no ambiente, mas *num sussurro de brisa suave*[18].

O recolhimento que abre espaço ao colóquio com Jesus Cristo exige deixar para segundo plano outras atividades que reclamam a nossa atenção. A oração pede para que nos desliguemos do que nos possa distrair e, com frequência, será oportuno que esse desligar seja físico, desativando as notificações de um dispositivo, fechando os programas em execução ou, eventualmente, desligando o equipamento. É o momento de dirigir o olhar para o Senhor, e deixar nas Suas mãos o resto.

Por outro lado, o silêncio leva a estar atento aos outros e reforça a fraternidade, para descobrir **pessoas que necessitam de ajuda, caridade e carinho**[19]. Numa época em que contamos com recursos tecnológicos que parecem empurrar-nos para encher o nosso dia de iniciativas, de atividades, de ruído, é bom fazer silêncio fora e dentro de nós. Neste sentido, ao refletir sobre o papel dos meios de comunicação social na cultura atual, o Papa Francisco convidou a «recuperar um certo sentido de pausa e de calma. Isto requer tempo e capacidade de guardar silêncio para escutar. (...) Se temos o genuíno desejo de escutar os outros, então aprenderemos a olhar o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas diferentes culturas e tradições»[20]. O esforço por formar uma atitude pessoal de escuta, e a promoção de espaços de silêncio, abrem-nos aos outros e, de modo especial, à ação de Deus nas nossas almas e no mundo.

*Juan Carlos Vásconez
– Rodolfo Valdés*

NOTAS

[1] Francisco, Mensagem para a Jornada Mundial das comunicações sociais, 24-I-2014.

[2] Bento XVI, Mensagem para Jornada Mundial das comunicações sociais, 24-I-

[3] Cfr. Sulco, nn. 300 e 530.

[4] Francisco, Intenção geral para o apostolado da oração para setembro de 2013.

[5] Sulco, n. 670.

[6] Amigos de Deus, n. 84.

[7] 1 Cor 6, 12.

[8] Caminho, n. 5.

[9] S. Josemaria, Apontamentos tomados numa tertúlia, 28-X-1972.

[10] Amigos de Deus, n. 84.

[11] São Tomás, S. Th.II-II, q. 166, a. 2 ad 3.

[12] São Tomás, S. Th.II-II, q. 167, a. 1 resp.

[13] São Tomás, De Malo, q. 11, a. 4.

[14] Caminho, n. 815.

[15] Ibid., n. 375.

[16] Forja, n. 738.

[17] Caminho, n. 281.

[18] Cfr. *1 Re* 19, 11-13.

[19] *Temas actuais do cristianismo*, n. 96.

[20] Francisco, Mensagem para a XLVIII Jornada Mundial das comunicações sociais, 24 de janeiro de 2014.

Temperança

O texto que se segue baseia-se nas considerações do capítulo “Temperança”, do livro “Pasó haciendo el bien” de F. Fernández Carvajal, editado em 2016 pelas Ed. Palabra.



A temperança consiste numa harmonia interior que leva a pessoa a escolher o bem. É uma virtude cardeal que nos ajuda a desfrutar dos bens com liberdade, sem permitir que nos dominem ou escravizem. O Papa Francisco diz que “temperança é sentido da medida” [1].

A temperança permite-nos não perder na vida o *Norte* que aponta para Deus. Trata-se de realizar as acções corretas, tendo claro o objetivo da nossa vida, que é alcançar o Céu, ser feliz. Se os vícios ou a ganância do dinheiro monopolizam a vida das pessoas, estas perdem de vista o fim para que nasceram, que é amar: amar a Deus sobre todas as coisas e aos outros por Deus, fazer o bem.

Não podemos ocultar que o equilíbrio e a harmonia interior são difíceis de conseguir, devido à ferida causada pelo pecado original. As inclinações para os bens criados podem acabar por ser muito fortes. As pessoas que são arrastadas por tentações ficam encolhidas e sentem-se atraídas por metas que, uma vez alcançadas, não proporcionam a felicidade esperada. Deste modo, o homem fica cego, não consegue ver o seu horizonte e não caminha, não cresce, não alcança o fim a que Deus o chama.

A temperança é essa proteção, esse amparo que nos permite manter o equilíbrio necessário para ajudar os outros e ser felizes. Há algumas atividades, alguns costumes ou passatempos que em si são bons mas que se convertem em coisas indispensáveis e dedicamos-lhes tempo e atenção a mais; é como se eles nos atassem e nos impedissem de nos dedicarmos a deveres mais importantes.

Temos um coração inquieto

Para sabermos escolher o bem, seja em que altura for, precisamos de aceitar a ação de Deus na nossa vida. “Um homem que está distante de Deus está também afastado de si próprio, alienado de si próprio, e só pode reencontrar-se encontrando-se com Deus. Assim chega também a si, ao seu verdadeiro “eu”, à sua verdadeira identidade”[2]. Procurar Deus através de decisões e escolhas próprias é a mais clara demonstração de estarmos a optar por Ele, e o meio adequado para permitir que Ele aja em nós e a sua graça nos transforme.

A experiência de Santo Agostinho é deveras eloquente, quando faz aquela famosa afirmação do início das *Confissões* (autobiografia espiritual escrita em louvor a Deus): "Criastes-nos para Vós, e o nosso coração está inquieto, enquanto não descansa em Vós" (I, 1,1). Escolher o bem, exercitar a temperança, baseia-se no plano que Deus inscreveu nos nossos corações.

Depois de o *jovem rico* se negar a deixar os seus bens, Jesus disse aos discípulos:” Dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus “(Mt 19,23). Eles ficam surpreendidos; talvez nós também fiquemos espantados com

uma tal negativa à chamada de Deus. O mal começa quando surge a cobiça ou o amor desmesurado ao dinheiro, quando se deseja ter sempre mais, sempre mais, para fins pessoais, para luxos e caprichos. A ânsia de possuir *muitos celeiros* perverte o coração do homem. O lugar que devia ser ocupado por Deus fica cheio com o dinheiro, com os bens materiais, que se converteram então em coisas más. É uma espécie de epidemia que a todos afeta: grandes e pequenos, homens e mulheres, quem já possui muito e quem carece de tudo.

O amor às riquezas parece-se com a água salgada; quanto mais se bebe, mais sede se tem. A ânsia desmedida de *possuir mais* nunca tem fim, nunca se satisfaz e leva à infelicidade. Estamos a tentar fazer uma coisa impossível: encher com bens materiais um vazio interior. Ora o nosso coração foi feito para Deus e só Deus o pode encher.

O bom uso das riquezas

É extremamente fácil que a abundância de bens nos leve a esquecer que a vida é caminho. Assim o diz o poeta castelhano: “Este mundo ameno é/ se bem usássemos dele/ qual devemos,/ pois segundo nossa fé/ somente ganhar aquele/ pretendemos”[3]. Recordar com frequência qual o objetivo da nossa vida, para não nos esquecermos do sentido que ela tem, ajudar-nos-á a saber acertar no momento de escolher.

No mundo dos negócios, nem sempre é fácil discernir qual a escolha mais adequada. A tal respeito escreveu D. Javier Echevarría: “Quem dirige uma empresa terá naturalmente de tentar obter razoáveis lucros económicos, que são a justa retribuição dos seus esforços e do serviço que presta à sociedade. Mas deverá evitar a tentação de buscar acima de tudo o dinheiro, o poder ou o êxito profissional. (...) O dinheiro – bem como o poder ou o prestígio – não passa de um instrumento; não se deve converter num fim. Só Deus, só procurar a sua glória é na verdade um fim – o único Fim, com maiúscula – digno do homem. É por isso que, e não seria bom silenciá-lo, o mesmo Jesus que louva o uso honesto das riquezas reprova a

atitude de um homem néscio que, ao receber alguns haveres de monta, não pensa nem nos outros nem na sua própria alma”[4].

“O supérfluo dos ricos é o necessário dos pobres. Possuem bens alheios os que possuem bens supérfluos”[5]. As grandes diferenças sociais e económicas existentes reclamam a generosidade dos que têm mais. Só assim a injustiça pode ir desaparecendo. Fechar os olhos à miséria que sofrem tantas famílias, à fome de milhares de crianças, às carências que experimentam pessoas próximas ou longínquas é uma injustiça tão grande que não se pode medir.

A dificuldade em entrar no Reino dos Céus a que Jesus se refere só diminui e se resolve através da solidariedade para com os pobres.

Comer e beber com peso e medida

O Senhor deu de presente a Adão e Eva “todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente,” para lhes servirem de alimento[6]. Com toda a simplicidade, Deus apontou-lhes a necessidade de todos os seres vivos se alimentarem, tanto pessoas como animais. “Jesus não fica indiferente perante a fome dos homens, diante das suas necessidades materiais, mas coloca-as no seu justo contexto e situa-as na reta ordem” [7].

Deus mandou o homem cultivar a terra para dela tirar o alimento e, como tudo o mais na criação, isso é algo querido por Deus e bom em si mesmo. No entanto, a História e o tempo presente oferecem espectáculos e acontecimentos que parecem desmentir esta afirmação tão natural. Porque, ao idolatrar a comida, pode-se chegar ao cúmulo do excesso: comer e beber até à saciedade plena, sem dizer ‘basta’, apesar dos danos que causa à saúde.

A Sagrada Escritura refere que o vinho alegra o coração do homem [8], e sabemos que é verdade. No entanto, ao cometer excessos na comida e na bebida o homem age contra si próprio, não só porque causa dano à saúde,

mas também pelos efeitos da embriaguez: embota os sentidos, impede a relação com os outros, gera violência, degrada e, se se converte em vício, impede o trabalho e a preocupação pelos outros. A pessoa acaba por não poder passar sem a bebida e essa dependência causa-lhe um profundo desprezo por si própria.

É este o conselho de S. Paulo: “Como quem vive em pleno dia, comportemo-nos honestamente: nada de comezainas e bebedeiras, nada de devassidão e libertinagens, nada de discórdias e invejas. Pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não vos entregueis às coisas da carne, satisfazendo os seus desejos.” (Rm 13,13-14).

Fazer compras por capricho

“Contenta-te com o que basta para passar a vida sóbria e temperadamente”[9]. É um conselho para os cristãos de qualquer época e para todos, válido muito especialmente para a nossa sociedade de consumo.

É fácil deixarmo-nos fascinar pela multiplicidade de produtos anunciados; mercados e montras oferecem e apresentam como necessários alguns produtos ou serviços nos quais muita gente vê a imagem da felicidade.

É preciso viver e ensinar os filhos a prescindir de coisas supérfluas, a não criar necessidades, a ficar contentes com o que têm: tem mais valor partilhar com eles o tempo de descanso, estar próximos e acessíveis, brincar com os mais pequenos, ouvir e compreender os mais velhos.

“Reparai nos lírios... Eu digo-vos: nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles... Não vos inquieteis com o que haveis de comer ou beber, nem andeis ansiosos, pois as pessoas do mundo é que andam à procura de todas estas coisas; mas o vosso Pai sabe que tendes necessidade delas” (Lc 12,27-29).”

Aprender a não se zangar; criar empatia

A ira também vai contra a temperança - é uma reação descontrolada. As pessoas que se tornam violentas quando se zangam prejudicam e amarguram quem os rodeia; e essas suas reações surgem por vezes por questões banais. Bastar-lhes-ia olhar em volta e ser um pouco mais razoáveis, mais inteligentes, para criarem empatia e compreenderem que o seu comportamento está deslocado e destoado.

A ira pode também permanecer soterrada: não aparece, mas interiormente converte-se em rancor. Por isso há tantas pessoas que conservam durante largo tempo a lembrança da injúria recebida.

Por vezes, a ânsia de conforto leva-nos a reagir mal ante um pequeno esforço. Mas acabamos por ver que a ira não serve para nada e que era melhor não nos termos aborrecido.

Um sábio da Antiguidade faz estas perguntas a respeito de zangas tolas: «Qual a verdadeira causa desses acessos de ira se alguém tosse ou espirra, se não enxotaram logo uma mosca, se encontramos um cão no caminho ou se um escravo deixa sem querer cair uma chave? Suportará calmamente os gritos da população ou os sarcasmos do fórum e da cúria um homem que sente os ouvidos irritados por uma cadeira arrastada? Suportará o homem que vai à guerra no Verão a fome ou a sede, se se irrita com o escravo que lhe dissolveu mal o gelo no vinho?» [10].

Tudo consiste em refletir, tirar importância ao que incomoda, deixar de pensar no que nos irritou e procurar esquecê-lo depressa.

De Jesus aprendemos que também há causas que justificam a cólera: quando entrou no Templo e se deparou com o mercado fraudulento ali instalado derrubou as mesas e expulsou com violência os cambistas e os vendedores [11]. E Ele mesmo é o Deus afável e cheio de bondade, que acolhe as crianças que brincam à sua volta.

A temperança pode servir de exemplo

O exercício da temperança entra-nos pelos olhos: o trato íntimo com pessoas que vivem esta virtude leva à descoberta de que se trata de homens e mulheres muito livres, pessoas que não estão presas às riquezas, aos prazeres, ao comodismo ou à fama.

“Procurai as coisas do alto, onde está Cristo, sentado a direita de Deus. Aspirai às coisas do alto e não às coisas da terra” (Col 3, 1-2). Quem pôs o seu coração no verdadeiro tesouro goza de uma alegria e de uma paz que as coisas da terra não podem dar. São por isso pessoas atraentes, que convencem: sem alardes e sem chamar a atenção, os seus atos mostram que há mais felicidade em dar que em receber, em viver desprendidos em vez de empenhados em entesourar, em superar a inclinação para o prazer em vez de ser escravos das tendências inferiores.

A temperança é uma virtude que dá muito nas vistas, os atos de temperança são muito evidentes, mesmo quando não são chamativos; a sobriedade é o espelho onde se descobre uma vida cheia e livre: por detrás dela divisa-se alguém que escolheu não viver como ave de capoeira, mas sim voar como as águias [12], perto de Deus.

Neste contexto, podem os cristãos – Deus quer que o façam – ser reflexo vivo de Cristo, que nasceu e viveu pobre, usava uma túnica de boa qualidade, comia e bebia com gente de todas as condições, por vezes não tinha um teto para se abrigar nem tempo para comer, não andou a cavalo mas de burro e percorreu a pé os caminhos da Palestina, de Norte a Sul. Ao falar de felicidade e de bem-aventurança referiu os pobres, os pacíficos, os puros de coração, os que choram, os misericordiosos... “Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu (Mt 5, 12).

[1] Francisco, *Discurso*, 31-III-2014.

[2] Bento XVI, Audiência, 30-I-2008.

[3] Jorge Manrique, *Coplas pela morte de seu pai e coplas póstumas* 6; introdução, tradução e notas de Rubem Amaral Jr; S. Paulo, 1984.

[4] Javier Echevarría, *Dirigir empresas con sentido cristiano*, p. 49.

[5] Santo Agostinho, *Patrística, Comentário ao salmo 147*; Paulus ed.

[6] *Gn* 1,29.

[7] Bento XVI, *Jesus de Nazaré I*, p. 63.

[8] *Sl* 104,14.

[9] S. Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 631.

[10] Séneca, *Sobre a ira*, II, XXV.

[11] Cf. *Jo* 2, 13-25.

[12] Cf. S. Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 7.

Fazer frutificar os talentos

Uma parte não pequena de uma vida com êxito consiste precisamente nisso, em desenvolver as capacidades recebidas. Neste artigo medita-se a parábola dos talentos.



Não foi por serdes mais numerosos que outros povos que o SENHOR se agradou de vós e vos escolheu; vós até éreis o mais pequeno de todos os

povos. Porque o Senhor vos ama e é fiel ao juramento que fez a vossos pais [1]. Cada homem foi fruto de um amor de predileção; ao dar a vida às criaturas humanas, Deus quer que todas participem da Sua bondade e felicidade, quer ser amado livremente por elas.

Apesar dos homens o esquecerem ou desprezarem, Ele não cessa de os procurar, de andar à sua volta, de pedir a sua correspondência; o Seu desígnio não se altera, o Seu amor nunca acaba. Ele é o Deus fiel; pelo Seu amor infinito, não se arrepende dos Seus dons.

As primeiras páginas do Antigo Testamento mostram como a fidelidade do Criador não depende das debilidades e traições das Suas criaturas. Ao pecado de Adão e Eva, o Senhor responde com os Seus cuidados paternais: veste-os com amor, promete-lhes um redentor; perante as infidelidades do povo de Israel, o Senhor manifesta-se sempre como um **Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira e rico em misericórdia e fidelidad e** [2], disposto a perdoar, a acolher as petições dos profetas em favor do povo pela fidelidade às suas promessas [3] .

No Novo Testamento, a fidelidade e o amor divinos atingem a sua máxima expressão: a Encarnação do Filho sela de um modo novo a Aliança de Deus com toda a humanidade. Jesus Cristo constituiu-nos parte do Seu Corpo Místico e assim o homem pode ser autenticamente filho de Deus no Filho unigénito, participando da vida divina. Cristo realiza, plenamente e para sempre, o que Moisés tinha pedido a Yahvé: **«Se tu mesmo não vieres connosco, não nos obrigues a partir deste lugar. Como havemos de saber que eu e o teu povo alcançámos graça aos teus olhos? Para isso, não será indispensável que caminhes connosco? [4] .**

PARA TERRAS LONGÍNQUAS

A fidelidade de Deus aviva a nossa esperança. À luz da fé, nenhum homem deveria duvidar de que o Senhor lhe oferece o Seu amor e amizade e este fundamento da nossa esperança é, ao mesmo tempo, estímulo para a nossa resposta fiel ao amor de Deus.

Diversas passagens dos Evangelhos contam como Jesus Cristo louva a fidelidade dos homens. Assim, no elogio do administrador fiel e prudente, que espera a chegada do seu amo, o Senhor alegra-se anunciando a recompensa dessa atitude: **Feliz esse servo a quem o senhor, ao voltar, encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo: Há-de confiar-lhe todos os seus bens [5] .**

Esta mesma ideia aparece refletida na parábola dos talentos. São Josemaria comentou-a repetidas vezes e via algo semelhante a uma fórmula de canonização nas palavras dirigidas ao servo bom e fiel.

A história começa quando um homem **ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu [6] .** À semelhança desses servos, Deus pôs à disposição de cada homem um dom totalmente gratuito: uma vida que é, ao mesmo tempo, vocação à comunhão com o Criador. No entanto, Mateus destaca que o dom corresponde à capacidade de cada um: a um entrega cinco talentos, porque sabe que é capaz de gerir essa quantidade; a outro, dois e ao último, um. Deus – falando em termos humanos – utiliza “a justiça das mães”: dá a cada um de acordo com aquilo que pode aguentar, de acordo com as possibilidades que Ele mesmo pôs em cada pessoa.

No nosso caso, juntamente com muitos outros dons, talvez nos tenha confiado uma vocação, um caminho, um modo de viver na Igreja. É o talento que melhor corresponde ao nosso ser, pois o conhecimento que Deus tem de nós é amor criativo. Ninguém, portanto, pode pensar que Deus lhe pede demasiado, ou que se excedeu com ele, ou que o colocou num lugar que não é o seu, ou que as suas forças são escassas para a tarefa encomendada; a todos dá a Sua graça e dá-a na medida em que faz falta a cada um; e, simultaneamente, Deus pede muito: tudo!

O Senhor espera que correspondamos ao Seu dom administrando-o com prontidão, constância e iniciativa. Assim atuaram a maioria dos servos da parábola: **Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou**

outros cinco. Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois [7] . O importante aqui não é onde foi o servo, mas a sua generosidade, pois *imediatamente* se pôs a procurar onde investir o seu dote.

Uma parte não pequena de uma vida com êxito consiste precisamente nisso, em desenvolver as capacidades recebidas, intelectuais, de simpatia, de amabilidade, de relação, de trabalho, para pôr todas essas aspirações aos pés do amo, de tal maneira que Jesus aí possa entrar com liberdade e que não se convertam no ídolo do próprio egoísmo [8].

QUE O TALENTO RENDA

Desenvolver os talentos implica iniciativa. O Senhor não disse aos servos em que deviam investir; cada um tinha os meios para saber que negócios podia enfrentar e a segurança de que o dinheiro que se lhe tinha confiado era o necessário para os levar a cabo.

Por isso, responder à própria vocação requer descobrir as qualidades que cada um recebeu e pô-las em jogo, dando-lhes saída em múltiplas iniciativas. O essencial é *procurar que o talento renda e nos empenhemos continuamente em produzir bom fruto* [9], procurando ir ampliando, pouco a pouco, o impacto social, cultural ou político das nossas actividades, confiados na palavra do Senhor: **ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado** [10]. Frase que, na sua aparente dureza, nos faz recordar que é Deus que dá o incremento [11].

Assim, os nossos talentos darão frutos, não tanto ou não só pelo esforço posto, mas pela benevolência de Deus, que olha com olhos de bondade as oferendas que lhe apresentamos [12]. Quando se dedica tempo aos amigos, aos vizinhos, aos que trabalham connosco, aos condiscípulos da escola ou da universidade, quando se fomentam os interesses – culturais ou desportivos – dos filhos, o fruto apostólico chega; e além disso, *abundará* , sobretudo na própria alma; porque a primeira consequência será a alegria de ter servido, de ter ajudado os outros a crescer.

Algo parecido acontece com os instrumentos apostólicos que promovem os fiéis do Opus Dei em todo o mundo, com tantas pessoas que são ou não cristãs. Sem perder a sua própria natureza, são fermento que fecunda a sociedade a partir do seu interior, colaborando com outras instituições semelhantes na promoção humana, dando a conhecer nos meios de comunicação os seus projetos, etc. E pondo sempre em tudo o sinal mais.

A parábola continua. O Senhor regressa e pede contas e os que fizeram frutificar os talentos escutam o elogio da sua fidelidade: **muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu Senhor** [13] . Chama a atenção que o amo considere *pouco* as imensas fortunas que tinha doado e que os seus servos multiplicaram; são nada e menos que nada, comparadas com o *muito* que Ele tinha previsto dar-lhes: participar da sua própria alegria.

Na passagem paralela do Evangelho segundo São Lucas [14] , o prémio consiste em dar aos servos o governo de cidades. Esta variante ajuda-nos a considerar que os servidores participam da potestade do seu Senhor, que corresponder aos dons implica participar no cuidado que o Rei tem para todos os homens.

Os talentos dos servos hão-de ser administrados *para* os outros: desenvolvem-se na sociedade e para a melhorar. Os servos que aproveitaram os seus dons, com a graça de Deus, estão em melhores condições para se interessarem pelo bem-estar dos seus concidadãos. Preocupam-se com a sua saúde física e moral; promovem propostas que envolvam muitas outras pessoas na evangelização da sociedade, começando pelo âmbito, talvez limitado ou um pouco restrito ao início, em que se desenvolvem.

O importante é mover-se e pôr o nosso ambiente cristã, alegre, primeiro aí onde estamos: se não o fazemos nós, quem o fará? O fundador do Opus Dei resumia tudo isto dizendo que nós, os cristãos, somos para o mundo. Quando servimos, a chamada de Deus atinge toda a sua pujança.

PERSEVERAR NO AMOR

O servo mau e preguiçoso [15] desdenhou da predileção de que tinha sido objeto ao enterrar o talento; deixou passar o tempo sem descobrir as possibilidades que encerrava aquela fortuna. Não quis complicar a vida e, deste modo, nunca chegou a saber o que poderia ter feito, nem descobrir o motivo pelo qual o Senhor tinha tido tanta confiança nele.

É um perigo sempre presente, porque no caminho da chamada «é fácil um primeiro entusiasmo, mas depois vem a constância também nos caminhos monótonos do deserto que se hão-de atravessar ao longo da vida, a paciência de prosseguir sempre igual, mesmo quando diminui o romantismo da primeira hora e só fica o “sim” profundo e puro da fé» [16].

Certamente, que se poderia enterrar o talento uma vez que se começou a negociar com ele. Mas o Senhor indica-nos qual é o meio para que isso não aconteça: **se guardais os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor** [17]. «Se o fruto que devemos produzir é amor, uma condição prévia é precisamente este “permanecer”, que tem que ver profundamente com a fé que não se afasta do Senhor» [18].

Manter-se no caminho que Deus mostrou implica, em si mesmo, uma demonstração de amor e de fé. E o segredo da fidelidade radica precisamente no amor: *Qual é o segredo da perseverança? O Amor. – Enamora-te, e não “O” deixarás* [19].

D. Álvaro, sucessor de São Josemaria, comentando este ponto de *Caminho*, dizia que também se podia afirmar: *não “O” deixes, e enamorar-te-ás; sê leal e acabarás louco de amor a Deus* [20]. O Senhor recompensa a fé perseverante, levando a bom termo a Sua obra e atraindo cada um à Sua Pessoa [21]. Assim, a lealdade é uma fonte de equilíbrio pessoal, pois quem é leal consolida um clima de paz à sua volta; comunica segurança e confiança, afasta o medo e as incertezas.

A parábola dos talentos mostra esta primazia do amor: o amo recompensa os servos fazendo-os participantes da sua alegria, da sua própria pessoa; não dá simplesmente algo que lhe pertence, mas dá-se a ele mesmo. A diligência que mostraram os servos fiéis é também sinal da proximidade que tinham com Ele; e é que a fidelidade cristã não é só a lealdade a uma doutrina, ou a um dogma: o cristão é fiel à pessoa viva de Cristo, com quem tem uma relação de amizade.

Por isso, a perseverança não pode entender-se como algo rígido, frio ou calculado; não produz uma vontade inamovível nem insensível às alterações de ânimo ou de circunstâncias; é, antes, o seu contrário: a fidelidade torna o homem flexível, para enfrentar o sopro de qualquer vento, pois nasce do amor e o amor é inventivo, como o é o Espírito.

Se permanecer fiel ao meu Deus, o Amor vivificar-me-á continuamente. A minha juventude renovar-se-á como a da águia [22]. A santidade é a vida a que estamos chamados. O caminho é claro e está traçado, esculpido, com traços precisos. É este o caminho em que entrámos por mediação de Maria e que seguimos com a sua proteção: ser Obra de Deus, esforçar-nos por responder fielmente – com o coração! – às moções do Espírito Santo.

M. Díez, J. Morales, J. Verdiá

NOTAS

[1] *Dt* 7, 7-8.

[2] *Ex* 34, 6; cfr. *Gn* 3, 21; 3, 15.

[3] Cfr. *Gn* 32, 9-18.

[4] *Ex* 33, 15-16.

[5] *Mt* 24, 46-47.

[6] *Mt* 25, 14-15.

[7] *Mt* 25, 16-17.

[8] Cfr. *Amigos de Deus* , n. 21.

[9] *Ibid* . n. 47.

[10] *Mt* 25, 29.

[11] Cfr. *Mc* 4, 26-29; *1 Cor* 3, 7.

[12] Cfr. Missal Romano, Oração eucarística III, *Réspice, quæsumus...*

[13] *Mt* 25, 21.23.

[14] Cfr. *Lc* 19, 17.19.

[15] *Mt* 25, 26.

[16] Bento XVI – J. Ratzinger, *Jesus de Nazaré* , pp. 309-310.

[17] *Jo* 15, 10.

[18] Bento – J. Ratzinger, *Jesus de Nazaré* , p. 310.

[19] *Caminho* , n. 999.

[20] D. Álvaro, *Carta aos fiéis do Opus Dei*, 19-III-1992 .

[21] Cfr. *Fil* 1, 6.

[22] *Amigos de Deus* , n. 31.

O fruto maduro da identidade

No início, durante e no fim da vida, a nossa identidade está sempre a construir-se. Neste artigo, último da série sobre a formação da personalidade em chave cristã, transparece a meta desta caminhada: o descanso da nossa frágil identidade na de Deus.



Quem é o Senhor?... Numa entrevista de trabalho, na alfândega de um aeroporto, navegando pela internet e em muitas outras circunstâncias, pedem-se-nos dados pessoais. Somos capazes de os dar: nome, data de nascimento, ocupação, naturalidade..., altura, peso e cor dos olhos... Podemos mesmo indicar algumas características do nosso modo de ser: sou bom ou mau desportista, com tendência para engordar, ágil ou torpe, otimista ou pessimista, tímido ou expansivo e falador. Mas, não é verdade que, com tudo isso, fica ainda, realmente, por dizer *quem sou eu?*

No início destas páginas sobre a formação da personalidade vimos que um cristão maduro tem um projeto elevado, claro e harmónico da vida, iluminado pela sua vocação de filho de Deus. Conhecer esse projeto e torná-lo próprio é o que nos permite definir-nos melhor. Os sucessivos capítulos foram-nos permitindo compreender o processo de crescimento e os sinais da maturidade, que inclui a ação do Espírito Santo nas nossas almas.

No princípio, durante e no final deste processo a nossa identidade está sempre a construir-se: já em crianças sabemos quem somos e conhecemos parte do plano, embora simultaneamente esteja tudo por fazer... Pouco a pouco, esse projeto vai-se expandindo, tomamos mais consciência do nosso valor e missão no mundo; damos nome às limitações e aptidões; descobrimos o bom e o mau que existe nos outros. Ao princípio, os nossos pais decidem por nós o nome, a alimentação, a iniciação na fé, a escola...

Na adolescência reforça-se o que nos distingue e nas etapas sucessivas estendem-se as asas de um voo autónomo, ainda que não solitário.

No final da nossa existência terrena, a vida que esteve cheia de sentido encerra-se com uma identidade plena, como o encaixe de uma joia. Culmina assim esse esboço da nossa história que procuramos escrever sobre a terra, com a mão de Deus que guia os nossos traços, e abre-se diante de nós a verdadeira história: reencontraremos, com «o cem por um»[1], tudo o que amámos e todos aqueles *com* quem amámos.

Apontar para a alvo

Como um arqueiro que lança a flecha, se queremos acertar no alvo devemos apontar para cima e para a frente. Temos que ter os ideais à vista e dirigir-nos para eles. Uma pessoa madura tentará recordá-los antes de começar cada tarefa ou de tomar uma decisão. Deste modo, não confundirá os meios com a meta. Porque sabe quem é para onde vai, não se enganará com as aparências de felicidade dos prazeres fáceis, nem com a ilusão de autonomia de quem não aceita outros critérios senão o próprio.

Para “apontar” bem contará com a experiência de alguém que lhe indique quanto deve pressionar a corda, como segurar o arco, como concentrar-se no importante. De fora, alguém poderá dizer-nos onde estão a chegar os nossos disparos e corrigir com voz amável e segura: mais para cima, mais para a direita, mais para a esquerda..., cuidado com o vento... É o que procuram fazer os pais, os bons educadores e amigos, um sacerdote ou quem nos aconselha na nossa vida cristã.

A docilidade com que acolhermos, tanto as sugestões de quem nos ama, como as moções de Deus na alma, é a chave para chegar ao destino desejado. Para acertar no centro temos que apontar para o centro do alvo, mas podemos distrair-nos e olhar para qualquer sítio, não ligando aos sinais e advertências. Não é suficiente, pois, conhecer o projeto: é necessário esforçar-se por procurá-lo em cada momento, perseverar e pedir ajuda.

Muitas vezes não conseguimos alterar o que nos acontece, nem modificar o nosso modo de ser. A atitude perante estas limitações, no entanto, pode ser muito variada e dela dependerá, em boa parte, a alegria que tenhamos e possamos dar a outros. O estilo das nossas reações, as maneiras de atuar e de proceder marcam a nossa personalidade. Cada pensamento e desejo, as palavras, os gestos, o olhar e o sorriso enchem-se do ar que respiramos. E esse “ar” impulsiona-nos a começar o dia e qualquer atividade tendo em conta o final. *In omnibus respice finem*, diz um antigo lema heráldico: em todas as coisas, tem o olhar fixo no fim. No trabalho, no descanso, despertos ou adormecidos, somos sempre os mesmos, com uma identidade única que não se destrói e que não faria sentido ocultar: o medo a mostrarmo-nos como somos seria precisamente sintoma de uma identidade vacilante. O cristão vê Deus como um Pai e não se preocupa tanto com o que espera da vida, como pelo que Deus e a vida esperam dele.

Se nos perguntamos com frequência sobre o que quer Deus de nós e procuramos agradar-lhe, tornamo-nos mais homens ou mulheres; ganhamos em coerência: não só sabemos quem somos, mas como atuar em qualquer circunstância; a nossa identidade amadurece nas ocupações e cresce com as

nossas características pessoais. Estamos felizes por sermos quem somos e felizes por fazer o que fazemos. A relação com Deus fica marcada pela filiação e confiança, mesmo quando haja coisas que não entendamos ou fragilidades pessoais. O nosso “cartão de identidade cristão” coincide com o de Jesus e leva também a Sua cruz como distintivo[2]. Conhecendo Cristo conhecemo-nos melhor a nós mesmos. Olhando para Cristo, e com a Sua ajuda poderosa, acertaremos no alvo.

A pauta segura do Pai Nosso

Jesus é o nosso modelo, com a Sua vida e os Seus ensinamentos. D’Ele recebemos o nome de cristãos e a nossa oração própria, o Pai-nosso[3], que é uma pauta excelente para modelar a nossa vida e o nosso caráter. O Pai-nosso indica-nos o que devemos pedir e a ordem como o devemos fazer, e preenche as aspirações da nossa afetividade. As nossas vivências, as leituras, as imagens que capta a nossa retina impulsionam-nos ou travam-nos; são muitos os fatores que nos fazem avançar ou nos desviam do caminho. A oração guia-nos no meio dessa complexidade, à hora de escrever, cada dia, uma nova página da vida.

Rezâmos muitas vezes o Pai-nosso, mas sempre podemos voltar a deslumbrar-nos com ele: reconhecemos que temos um *Pai nosso que está no Céu*, não fora ou longe, mas também muito perto de nós[4]. E não dizemos *meu* mas *nosso*, pois ser humanos significa estar em relação com os outros. Pedimos-Lhe que o Seu *nome* seja *santificado*: Ele, que não necessita de nada, quer ser conhecido, adorado, desejado e glorificado, porque só assim se sacia a fome da humanidade[5]. Prosseguimos pedindo *venha a nós o Vosso reino*: o projeto pessoal ilumina-se com esta aspiração que se faz realidade em Cristo, na Sua graça que atua em nós e nos conduz à glória eterna. «A identidade cristã, que é esse abraço batismal que nos deu em pequenos o Pai, faz-nos desejar, como filhos pródigos - e prediletos em Maria - o outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória»[6]. *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu*: faz com que cresçamos até Ti, cimento e meta da nossa identidade. O êxito ou o fracasso, as alegrias ou as penas vêm-se então nesta perspectiva.

Reconhecemo-nos como criaturas necessitadas de bens materiais, do *pão nosso de cada dia*. Além disso, num plano superior, esse pão refere-se à Eucaristia, o próprio Jesus que nos convida a recebê-lo. Na Missa, acabada a Oração eucarística, o sacerdote dirige-se aos fiéis dizendo: *ousamos dizer...* e reza então com os demais a oração que o Senhor nos ensinou. *De cada dia*: hoje e agora é o momento para decidir-se por Ele, para afinar na vida e tocar a música de Deus, para perdoar e não guardar ressentimentos. Como não se sentir interpelado pelas palavras que saíram da Sua boca: *perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido?* Num país com poucos crentes, durante umas aulas do idioma local para estrangeiros, a professora perguntou a um aluno cristão: “o que é que Deus faz?”, enquanto indicava no dicionário a palavra “castiga” aquele estudante viu-se metido num apuro, porque embora a afirmação da professora lhe parecesse injusta, não tinha a suficiente desenvoltura para dar muitas explicações. Contudo, e para surpresa dos presentes na aula, conseguiu dar com a palavra: “Deus perdoa”. Nós pedimos a Deus que nos faça participantes dessa qualidade tão Sua, com que nos parecemos a Ele.

Terminamos dizendo *não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal*. Desejamos que Deus nos encha do Seu amor, da Sua misericórdia, que não consiste apenas em perdoar-nos, mas em mostrar-nos os perigos do caminho. Deus indica-nos, com a Sua Igreja, que coisas evitar. As bem-aventuranças do sermão da montanha esmiúçam um programa exigente, mas de vida boa e serena. Por contraste, o pecado não só ofende a Deus, mas causa-nos danos e tira-nos a paz, porque nos divide o coração e «ninguém pode servir a dois senhores»[7] Por isso, é um motivo de agradecimento que nos aconselhem onde pôr o pé para escalar com segurança, onde assentar as nossas esperanças para as ver satisfeitas. Com a oração, a nossa identidade lança raízes profundas; descobrimos que a nossa vida é um diálogo contínuo com Deus. E «se Deus está connosco, quem contra nós?»[8]

Jogar tudo numa só carta

Eleva-se o olhar e sobem os nossos passos até ao Céu. Sabemos que «o Senhor nos pediu todo o amor, toda a vida, todo o coração, toda a inteligência; e é preciso responder sabendo jogar tudo numa só carta, a carta do amor de Deus. Senhor, eu amo-Te porque me apetece amar-Te»[9]. A identidade cristã forja-se na correspondência ao que Deus nos dá e nos pede, no seguimento da própria vocação. Cada uma das nossas ações, as relações interpessoais de amizade ou de trabalho, hão-de levar este selo: a identidade necessita da coerência com a chamada que o Senhor nos dirigiu.

A maturidade é uma tarefa que não termina nunca e por isso formar-se é aprender a viver como o que realmente se é. Quem deseja ganhar num jogo ou numa aposta tem em conta muitos fatores e costuma não arriscar demasiado. No andar cristão, pelo contrário, abandonamo-nos em Deus. A vida inteira adquire significado com esse objetivo: o amor a Deus, impossível sem um efetivo amor aos outros, unifica o modo de ser. Quando descobrimos uma missão clara, que nos enche, agradecemos a quem no-la fez ver e pomos nele a nossa confiança. A identidade bem arraigada leva a jogar tudo de uma vez e para sempre. Esta é «a arriscada segurança do cristão»[10]

A meta da nossa vocação cristã é a identificação com Cristo. Se somos coerentes, naturais e simples, reconhecê-l’O-emos, pois Ele louva aqueles em quem «não há duplicidade»[11]. Por contraste, «todo o emaranhado, o complicado, as voltas e revoltas em torno de si mesmo, constroem um muro que impede com frequência ouvir a voz do Senhor»[12]. Desenvolver a identidade é destruir esses muros, que se apresentam como falsas seguranças; tirar as barreiras que nos afastam dos outros e de Deus. Em Jesus unem-se a terra e o Céu; identificar-se com Ele é encontrar a verdade sobre nós.

Uma identidade sobrenatural

Tudo o que fazemos, a alimentação, o trabalho, as relações familiares e sociais, leva o selo do humano, com notáveis semelhanças nas mais variadas raças e culturas. Apenas o ser humano consegue transformar as

suas ações em gestos plenos de sentido. Nele brilha a beleza de um corpo e a sua linguagem, que protege com pudor, sinal de identidade e espaço de liberdade. Só ele converte os instintos em tendências, pois conhece a finalidade dos seus impulsos e é capaz de os dominar. Não se deixa arrastar por forças cegas, antes as governa com a sua inteligência e vontade. Só ao homem e à mulher Deus os fez à sua imagem e semelhança[13]: fê-los pessoas. Quis que recebessem educação e amadurecessem pouco a pouco; quis, sobretudo, fazê-los participar da Sua intimidade: construir, sobre os fundamentos humanos, uma identidade sobrenatural.

Esta identidade não isola, mas forma-se com os outros e para os outros, leva-nos a esquecermo-nos de nós e a olhar para fora. Vemo-lo no bebé que, com poucos meses, já se não preocupa só com o seu dedo: reconhece o rosto da mãe, sorri; mais adiante descobre que não é o único “rei” no mundo; deixa de reclamar tudo e de dizer “meu, meu”... O adolescente aprende que não pode exigir tudo; se quer que os pais lhe comprem uma bicicleta, espera... e talvez se porte melhor antes do seu aniversário. Aprende assim o valor da espera, que o prepara para a verdadeira espera, cheia de otimismo: a esperança cristã. Surgem progressivamente uma série de características espirituais. Apercebemo-nos de que a liberdade não implica só capacidade de escolher, mas também responsabilidade: algo ou alguém pede de nós uma resposta. A cultura da própria personalidade não consiste então primariamente em completar-se a si mesmo, mas em desenvolver a nossa abertura aos outros e em potenciar tudo aquilo com que podemos contribuir para eles. A tarefa começa no lar, na família, «onde reina uma básica e carinhosa confiança e onde sempre se volta a confiar apesar de tudo»[14]; onde cada um e cada uma sabe quem é e o que pode fazer pelos outros.

O assombro perante um quadro tão especial vem ao encontro da pergunta pelo sentido da existência: *Quem sou?* A nossa identidade frágil de criaturas descansa na identidade plena que só Deus possui. Entenderam-no bem os nossos primeiros irmãos na fé: «os cristãos estão na carne, mas

não vivem segundo a carne. Passam a sua vida na terra, mas são cidadãos do Céu»[15]

Wenceslao Vial

[1] *Mt* 19, 29.

[2] Cfr. Francisco, Homilia em Santa Marta, 26-XI-2014.

[3] Cfr. *Mt* 6, 9-13.

[4] Cfr. S. Josemaría, *Caminho*, n. 267.

[5] Cfr. Bento XVI, Homilia, 11-IX-2011.

[6] Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), n. 144.

[7] *Mt* 6, 24

[8] *Rm* 8, 31.

[9] S. Josemaría, *Apontamentos de uma reunião familiar*, 30-XI-1960 (AGP, biblioteca, P01, 1969, p. 265)

[10] S. Josemaría, *Cristo que passa*, 58

[11] *Jo* 1, 47

[12] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, 90.

[13] Cfr. *Gn* 1, 26.

[14] Francisco, Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, 19-III-2016, n. 115.

[15] *Carta a Diogneto*, 5 (PG 2, 1174).

Aprender a ser fiel

A fidelidade a uma pessoa, a um amor, a uma vocação, é um caminho no qual se alternam momentos de felicidade com períodos de obscuridade e dúvida. A Virgem Maria manteve o seu sim e convida-nos a ser leais, vendo também a mão de Deus naquilo que não compreendemos. Editorial sobre a fidelidade.



Decorreram quarenta dias após o nascimento de Jesus e a Sagrada Família põe-se a caminho para cumprir o que está prescrito na Lei de Moisés: **todo o varão primogénito será consagrado ao Senhor** [1]. A distância de Belém a Jerusalém não é muita, mas são precisas várias horas para a percorrer numa cavalgadura; uma vez na capital da Judeia, Maria e José dirigem-se ao Templo. Antes de entrar, cumpririam, com toda a piedade, os ritos de purificação; também comprariam, a um dos negociantes das redondezas, a oferenda prescrita para os pobres, um par de rolas ou duas

pombinhas. A seguir acederiam à grande esplanada, através das portas de Hulda e dos monumentais corredores subterrâneos por onde passavam os peregrinos. Não é difícil imaginar a sua emoção e recolhimento no percurso para o átrio das mulheres.

Talvez fosse nessa altura que se aproximou um ancião. O seu rosto reflecte alegria. Simeão saúda com afecto Maria e José e manifesta a ânsia com que tinha esperado por esse momento; está consciente de que os seus dias estão a chegar ao fim, mas sabe também – foi o Espírito Santo que lho revelou [2] – que não morrerá sem ter visto o Redentor do mundo. Ao vê-los entrar, Deus fez-lhe reconhecer nesse Menino o Santo de Deus. Com o lógico cuidado que a tenra idade de Jesus requer, Simeão toma-O nos braços e comovido eleva a sua oração a Deus: **agora, Senhor, podes deixar o teu servo partir em paz, segundo a Tua palavra; porque os meus olhos viram a Tua salvação, que preparaste em favor de todos os povos; luz para iluminar as nações e glória de Israel** [3] .

No final da sua prece, Simeão dirige-se especialmente a Maria, introduzindo, naquele ambiente de luz e de alegria, uma fresta de sombra. Continua a falar da redenção, mas acrescenta que Jesus será **senal de contradição, assim se descobrirão os pensamentos de muitos corações e diz à Virgem e uma espada trespassará a tua alma** [4]. É a primeira vez que alguém fala desse modo.

Até aqui, tudo – o anúncio do Arcanjo Gabriel, as revelações a José, as palavras inspiradas da sua prima Isabel e as dos pastores – tinha proclamado a alegria pelo nascimento de Jesus, Salvador do mundo. Simeão profetiza que Maria levará na sua vida o destino do seu povo e terá um papel de primeiro plano na salvação. Ela acompanhará o seu Filho, colocando-se no centro da contradição em que os corações dos homens se manifestarão a favor ou contra Jesus.

Contemplar: meditar na fé

Evidentemente, a Virgem percebe que a profecia de Simeão não desmente, mas completa quanto Deus lhe foi dando a conhecer com antecedência. A Sua atitude, nesse momento, será a mesma que as páginas do Evangelho sublinham noutras ocasiões: **Maria guardava todas estas coisas meditando-as em seu coração** [5]. A Virgem medita os acontecimentos que se passam à sua volta; *procura* neles a vontade de Deus, aprofunda as inquietações que Yahvé põe na sua alma e não cai na passividade diante do que a rodeia. Esse é o caminho, como assinalava João Paulo II, para poder ser leais ao Senhor: «Maria foi fiel antes de mais quando, com amor, procurou o sentido profundo do desígnio de Deus n’Ela e para o mundo (...). Não haverá fidelidade se não houver na origem esta ardente, paciente e generosa procura; se não se encontrasse no coração do homem uma pergunta, para a qual só Deus tem resposta, melhor dito, para a qual só Deus é a resposta» [6].

Essa busca da vontade divina leva Maria ao *acolhimento*, à aceitação do que descobre. Maria encontrará, no decurso dos seus dias, numerosas oportunidades em que pode dizer «que se faça, estou pronta, aceito» [7]. Momentos cruciais para a fidelidade nos quais, provavelmente, se apercebia de que não era capaz de compreender a profundidade do desígnio de Deus, nem como seria levado a cabo; e no entanto, observando-os atentamente surgirá, com clareza, o seu desejo de que se cumpra o querer divino. São acontecimentos em que Maria aceita o mistério, dando-lhe um lugar na sua alma «não com a resignação de alguém que capitula frente a um enigma, a um absurdo, mas antes com a disponibilidade de quem se abre para ser habitado por algo – por Alguém! – maior que o próprio coração [8].

Sob o olhar atento da Virgem, **Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens** [9] ; quando chegaram os anos da vida pública do Senhor, apercebia-se de como se ia realizando a profecia de Simeão, **este Menino está posto para ruína e ressurreição de muitos em Israel, e para ser sinal de contradição** [10] . Foram anos nos quais a fidelidade de Maria se expressou em «viver de acordo com o que se crê. Ajustar a própria vida ao objeto da adesão pessoal. Aceitar

incompreensões, perseguições em vez de permitir rupturas entre o que se vive e o que se crê»; anos de manifestar, de mil maneiras, o seu amor e lealdade a Jesus; anos, enfim, de *coerência*: «o núcleo mais íntimo da fidelidade». Mas toda a fidelidade – como lhe é próprio – «deve passar pela prova mais exigente, a da duração», ou seja, a da *constância*. «É fácil ser coerente por um dia ou alguns dias. Difícil e importante é ser coerente toda a vida. É fácil ser coerente na hora da exaltação, difícil é sê-lo na hora da tribulação. E só pode chamar-se fidelidade uma coerência que dura ao longo de toda a vida» [11].

Foi o que fez a Virgem; sempre leal e, mais ainda, na hora da tribulação. No transe supremo da Cruz lá está, acompanhada de um reduzido grupo de mulheres e do Apóstolo João. A terra cobriu-se de trevas. Jesus, cravado no madeiro, com uma imensa dor física e moral, lança ao céu uma oração que junta sofrimento pessoal e segurança radical no Pai: ***Eli, Eli, lemá sabachtani?*** – **que significa: meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?** [12]. É assim que começa o Salmo 22, que culmina num acto de confiança: **do Senhor se hão-de lembrar e a Ele se hão-de converter todos os povos da terra** [13].

Quais seriam os pensamentos da Nossa Mãe ao ouvir o grito do seu Filho? Tinha meditado durante anos no que o Senhor esperava d'Ela; agora, vendo o seu Filho na Cruz, abandonado por quase todos, a Virgem teria presentes as palavras de Simeão, uma espada trespassava as suas entranhas. Sofreria de modo singular a injustiça que se estava a consumir; e, no entanto, na obscuridade da Cruz, a sua fé pôr-lhe-ia diante dos olhos a realidade do Mistério, estava a levar-se a cabo o resgate de todos os homens, de cada homem.

As palavras de Jesus, cheias de confiança, far-lhe-iam entender, com luzes novas, que a sua própria aflição a associava mais intimamente à Redenção. Do alto do patíbulo, no próprio momento da sua morte, Jesus cruza o olhar com o da sua Mãe. Encontra-a ao seu lado, em união de intenções e de sacrifício. E assim, «o *fiat* de Maria na Anunciação encontra a sua plenitude no *fiat* silencioso que repete junto da Cruz. Ser fiel é não

atraiçoar na obscuridade o que se aceitou em público» [14]. Com a sua correspondência diária, a Virgem tinha-se preparado para este momento. Sabia que, com a sua entrega incondicional no dia da Anunciação, tinha abraçado também, de algum modo, estes acontecimentos em que agora participa com plena liberdade interior: «a sua dor forma um todo com a do seu Filho. É uma dor cheia de fé e de amor. A Virgem no Calvário participa na força salvífica da dor de Cristo, unindo o seu *fiat*, o seu *sim*, ao do seu Filho» [15]. Maria permanece fiel e *oferece ao seu Filho um bálsamo de ternura, de união, de fidelidade; um sim à Vontade divina* [16]; e sob a protecção dessa fidelidade, o Senhor coloca São João e, com ele, a Igreja de todos os tempos: **Eis a tua mãe** [17].

Fidelidade: responder à fé

Fidelidade: procura, acolhimento, coerência, constância... A vida de Maria aparece como uma resposta de fé diante das mais variadas situações. Tal resposta é possível porque se perturba ao receber as mensagens de Deus e as medita. Assim o faz entender o próprio Senhor quando, perante o elogio daquela mulher entusiasta, precisa o verdadeiro motivo pelo qual a sua Mãe merece ser louvada: **antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática** [18]. É uma das lições mais importantes que é preciso aprender de Maria; a fidelidade não se improvisa, cultiva-se dia a dia; não se aprende a ser fiel espontaneamente. O certo é que a virtude da fidelidade é uma disposição que nasce do firme propósito de corresponder à própria chamada e que prepara para acolher o projecto de Deus; mas tal decisão requer que cada um seja constantemente coerente.

A perseverança que pede a fidelidade não é, de nenhum modo, inércia ou monotonia. A vida desenvolve-se numa contínua sucessão de impressões, pensamentos e actos; a nossa inteligência, vontade e afectividade mudam constantemente de conteúdos e a experiência mostra que não podemos concentrar todas as potências num único objecto durante longo tempo. Por isso, não tem cabimento falar de unidade de vida se não se tem em conta que, acima de qualquer mudança, o homem tem o poder de meditar e avaliar quais são os episódios decisivos da sua história e

hierarquizá-los, para ser coerente com a trajetória de vida que escolheu. Caso contrário, apenas poderá concentrar-se nas experiências do momento e acabará na superficialidade e na inconstância. Como diz São Paulo, **tudo me é permitido. Mas nem tudo convém. Tudo me é permitido. Mas eu de nada me farei escravo** [19] .

O cristão discerne os acontecimentos chave à luz da fé; através dela avalia os que são genuinamente significativos, acolhendo a mensagem que encerram e deixando que se convertam em pontos de referência para as suas acções. Os factos ou as situações não são avaliadas pela sua *actualidade*, mas pela sua *qualidade*. A pessoa fiel guia-se pelo significado *autêntico* que um acontecimento teve na sua vida; de modo que as realidades verdadeiramente fundamentais – por exemplo o amor de Deus, a filiação divina, a certeza da vocação, a proximidade de Cristo nos sacramentos – reconhecem-se, na própria história, como realmente efectivas, capazes de guiar a conduta e ser fonte de atitudes firmes. Convém ter presente o que recordava São Josemaria: ***só as pessoas levianas mudam caprichosamente o objecto dos seus amores*** [20] . Noutra ocasião desenvolve com mais pormenor esta mesma ideia, inspirando-se na estrela que guiou os Reis Magos: ***Se a vocação é o mais importante, se a luz da estrela vai à nossa frente, para nos orientar no nosso caminho de amor de Deus, não é lógico ter dúvidas quando, uma vez ou outra, a perdemos de vista. Quase sempre por nossa culpa, em certos momentos da nossa vida interior, acontece-nos o que aconteceu na viagem dos Reis Magos: a estrela oculta-se. Já conhecemos o esplendor divino da nossa vocação, estamos convencidos do seu carácter definitivo, mas talvez o pó que levantamos ao caminhar – o pó das nossas misérias – forme uma nuvem densa, que não deixa passar a luz*** [21] .

Quando nos ocorre algo do género, temos que *recordar* esses momentos decisivos da nossa vida, em que vimos o que Deus nos pedia e tomámos decisões generosas que nos comprometem.

Deste modo, a *memória* desempenha um papel de capital importância na fidelidade, pois evoca as *magnalia Dei*, as coisas grandes que Deus fez na

nossa própria vida; e a história pessoal converte-se em assunto de diálogo com o Senhor; é mais um acicate para ser coerentes, fiéis. São Josemaria vê nessa virtude a realização prática do compromisso cabal da liberdade humana, que aspira aos dons mais elevados; uma liberdade que se entrega plenamente e com pleno discernimento; ou seja é o amor e não a inércia que nos leva a ser fiéis ao compromisso. Assim se verifica na vida de Maria ou na história do Povo de Israel: **Lembra-te destas coisas, Jacó; reflecte, Israel, que és meu servo. Criei-te, qual servo para mim, Israel, não te deixarei no olvido. Dissipei qual nuvem as tuas culpas, e como vapor os teus pecados; volta a mim, pois te resgatei** [22]. Recordar a bondade do Senhor – no cosmos e em cada pessoa – move à lealdade.

Sobre esse fundamento, as luzes e graças que Deus deixa na nossa alma – quando recebemos os sacramentos, na oração, nos meios de formação, mas também nas nossas relações pessoais ou no trabalho – oferecem soluções e aplicações concretas para ser fiéis na vida corrente; faíscas de luz com que a alma afina na piedade e melhora na fraternidade; que impulsionam o trabalho apostólico e fazem com que se desempenhe o trabalho profissional com entusiasmo e espírito de serviço. Sendo dóceis aos pensamentos, decisões e afectos que o Espírito Santo suscita em nós, vamos crescendo em fidelidade e colaboramos – ainda que sem nos apercebermos disso – na realização dos planos divinos.

Que fecunda é a fé que interioriza os acontecimentos da própria biografia! O homem descobre com luzes novas que não está só; todos dependemos da graça de Deus e dos outros; e a vocação cristã coloca-nos perante a responsabilidade de levar muitos ao seu amor. Perante situações que podem ser mais difíceis ou cujo sentido não consegue compreender – relações familiares complicadas, falta de saúde, período de aridez interior, dificuldades no trabalho – o homem procura e acolhe a vontade do Senhor: **se aceitamos o bem das mãos de Deus, porque não haveremos de aceitar o mal?** [23], diz a Sabedoria divina pela boca do Santo Jó.

Então não se consideram as tentações como algo isolado ou incompatível com as moções ou decisões que se reconheceram como

inspiradas por Deus no passado, entram, antes, no plano divino de salvação.

J.J. Marcos

NOTAS

[1] Lc 2, 23.

[2] Cfr. Lc 2, 26.

[3] Lc 2, 29-32.

[4] Cfr. Lc 2, 34-35.

[5] Lc 2, 19; cfr. Lc 2, 51.

[6] João Paulo II, Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México, 26-I-1979.

[7] Ibid.

[8] Ibid.

[9] Lc 2, 52.

[10] Lc 2, 34.

[11] João Paulo II, Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México, 26-I-1979.

[12] Mc 15, 34.

[13] Sal 22 (21), 28.

[14] João Paulo II, Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México, 26-I-1979.

[15] Bento XVI, Discurso do Angelus, 17-IX-2006.

[16] Via Sacra, IV estação.

[17] Jo 19, 27.

[18] Lc 11, 28.

[19] 1 Co 6, 12.

[20] Cristo que passa, n. 75.

[21] Cristo que passa, n. 34.

[22] Is 44, 21-22

[23] Job 2, 10.

Aprender a perdoar

A arte de conviver está relacionada com a capacidade de pedir perdão e perdoar. Todos somos fracos e caímos com frequência. Temos que nos ajudar a levantar-nos sempre. Conseguimos isso, muitas vezes, através do perdão.



Se alguém nos pisar num autocarro cheio, mas pedir desculpa com amabilidade, normalmente não teremos muita dificuldade em esboçar um sorriso, mesmo que o nosso pé esteja a doer. Somos conscientes de que quem nos pisou não o fez propositadamente, mas por descuido ou empurrado pela força da gravidade. Não é responsável pela sua ação. Neste caso, não será necessário exercitar o perdão, pois este refere-se a um mal que alguém nos causou voluntariamente.

Uma reflexão prévia

Quando falamos do autêntico perdão, movemo-nos num terreno muito mais profundo. Um pé pisado por descuido não tem importância, mas tem na uma ferida no coração humano causada pela livre atuação de outra pessoa. Todos sofremos, de vez em quando, injustiças, humilhações e rejeições; alguns têm de suportar diariamente torturas, não só na cadeia, mas também no trabalho ou na própria família. É verdade que ninguém pode causar-nos tanto dano como quem nos deveria amar. Dizem os árabes que a única dor que destrói mais do que o ferro é a da injustiça que procede dos nossos familiares.

Não é só por causa da injustiça que o nosso coração pode sofrer. Pode sofrer também devido à infidelidade e à corrupção, ao desgaste. O amor pode esfriar em consequência do desgaste diário, da desatenção e do *stress*; pode ir desaparecendo oculta e silenciosamente. Casais aparentemente muito unidos podem sofrer “divórcios interiores”, podem viver externamente juntos sem contudo estarem unidos interiormente, na mente e no coração. Podem conviver, suportando-se.

Diante das feridas provenientes do trato com os outros, é possível reagir de diferentes formas. Podemos bater naqueles que nos bateram, ou falar mal dos que falaram mal de nós. Mas não vale a pena gastar energias com aborrecimentos, receios, rancores ou desespero; e menos ainda fecharmo-nos para não sofreremos mais. Só o perdão liberta.

O perdão consiste em renunciar à vingança e querer, apesar de tudo, o melhor para quem nos ofendeu. A tradição cristã oferece testemunhos impressionantes desta atitude. Temos o famoso exemplo de Santo Estevão, o primeiro mártir, que morreu rezando por aqueles que o apedrejavam. Também nos nossos dias há muitos exemplos. Em 1996, um monge trapista chamado Christian foi morto na Argélia devido a uma perseguição religiosa, juntamente com outros monges que tinham permanecido no seu mosteiro. Christian deixou uma carta à sua família para que a lessem depois da sua morte. Nela dava graças a todos os que tinha conhecido e dizia: “Neste agradecimento incluo-vos evidentemente a vós, amigos de ontem e de hoje... E também a vós, amigos da última hora, que não tendes ideia do

que ides fazer. Sim, também a vós, meus perseguidores, digo este ‘obrigado’ e este ‘a Deus’. Que Deus, nosso Pai, nos conceda voltarmos a ver-nos no Paraíso, se for do seu agrado”.

Talvez pensemos que estes são casos-limite, reservados a alguns heróis; que são ideais belos, mas mais admiráveis do que imitáveis, e que se encontram muito longe de nossas experiências pessoais.

Pode uma mãe perdoar ao assassino do seu filho? Podemos perdoar a uma pessoa que nos deixou numa situação completamente ridícula diante de outros, que nos tirou a liberdade ou a dignidade, que nos enganou, difamou ou destruiu algo que para nós era muito importante? Estas são algumas das situações existenciais sobre as quais convém interrogarmo-nos.

I. Que quer dizer “perdoar”?

Que é o perdão? Que faço quando digo a uma pessoa “perdo-te”?

Perdoar é rejeitar a vingança e os rancores, e dispor-se a ver o agressor como uma pessoa digna de compaixão. Não é esquecer a injustiça. Pressupõe um mal que alguém nos ocasiona realizado com toda a liberdade. Consideremos estes elementos com mais atenção.

1. Reagir perante um mal

Em primeiro lugar, deve tratar-se realmente de um mal realizado contra nós. Se um cirurgião me amputar um braço extremamente infetado, posso sentir dor e tristeza, posso até ficar furioso com o médico, mas não preciso de lhe perdoar nada, pois fez-me um grande bem: salvou a minha vida. Situações semelhantes podem ocorrer na educação. Os bons pais não cedem a todos os caprichos dos filhos: formam-nos na fortaleza. Numa ocasião uma professora disse-me: “Não me importa o que os meus alunos pensem sobre mim hoje. O que importa é o que venham a pensar dentro de trinta anos”. O perdão só tem sentido quando alguém recebeu um dano objetivo da parte de outra pessoa.

Por outro lado, perdoar não consiste, de modo algum, em não querer ver o dano sofrido, em dourá-lo ou suavizá-lo. Alguns passam pela vida sem dar importância às injúrias com que são tratados pelos colegas ou cônjuges, porque pretendem escapar de qualquer conflito buscando a paz a qualquer preço, ou porque desejam viver num ambiente harmonioso, ou porque para eles tudo vai dar ao mesmo. Não dão importância ao facto de os outros não lhes dizerem a verdade; não se importam se os outros os utilizam como meros objetos para conseguirem fins egoístas. Não dão importância à fraude nem ao adultério. Esta atitude é perigosa porque pode levar a uma completa cegueira perante os valores. A indignação e a ira são reações normais e até necessárias nalgumas ocasiões. Quem perdoa não fecha os olhos perante o mal; não nega que existe objetivamente uma injustiça. Se o negasse, não teria nada a perdoar[1].

Se alguém se habituar a calar-se sempre, talvez possa por algum tempo gozar de uma aparente paz, mas no fim pagará um preço muito elevado por renunciar à liberdade de ser ele mesmo. Esconderá e sepultará as suas frustrações no mais profundo de seu coração, por detrás de um grosso muro que ele próprio irá levantar para se proteger. E nem sequer reparará na sua falta de autenticidade, pois é normal que uma injustiça doa e deixe uma ferida. Se não se olha a ferida de frente, não se pode curá-la. Portanto, estaremos permanentemente a fugir da própria intimidade (isto é, de nós mesmos) e a dor corroerá lenta e irremediavelmente a nossa pessoa. Pode fazer-se uma viagem à volta do mundo ou até mudar de cidade, mas ninguém pode fugir do sofrimento.

Toda a dor ignorada regressa pela porta do fundo. Permanece por longo tempo como experiência traumática e pode ser a causa de feridas perpétuas. Uma dor oculta pode levar, nalguns casos, a que uma pessoa se torne azeda, obsessiva, medrosa, nervosa ou insensível; que rejeite uma amizade ou que tenha pesadelos. Mesmo sem querer, mais cedo ou mais tarde, reaparecerão as lembranças. Afinal de contas, muitos reparam que talvez tivesse sido melhor encarar direta e conscientemente a experiência da dor. Encarar um sofrimento de maneira adequada é a chave para conseguir a paz interior.

2. Atuar com liberdade

O ato de perdoar é livre. É a única ação que não re-age necessariamente segundo o conhecido princípio “olho por olho e dente por dente”[2] . O ódio provoca violência e a violência justifica o ódio. Quando perdoo, ponho um ponto final a este ciclo vicioso; impeço que esta reação em cadeia siga o seu curso. Quando perdoo, liberto o outro, que deixa de estar sujeito ao processo iniciado. Mas, em primeiro lugar, liberto-me a mim mesmo. Começo a desligar-me de aborrecimentos e rancores. Não estou a “reagir” de modo automático, mas inicio um novo processo também em mim mesmo.

Superar as ofensas é uma tarefa muito importante, porque o ódio e a vingança envenenam a alma.

O filósofo Max Scheler afirma que uma pessoa ressentida se intoxica[3]. O outro feriu-o, e não consegue pôr de lado essa consciência. Nela se encerra, se instala e se fecha. Fica amarrada ao passado. Dá vazão ao seu rancor com repetições e mais repetições do mesmo sentimento. Desse modo, acaba por arruinar a sua vida.

Os ressentimentos fazem com que as feridas ocasionadas pela injustiça infetem no nosso interior e exerçam o seu influxo pesado e devastador, criando uma espécie de mal-estar e de insatisfação gerais. Conseqüentemente, quem se deixa levar por eles não se sentirá feliz consigo mesmo nem se encontrará contente em nenhum lugar. As lembranças amargas podem acender sempre de novo a ira e a tristeza, podem levar a depressões. Diz um ditado chinês: “Aquele que procura vingança cava duas fossas”.

No seu livro, “A minha primeira amiga branca”, uma jornalista norte-americana, de cor, descreve como a opressão que o seu povo sofrera nos Estados Unidos a levou na sua juventude a odiar os brancos, “porque lincharam e mentiram, fizeram-nos prisioneiros, envenenando-nos e eliminando-nos”[4].

A autora confessa que, depois de algum tempo, chegou a reconhecer que o seu ódio, por muito compreensível que fosse, estava a destruir a sua identidade e a sua dignidade. Ficava completamente cega perante os gestos de amizade que uma rapariga branca lhe mostrava no colégio. Aos poucos descobriu que, em vez de esperar que os brancos pedissem perdão pelas suas injustiças, ela tinha que pedir perdão pelo seu próprio ódio e pela sua incapacidade de ver nos brancos pessoas, e deixar de pensar que fossem membros de uma raça de opressores. Encontrou o inimigo no seu próprio íntimo, formado pelos preconceitos e rancores que a impediam de ser feliz.

As feridas não curadas podem reduzir enormemente a nossa liberdade. Podem dar origem a reações desproporcionadas e violentas que nos surpreendam a nós mesmos. Uma pessoa ferida fere os outros. Muitas vezes esconde o seu coração por detrás de uma couraça. Pode parecer dura, inacessível e intratável. Na realidade, não é assim. Só precisa de se defender. Parece dura, mas é insegura; vive atormentada pelas más experiências.

Torna-se necessário descobrir as feridas para se poderem limpar e curar. Pôr ordem no próprio interior pode ser um passo para tornar possível o perdão. Mas este passo é sumamente difícil e por vezes não se consegue dar. Pode-se renunciar à vingança, mas não à dor. Aqui se vê claramente que o perdão, embora estreitamente unido a vivências afetivas, não consiste num sentimento. É um ato da vontade que não se reduz ao nosso estado psíquico [5]. Pode-se perdoar chorando.

Quando uma pessoa realizou o ato de perdoar com completa liberdade, o sofrimento perde com frequência a sua amargura, e pode acontecer que, com o passar do tempo, desapareça. “As feridas transformam-se em pérolas”, diz Santa Hildegarda de Bingen.

3. Lembrar o passado

É lei natural que o tempo “cure” algumas chagas. Não as fecha totalmente, mas fá-las esquecer. Alguns falam da “caducidade das nossas

emoções”[6]. Chegará um momento em que uma pessoa não poderá chorar mais, nem se sentirá ferida. Não é um sinal de ter perdoado ao seu agressor, mas sim de ter “vontade de viver”. Um determinado estado psíquico, por mais intenso que seja, não se pode tornar permanente. A esse estado segue-se um lento processo de desprendimento, pois a vida continua. Não podemos ficar sempre aí, colados ao passado, perpetuando em nós a dor sofrida. Se permanecermos na dor, bloqueamos o ritmo da natureza.

A memória pode transformar-se num cultivo de frustrações. A capacidade de se desligar e de esquecer é, pois, importante para o ser humano, mas não tem nada a ver com a atitude de perdoar. Esta atitude não consiste em esquecer tudo como se nada tivesse acontecido. Exige recuperar a verdade da ofensa e da justiça, que muitas vezes pretendemos camuflar ou distorcer. O mal feito deve ser reconhecido e, na medida do possível, reparado. É preciso “purificar a memória”. Uma memória sadia pode converter-se em mestra da vida. Viver em paz com o passado ensina a aprender muito com os acontecimentos vividos. Devem-se lembrar as injustiças passadas só para que não se repitam, e devemos lembrá-las como perdoadas.

4. Renunciar à vingança

Uma vez que o perdão exprime a nossa liberdade, é possível também negarmos a alguém este dom. O judeu Simon Wiesenthal conta num dos seus livros as suas experiências quando esteve preso nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Um dia, uma enfermeira aproximou-se dele e pediu-lhe que a seguisse. Levou-o a um quarto onde se encontrava um jovem oficial das SS que estava a morrer. Este oficial contou a sua vida ao preso judeu Simon Wiesenthal. Falou-lhe da sua família, da sua formação, e de como chegou a ser colaborador de Hitler. Pesava-lhe especialmente um crime em que tinha participado: numa ocasião os soldados sob o seu comando prenderam numa casa 300 judeus e depois queimaram-nos. Morreram todos.

“Sei que é horrível – diz o oficial –. Durante as longas noites em que estou à espera da minha morte, sinto grande urgência de falar sobre isto com um judeu e de pedir perdão de todo coração”. Wiesenthal conclui o seu relato dizendo: “De repente compreendi, e sem dizer uma única palavra, saí do quarto”[7]. Outro judeu, que também estava por ali, disse: “Não, não vou perdoar a nenhum dos culpados, não estou disposto agora nem nunca a perdoar a nenhum deles”[8]. Perdoar significa renunciar à vingança e ao ódio.

Existem, por outro lado, pessoas que renunciam à vingança porque nunca se consideram feridas. Não porque não queiram ver o mal e reprimam a dor, mas pelo contrário: percebem as injustiças com objetividade, com toda a clareza, mas não deixam que elas as incomodem. “Mesmo que eles nos matem, eles não podem fazer-nos mal nenhum”[9], é um dos seus lemas. Conseguiram um férreo domínio de si mesmas. A sua insensibilidade é a sua ironia. Sentem-se superiores aos outros e mantêm interiormente uma distância tão grande para com eles que ninguém pode mexer no seu coração. Como nada as afeta, não recriminam os seus opressores.

Que importa à lua o latir de um cachorro? É a atitude dos estoicos e talvez também de alguns “gurus” asiáticos que vivem solitários na sua “magnanimidade”. Não se dignam olhar para aqueles que, sem nenhum esforço, os absolvem. Não percebem a existência do “parasita”. O problema consiste em que, neste caso, não existe nenhuma relação interpessoal. Não se quer sofrer e, portanto, renuncia-se ao amor. Uma pessoa que ama faz-se sempre pequena e vulnerável. Encontra-se perto dos outros. É mais humano amar e sofrer muito ao longo da vida do que adotar uma atitude distante e superior aos outros. Quando a alguém nunca dói a atuação do outro, é supérfluo o perdão. Não existe ofensa e ofendido.

5. Olhar o agressor na sua dignidade pessoal

O perdão começa quando, graças a uma força nova, uma pessoa rejeita todo o tipo de vingança. Não fala dos outros a partir das suas experiências

dolorosas. Evita julgá-los e desvalorizá-los, e está disposta a escutá-los com o coração aberto.

O segredo consiste em não identificar o agressor e a sua obra [10]. Todo o ser humano é maior que a sua culpa. Um exemplo eloquente é-nos dado por Albert Camus quando se dirige aos nazis numa carta pública e fala dos crimes cometidos na França: “E apesar de tudo, continuarei a chamá-los seres humanos... Esforçamo-nos por respeitar em vós o que não soubestes respeitar nos outros” [11]. Quem perdoa percebe que cada pessoa está acima dos seus piores erros.

Interessante é aquela história que se conta de um general do século XIX. Quando se encontrava no leito de morte, um sacerdote perguntou-lhe se perdoava aos seus inimigos. “Não é possível, respondeu o general. Mandei-os executar a todos”[12].

O perdão de que se fala nestas linhas não consiste em saldar um castigo, mas antes de mais numa atitude interior. Significa viver em paz com as recordações e não perder o apreço por ninguém. É possível também considerar um defunto tendo em conta a sua dignidade pessoal. Ninguém está completamente corrompido; em todos brilha uma luz.

Ao perdoar, dizemos a alguém: “Não, tu não és assim. Sei quem tu és! Na realidade, tu és muito melhor”. Queremos todo o bem possível para o outro, o seu pleno desenvolvimento, a sua alegria mais profunda e esforçamo-nos por amá-lo do fundo do coração, com grande sinceridade.

II. Que atitudes nos dispõem a perdoar?

Depois de esclarecer, em traços largos, em que consiste o perdão, consideremos agora algumas atitudes que nos dispõem a realizar este ato de perdoar, que nos liberta também dos outros.

1. Amor

Perdoar é amar intensamente. O verbo latino “per-donare” exprime-o com muita clareza: o prefixo “per” intensifica o verbo que acompanha: “donare”. É dar abundantemente, entregar-se até ao extremo. O poeta Werner Bergengruen diz que o amor se prova na fidelidade e se completa no perdão. Porém, é muito difícil amar quando nos ofendem com gravidade. É necessário, num primeiro passo, separar de algum modo o agressor, ainda que seja só interiormente. Enquanto a faca estiver na ferida, esta nunca cicatrizará. É preciso retirar a faca, ganhar distância, e só então poderemos ver o seu rosto. Certo desprendimento é condição prévia para poder perdoar com todo o coração, e dar ao outro o amor de que precisa.

Uma pessoa só pode viver e desenvolver-se de forma sadia quando é aceite tal como é, quando alguém a quer de verdade e lhe diz: “É bom que existas”[13]. Faz falta não só que tu “estejas aqui”, na terra, mas também que te afirmes no ser para te sentires feliz no mundo, para que seja possível adquirires autoestima e consigas relacionar-te com os outros através da amizade. Neste sentido tem-se dito que o amor continua e aperfeiçoa a obra da criação [14]. Amar uma pessoa significa torná-la consciente do seu próprio valor, da sua própria beleza.

Uma pessoa amada é uma pessoa a quem dizemos: “que bom que existas!”. E, ao mesmo tempo ela diz-nos: “preciso de ti, do teu amor, para ser eu mesmo!”.

Deste modo, se não perdoar ao próximo, se não mostro o meu amor por ele, de certo modo tiro-lhe o espaço para viver e se desenvolver sadiamente. Encontrará dificuldades para alcançar os seus ideais e conseguir a sua autorrealização. Por outras palavras, e falando num sentido espiritual: de certo modo conduz-o à morte espiritual. De facto, pode matar-se uma pessoa com palavras injustas e duras, com pensamentos maus ou, simplesmente, negando-lhe o perdão. Certamente cairá na tristeza e na amargura. Kierkegaard fala do “desespero daquele que, desesperadamente, quer ser ele mesmo”, mas não chega a sê-lo porque os outros lho impedem [15].

Se, por outro lado, concedemos o perdão, ajudamos o próximo a voltar à sua própria identidade, a viver com uma nova liberdade e com uma felicidade mais profunda.

2. Compreensão

É preciso compreender que cada pessoa precisa de mais amor do que “merece”. Cada pessoa é mais frágil do que parece. Todos somos frágeis e podemos afundar-nos. Perdoar é ter a firme convicção de que, por detrás de qualquer mal, em cada pessoa existe um ser humano frágil, mas capaz de mudar. Perdoar significa crer na possibilidade de transformação e de evolução dos outros.

Se uma pessoa não perdoa, é possível que seja por levar os outros demasiado a sério ou por exigir muito deles. Porém, “tomar alguém perfeitamente a sério, significa destruí-lo”, adverte o filósofo Robert Spaemann[16]. Todos somos frágeis e frequentemente falhamos. E muitas vezes não somos conscientes das consequências dos nossos próprios atos: “não sabemos o que fazemos”[17]. Quando, por exemplo, uma pessoa está aborrecida, diz coisas que, no fundo, não pensa nem quer dizer. Se a levar completamente a sério em cada minuto do dia e começar a “analisar” o que ela diz quando está com raiva, poderei causar conflitos sem fim. Se levássemos em conta todas as falhas dessa pessoa, acabaríamos por a transformar num monstro, mesmo sendo uma pessoa encantadora.

Temos de acreditar nas capacidades dos outros e fazê-los perceber que acreditamos. Às vezes impressiona ver como uma pessoa se pode transformar. Como muda uma pessoa quando é tratada com confiança e segundo o melhor conceito que dela tenhamos. Há muitas pessoas que sabem animar os outros a serem melhores. Comunicam-lhes a segurança de que há dentro delas muito de bom e belo, apesar de todos os seus erros e quedas. Atuam segundo o que diz a sabedoria popular: “se quiseres que os outros sejam bons, trata-os como se já o fossem”.

3. Generosidade

Perdoar exige um coração misericordioso e generoso. Significa ir além da justiça. Há situações extremamente complexas, nas quais a simples justiça se torna impossível. Quando algo foi roubado, devolve-se e o assunto fica encerrado. Quando algo foi quebrado, conserta-se ou substitui-se. Mas, que fazer se alguém perde algo mais sério: um membro, um familiar ou um bom amigo? É impossível restituí-lo com justiça. Justamente aí, onde a restituição é incapaz de saldar a perda, é que tem lugar o perdão.

O perdão não anula o direito, mas excede-o infinitamente. Às vezes não existe solução justa no mundo exterior. Mas pode-se mitigar, pelo menos, o dano interior, através do carinho, do ânimo ou do consolo. “Persuadi-vos de que apenas com a justiça nunca resolvereis os grandes problemas da humanidade – afirma S. Josemaria Escrivá –. A caridade tem que ir dentro e ao lado porque dulcifica tudo”. E São Tomás resume: “A justiça sem misericórdia é crueldade”.

O perdão procura vencer o mal com abundância de bem. É por natureza incondicional, pois é dom gratuito que provém do amor sempre imerecido. Isto significa que quem perdoa não exige nada do seu agressor, nem sequer que sinta pena pelo que fez. Antes, muito antes de o agressor buscar a reconciliação, quem ama já perdoou.

O arrependimento do outro não é condição necessária para o perdão, embora seja conveniente. É, com certeza, muito mais fácil perdoar quando o outro pede perdão. Mas às vezes é necessário compreender que naqueles que fazem o mal podem existir bloqueios que os impedem de reconhecer a sua culpabilidade.

Há um modo “impuro” de perdoar [18]: quando se fazem cálculos e especulações e se colocam metas. ”Eu perdoo-te para que tomes consciência da barbaridade que fizeste. Perdoo-te, para que melhores”. Pode-se pensar até em buscar fins educativos ou louváveis, mas neste caso não se trataria do verdadeiro perdão, pois o perdão deve ser concedido sem nenhuma condição, tal como o amor autêntico. “Perdoo-te porque te amo, apesar de tudo”.

Posso perdoar o próximo inclusive sem que ele o saiba, quando o outro não irá entender o perdão. Seria um presente que lhe daria, mesmo que não o ficasse a saber, ou não soubesse o porquê.

4. Humildade

É necessária prudência e delicadeza para descobrir como mostrar ao próximo o perdão. Às vezes não é aconselhável fazê-lo logo, se a outra pessoa ainda estiver sensível. Poderia parecer-lhe uma vingança oculta, talvez se sentisse mais humilhada e aborrecida. De facto, oferecer a reconciliação pode ter um carácter de acusação. É possível que por detrás do perdão se esconda uma atitude farisaica: demonstrar que tenho razão e sou generoso. O que, nesse caso, impede a harmonia, não é a falta de perdão, mas a própria arrogância.

Por outro lado, oferecer o perdão é sempre arriscar, pois este gesto não garante a boa receção e pode incomodar o agressor em qualquer momento. “Quando alguém perdoa, entrega-se ao outro, ao seu poder, e expõe-se ao que o outro imprevisivelmente possa fazer e dá-lhe a liberdade de no futuro ofender e ferir (de novo) ”[19]. Aqui se vê que é necessária a humildade para buscar a reconciliação.

Quando for oportuno, talvez depois de um longo período de tempo, convém ter uma conversa com quem se sentiu ofendido. Nela se podem dar a conhecer os próprios motivos e razões, o próprio ponto de vista; e se devem escutar atentamente os seus argumentos. É importante escutar até ao fim e esforçar-se por captar também as palavras não ditas. De vez em quando é necessário “trocar de posição”, pelo menos mentalmente, e tratar de ver o mundo na perspectiva dos outros.

O perdão é um ato de nobreza e não de vontade inflexível. É um ato humilde e respeitoso para com o próximo e não de domínio e humilhação. Para que seja verdadeiro e “puro”, quem perdoa deve evitar até o menor sinal de uma “superioridade moral” que, em princípio, não existe. Não somos capazes de julgar o que se esconde no coração dos outros. Nas

conversas deve-se evitar acusar o agressor. Aquele que demonstra a própria indefetibilidade, não oferece realmente o perdão. Enfurecer-se pela culpa do outro pode conduzir facilmente ao obscurecimento da própria culpa, se a houver. Devemos perdoar como pecadores que somos, não como justos, já que o perdão é mais para compartilhar (estando ao mesmo nível) do que para conceder (estando num nível superior).

Todos precisamos do perdão, porque todos fazemos mal aos outros, mesmo que por vezes não reparamos nisso. Precisamos do perdão para desfazer os nós do passado e recomeçar. É importante que cada pessoa reconheça a própria fraqueza, as próprias falhas, que talvez tenham levado os outros a um mau comportamento. Não duvidemos em pedir sempre perdão aos outros.

5. Abrir-se à graça de Deus

Não podemos negar que a exigência do perdão chega nalgumas ocasiões ao limite das nossas forças. É possível perdoar a alguém que nos tenha prejudicado seriamente e ainda por cima não peça perdão e nos continue a prejudicar? Talvez nunca seja possível perdoar de todo o coração se contamos apenas com as forças humanas.

Mas um cristão nunca está só. Pode contar em cada momento com a ajuda poderosa de Deus e experimentar a alegria de ser amado por Ele. O próprio Deus nos declara o seu grande amor: “Não temas; Eu chamei-te pelo teu nome; tu és meu. Se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo; se os rios transbordarem, não te submergirão... Tu és precioso e muito estimado a meus olhos; Eu amo-te”.

Um cristão pode experimentar sempre a alegria de ser perdoado por Deus. Os pecados tocam a raiz do nosso ser: afetam a nossa relação com Deus. Nos estados totalitários, as pessoas que – na opinião das autoridades – se “desviaram”, são lançadas nas cadeias ou internadas em clínicas psiquiátricas; no Evangelho de Jesus Cristo, ao contrário, são convidadas para uma grande festa: a festa do perdão. Deus aceita sempre o nosso

arrependimento e convida-nos à conversão. A sua graça opera em nós uma profunda transformação: liberta-nos da corrupção interior e sara as nossas feridas.

É sempre Deus quem ama primeiro e é Ele quem nos perdoa em primeiro lugar. É Deus quem nos dá as forças para cumprirmos este mandamento cristão, provavelmente o mais difícil de todos: amar os inimigos e perdoar aos que nos ofendem. Mas, no fundo, não se trata tanto de uma exigência moral – como Deus te perdoou, tu deves perdoar aos outros – mas de um imperativo existencial para se encontrar a paz.

Apesar disso, o perdão faz parte da identidade do cristão, de imitar Cristo que perdoa sempre. Por este motivo, os seguidores de Cristo não podem deixar de olhar para o seu Mestre e encontrar n’Ele inspiração. Olhando para Cristo, os cristãos souberam ao longo da história transformar as tragédias em vitórias.

Com a graça de Deus, também nós podemos encontrar sentido para o facto de termos sido ofendidos e feitos objeto de injustiças. Nenhuma experiência é em vão. Muito pelo contrário: podemos sempre aprender algo. Também quando nos surpreende uma tempestade ou devemos suportar o frio ou o calor.

Podemos sempre aprender algo que nos ajude a compreender melhor o mundo, os outros ou a nós mesmos. Gertrud von Le Fort diz que “não só o dia claro, mas também a noite escura tem os seus milagres”. “Existem certas flores que só se encontram nos desertos. Há estrelas que só podem ser vistas no escuro. Há algumas experiências do amor de Deus que só se vivem quando nos encontramos no mais completo abandono, quase no limite do desespero”.

Reflexão final

Perdoar é um ato de fortaleza espiritual, um ato libertador. É um mandamento cristão e é muito mais que um grande alívio. Significa optar

pela vida e agir com criatividade.

Contudo, não parece adequado sugerir comportamentos às vítimas. É compreensível que uma mãe não possa perdoar imediatamente ao assassino do seu filho. É preciso dar-lhe o tempo necessário até que consiga perdoar. Se alguém a acusasse de rancorosa ou vingativa, aumentaria a sua ferida. São Tomás de Aquino, o grande teólogo da Idade Média, aconselha àqueles que sofrem, entre outras coisas, que não quebrem a cabeça com argumentos racionais, nem a ler ou a escrever. Pelo contrário, devem tomar um banho, dormir e falar com um amigo[20]. Geralmente, num primeiro momento não somos capazes de aceitar uma grande dor. Necessitamos de tranquilidade. Pode ajudar-nos muito seguir o ritmo da natureza. Só uma pessoa pouco inteligente poderia escandalizar-se com estes conselhos.

Perdoar pode ser um trabalho interior autêntico e duro. Mas, com a ajuda de bons amigos e, sobretudo, com a ajuda da graça divina, é possível realizá-lo. “Com o meu Deus, salto os muros”, canta o salmista.

Se conseguirmos criar uma cultura do perdão, poderemos juntos construir um mundo habitável, onde haverá mais vitalidade e fecundidade. Poderemos projetar um futuro realmente novo. Para terminar estas linhas, podem ajudar-nos estas sábias palavras:

Queres ser feliz por um momento? Vinga-te. Queres ser feliz para sempre? Perdoa.

Jutta Burggraf, teóloga alemã já falecida, escreveu este artigo para "Retos de futuro en educación". (Ed. por O.F. Otero, Madrid 2004)

Notas

[1] Sublinhou-se que a justiça, juntamente com a verdade são os pressupostos do perdão. Cf. João Paulo II, Mensaje para a Jornada Mundial de la Paz, Oferece o perdão, recebe a paz, 1-I-1997.

[2]Mt 5,38.

[3]M. SCHELER, Das Ressentiment im Aufbau der Moralen, em *Vom Umsturz der Werte*, Bern 1972, pp.36s.

[4] P. RAYBON, *My First White Friend*, New York 1996, p.4s.

[5] Cfr. D. von HILDEBRAND, *Moralia, Werke IX*, Regensburg 1980, p.338.

[6] A. KOLNAI, Forgiveness, en B. WILLIAMS; D. WIGGINS (eds.), *Ethics, Value and Reality*. Selected Papers of Aurel Kolnai, Indianapolis 1978, p.95.

[7] Cf. S. WIESENTHAL, *The Sunflower. On the Possibilities and Limits of Forgiveness*, New York 1998. Contudo, a questão do perdão, neste autor, apresenta-se aberta. Cf. IDEM, *Los límites del perdón*, Barcelona 1998.

[8] P. LEVI, *Se isto é um homem*, Ed. Dom Quixote, Lisboa 2010. Cfr. IDEM, *Los hundidos y los salvados*, Barcelona 1995, p.117.

[9] Atribui-se normalmente esta frase ao filósofo estoico Epicteto, que era escravo. Cf. EPICTETO, *Handbüchlein der Moral*, ed. por H. Schmidt, Stuttgart 1984, p.31.

[10] O ódio não é dirigido às pessoas, mas sim às obras. Cf. Rm 12,9. Apoc 2,6.

[11] A. CAMUS, *Cartas a um amigo alemão*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa 199,.

[12]Cf. M. CRESPO, *Das Verzeihen. Eine philosophische Untersuchung*, Heidelberg 2002, p.96.

[13] J. PIEPER, *Über die Liebe*, Munique 1972, p.38s.

[14] Cf. *ibid.*, p.47.

[15] S. Kierkegaard, *Die Krankheit zum Tode*, Munique 1976, p.99.

[16] R. SPAEMANN, *Felicidad y benevolencia*, Madrid 1991, p.273.

[17] Mas há também um não querer ver, uma cegueira voluntária. Cf. D. von HILDEBRAND, *Sittlichkeit und ethische Werterkenntnis. Eine Untersuchung über ethische Strukturprobleme*, Vallendar 31982, p.49.

[18] Cf. V. JANKÉLÉVITCH, *El perdón*, Barcelona 1999, p.144.

[19] A. CENCINI, *Vivir en paz*, Bilbao 1997, p.96.

[20] Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae* I-II, q.22.

As raízes da alegria

O cristão tem de ser alegre. A origem do otimismo do cristão resulta de ter sido aberto um caminho autêntico para o melhor, que é Deus.



Felicidade significa esperar um “final feliz”?

Como o mundo não pode viver sem o Cristianismo – tão fortes são as consequências históricas da realidade do Verbo feito homem – em muitas épocas uma parte desse mundo empenhou-se em denegri-lo, literalmente: pintá-lo de tintas obscuras, negras. Os homens de humor dionisíaco, segundo a terminologia de Nietzsche, acusaram o Cristianismo de pregar a morte, a renúncia, a tristeza, o abandono do mundo. E, pelo contrário, quando por qualquer motivo a história entra numa época de desespero, o otimismo torna-se irritante: por que razão os cristãos são felizes, porque não duvidam sempre, porque não sofrem de angústia perpétua? Não será frivolidade, superficialidade confiar num final feliz? Chegamos, assim, à

conclusão de que, como era de esperar, o cristão foi acusado de triste e de alegre, de sombrio e de descaradamente luminoso, de derrotista e de triunfalista. Agora, o canto sagrado é complexo, polifónico, rico? «Perdeu-se a austeridade primitiva». Torna-se sóbrio? «São cantos de morte e não de vida».

Os paradoxos do Cristianismo

Quando aparecem esses ataques simultâneos e contraditórios, pode-se dizer que aqueles que acusam não entenderam o “escândalo” e a “loucura” cristãos. Chesterton escrevia em *Tremendas Trivialidades*: «o verdadeiro resultado de toda a experiência e o verdadeiro fundamento de toda a religião é isto: as quatro ou cinco coisas, cujo conhecimento é praticamente essencial ao homem, são aquilo a que se chama paradoxos». A alegria do cristão também se expressa em paradoxos. Paradoxal é o conselho de Jesus para os momentos de jejum: estar alegre, perfumado, parecer longe de qualquer tristeza. Naturalmente, um *jejuador* alegre pode facilmente ser acusado de hipocrisia. Porém, o acusador é que não terá entendido o paradoxo.

Convém dar sempre uma *chance* à pessoa que ataca. Convém tentar entender sempre o motivo da acusação. Pode pensar-se, por isso, que o homem inteligente aprecia a complexidade, porque quase nada está escrito com uma só cor ou desenhado sem *nuances*. Apregoar com voz estrondosa que “tudo é simples” magoa os temperamentos que temem que o cristalino se converta em véu da superficialidade. Assim, diante da afirmação “o cristão é alegre”, aparecerão gestos de insatisfação: não pode ser tão simples.

E não é! O facto de o Cristianismo ter sido atacado por vários lados diferentes e opostos demonstra que a realidade cristã é difícil de envolver com um único olhar. Simples não é equivalente a simplório. Falar de simplicidade não é o mesmo que simplificar: simples é o que não se oculta, porém aquilo que não se oculta pode ser uma realidade complexa. É

precisamente isso que acontece no Cristianismo. E, de forma singular, na alegria do cristão.

O *gaudium*

A palavra clássica para *alegria* é *gaudium* do Latim. Na Vulgata, *gaudium* traduz praticamente sempre o *xáQtg* grego, e este termo grego serve também para *presente, prêmio, esmola e graça*. *Graça* é o que se consegue sem esforço por parte de quem a recebe. Por isso, agradecer é reconhecer essa gratuidade. O gozo, a alegria, é resultado de possuir um bem, e precisamente um bem grande, que só de graça se pode receber. De todos esses bens, existe um de qualidade superior, o amor. O arquétipo do bem gratuitamente recebido é o amor. Por isso, o apaixonado, quando ama e é amado, entrega-se e recebe o dom, está alegre, satisfeito, canta. Por isso a alegria das crianças tem uma natureza particular: porque a sua vida é receber sempre amor, um amor especial dos pais, mas também de quase todos, que olham com benevolência para as crianças (*volendo bene*, diz-se em italiano).

Agradecer

Caminho, alimentado por raiz cristã, não poderia estar longe desta rica textura da alegria. No ponto 268 pode-se ler: «Dá-Lhe graças por tudo, porque tudo é bom». Considero que o texto fundamental sobre a alegria é este. Deste *dar graças por tudo* nasce uma alegria grande, como o Evangelho gosta de dizer: os anjos anunciam, no Nascimento de Cristo, *uma grande alegria* (Lc 2, 10); os discípulos, confortados pela bênção de Cristo, que voltou para o Pai, experimentam *uma grande alegria* (Lc 24, 50-52).

Pedir ajuda

Por tudo isso, o cristão tem de ser alegre. O fundamento do otimismo cristão resulta de ter sido aberto um caminho autêntico para o melhor, que é Deus. Logo, uma postura definitivamente desesperada não pode ser cristã.

Pensar que tudo está tão mal, que o coração humano está tão corrompido que “nem Deus pode salvá-lo” é unicamente uma forma de soberba, ou seja, de adoração mística do próprio eu. Um reflexo dessa soberba dá-se também nas relações humanas: o triste crónico não se deixa ajudar, pensa que a sua “complexidade” é tal que ninguém poderá resolvê-la. E, pelo contrário: nada mais agradável do que o carácter da pessoa que se deixa ajudar, não servilmente mas com abertura: “Olhe, eu não sei isto, ensina-me?”.

Em forma de Cruz

Por outro lado, pensadores como Kierkegaard ou Unamuno e todos os que de um modo ou de outro falaram do “sentimento trágico da vida” intuíram mais ou menos claramente que, nesta história, neste tempo, a alegria do homem nunca será completa. A alegria é consequência de obter um bem; um bem gratuito, dado por pura liberalidade. Mas na história não existe, para ser usufruído, nenhum bem eterno (criações do homem ou bens da natureza); e o único bem eterno, Deus, não pode ser “visto” nem, portanto, fruído completamente nesta vida. Estamos, mais uma vez a aproximar-nos do paradoxo. E, neste caso, o paradoxo foi apontado muitas vezes por S. Josemaria com a frase “a alegria tem as suas raízes em forma de Cruz” [1].

Para melhor entender, temos de unir algumas ideias que já apareceram. Por exemplo, a conexão entre alegria e infância. Não é estranho, agora, que em *Caminho* a raiz da alegria esteja nesse saber-se filho de Deus, ligando os dois capítulos sobre a “infância espiritual”. É possível ler o ponto 659 à luz do 860. «A alegria que deves ter não é aquela que poderíamos chamar fisiológica, de animal sadio, mas uma outra, sobrenatural, que procede de abandonar tudo e te abandonares a ti mesmo nos braços carinhosos do nosso Pai-Deus». «Diante de Deus, que é Eterno, tu és uma criança mais pequena do que, diante de ti, um miúdo de dois anos. E, além de criança, és filho de Deus. - Não o esqueças».

Em *Caminho*, a alegria está relacionada com a aceitação da vontade de Deus, mas não com passividade fria. Esta vontade é a de um Pai, e já se

sabe até que ponto, na medida em que for bom para o filho, o pai se sente de certa forma inclinado a agradar mais do que a mandar. Na medida do bem do filho: esta é a chave. O homem sente-se continuamente inclinado a fazer um mundo segundo os seus gostos, o lado sombrio do egoísmo. Por essa razão, não consegue aperceber-se da verdadeira natureza da alegria nesta terra, aquela que em *Caminho* fica refletida com traços claros: «A alegria dos pobrezitos dos homens, ainda que tenha um motivo sobrenatural, deixa sempre um ressaibo de amargura. - Que julgavas? - Aqui em baixo, a dor é o sal da nossa vida» (nº 203). E, a partir de outro ponto de vista, a penitência é «alegria, embora trabalhosa» (nº 548). Então, é preciso receber a tribulação com fortaleza: «Se recibes a tribulação com retraimento, perdes a alegria e a paz (...)» (nº 696).

Pouco a pouco vai aparecendo a relação íntima e inseparável entre a alegria e a Cruz, sobretudo levando em conta que as obras de S. Josemaria apontam, com profundidade teológica, para a conveniência de deixar o termo cruz para a única Cruz, a de Cristo. Este tema aparece em muitos textos de *Caminho*: «Se as coisas correm bem, alegremo-nos, bendizendo a Deus que dá o incremento. - Correm mal? - Alegremo-nos, bendizendo a Deus que nos faz participar da sua doce Cruz» (nº 658). Para alcançar talvez o seu ponto mais alto no capítulo *A vontade de Deus*: «A aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz: a felicidade na Cruz. - Então se vê que o jugo de Cristo é suave e que o seu peso é leve» (nº 758). Porquê? Porque a primeira pessoa a aceitar completamente a Vontade do Pai é Cristo, e essa aceitação leva-O à morte e morte de cruz. Ele, o Filho, o Verbo. Portanto, o cristão, filho de Deus no Filho de Deus, necessita de passar pela Cruz para perceber as raízes da alegria. Então descobre-se que o jugo não é jugo, que a carga não é carga, sem deixar de ser carga e jugo. E temos necessariamente de recordar uma vez mais a força do paradoxo.

Como não é possível manter simultaneamente todas as coordenadas da visão cristã da vida, ao referir antes a conexão filiação divina-Cruz, não se fazia referência a outra realidade inseparável: o amor. Só o amor torna

possível a aceitação da Cruz. Como escreve Sta. Teresa nas *Fundações*: «Esta força tem o amor, se é perfeito: que esqueçamos nosso contentamento para contentar a quem amamos.» É a antiga experiência humana, que não tem por que mudar no amor divino. S. Josemaria gostava daquela canção de Juan del Encina, que cantava: “mais vale trocar/ prazer por dores/ que estar sem amores”. O amor nunca está tranquilo, porque o coração vigia sempre, segundo se lê no *Cântico dos Cânticos*, a que Frei Luis de León fazia esta bela poesia: «O cuidado de amor é tão grande e vigia tanto o que deseja, que a mil passos o sente, entre sonhos o escuta e através dos muros o vê».

O amor humano é verdadeira realidade e, ao mesmo tempo, figura ou analogia do amor divino. Para entender a alegria cristã talvez seja preciso ter em conta a alegria de uma pessoa apaixonada, não *apesar* da dor, mas precisamente *na dor*, na vigilância contínua, no cuidado através do qual a pessoa se realiza. Trata-se, portanto, de uma alegria distante da superficialidade, de um contentamento que não tem nada a ver com a frivolidade: é uma alegria sentida, um cuidado em que a pessoa se realiza.

Talvez se perceba melhor agora que, apresentar o Cristianismo como algo triste, é falsificar a realidade sobrenatural da fé. «A verdadeira virtude não é triste nem antipática, mas amavelmente alegre» (nº 657), ou seja, com a alegria que vem de amar, porque só é amável quem ama. Noutra parte do livro fala-se dos olhos «de olhar amabilíssimo» de Cristo. Por isso se entende o seguinte: «Caras sérias..., maneiras bruscas..., aspecto ridículo..., ar antipático... É assim que esperas animar os outros a seguir Cristo?» (nº 661). Ou, noutra parte: «Não estejas triste. - Tem uma visão mais... “nossa” - mais cristã - das coisas» (nº 664).

Caminho, como todos os grandes livros de espiritualidade que explicam a realidade cristã, não se enquadra na fácil dicotomia otimismo-pessimismo, nas simplificações do «melhor dos mundos possíveis» (Leibniz) ou no «pior dos mundos possíveis» (Schopenhauer). Neste mundo existiu, e existe com estranha eficácia, o pecado, a ofensa a Deus que se traduz em usar as criaturas de um modo terrível. Mas o pecado não é o final, nem a realidade definitiva. O fim é a Ressurreição pela Cruz, a suprema dor redentora que

dá passagem à alegria, agora como anúncio, mais tarde como posse perfeita. As dores da Cruz são uma vitória, vitória dinâmica que continua ao longo da história, no claro-escuro da liberdade humana, que é o próprio claro-escuro da alegria.

Rafael Gómez Pérez

NOTA

[1] Expressão muito corrente na pregação do Fundador do Opus Dei; pode ver-se em *Cristo que Passa*, nº 43.

Para mim, viver é Cristo (1): Na alegre esperança de Cristo. A fé no Amor de Deus

Deixar que o amor de Deus nos toque, deixar que Cristo olhe para nós. A esperança abre um mundo diante de nós, porque se fundamenta no que Deus quer fazer em nós.



Descarregar livro completo «**Para mim, viver é Cristo**»

Que torna a vida valiosa? Que faz com que a *minha* vida seja valiosa? No mundo atual, a resposta a essa pergunta com frequência gira à volta de dois polos: o sucesso que somos capazes de alcançar e a opinião que os outros têm de nós. É claro que não são questões banais: a opinião alheia tem consequências na vida familiar, social e profissional. O sucesso é a expectativa lógica daquilo que empreendemos. Ninguém faz seja o que for

com o objetivo de fracassar. No entanto, às vezes, aparecem pequenas ou não tão pequenas derrotas na nossa vida, ou outros podem formar uma opinião sobre nós em que não nos sentimos refletidos.

A experiência do fracasso, do desprestígio, ou a consciência da própria incapacidade – já não somente no mundo profissional, mas até no esforço de viver uma vida cristã – podem levar-nos ao desânimo, ao desalento, e, em último termo, à desesperança.

Na atualidade, a pressão por ter sucesso em diferentes níveis, por ser *alguém*, ou, pelo menos, por podermos *dizer que somos alguém* é mais forte que noutras épocas. E, na realidade, em vez do que nós *somos* – filho, mãe, irmão, avó –, o foco está posto no que *somos capazes de fazer*. Por isso, hoje estamos mais vulneráveis aos vários tipos de derrotas que a vida costuma trazer consigo: contratempos que antes se resolviam ou se suportavam com fortaleza, hoje causam com frequência uma tristeza ou frustração de fundo, desde idades muito precoces. Nesse mundo com tantas expectativas e decepções, é possível então viver, como propunha S. Paulo, «alegres na esperança» (Rm 12, 12)?

Na sua carta de fevereiro, o Prelado do Opus Dei dirige o olhar à única resposta verdadeiramente lúcida a essa pergunta. Uma resposta que se ergue com um sim decidido: «fazei, Senhor, que a partir da fé no vosso Amor vivamos cada dia com um amor sempre novo, numa alegre esperança»[1]. Ainda que, às vezes, a falta de esperança possa parecer “menos ingénua”, só o será se fecharmos os olhos ao Amor de Deus e à sua permanente proximidade. O Papa Francisco recordava-nos isso numa das suas catequeses sobre a esperança: «A esperança cristã é sólida, eis porque *não desilude*. (...) Não está fundada sobre o que nós podemos fazer ou ser, e nem sequer naquilo em que podemos acreditar. O seu fundamento, ou seja, o fundamento da esperança cristã é o que de mais fiel e seguro pode existir, isto é, o amor que o próprio Deus alimenta por cada um de nós. É fácil dizer: Deus ama-nos. Todos nós dizemos isso. Mas pensem um pouco: cada um de nós é capaz de dizer: estou convencido de que Deus me ama? Não é tão fácil dizê-lo. Mas é verdade»[2].

A grande esperança

Na sua pregação e nas suas conversas, São Josemaria contemplava muitas vezes a vida dos primeiros cristãos. A fé era para eles, mais do que uma doutrina a aceitar ou um modelo de vida a realizar, o *dom* de uma vida nova: o dom do Espírito Santo, que havia sido derramado nas suas almas depois da ressurreição de Cristo. Para os primeiros cristãos, a fé em Deus era objeto de experiência e não só de adesão intelectual: Deus era uma Pessoa realmente presente no seu coração. São Paulo escrevia aos fiéis de Éfeso, referindo-se à sua vida antes de conhecer o Evangelho: «lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, sem direito da cidadania em Israel, alheios às alianças, sem esperança da promessa e sem Deus, neste mundo» (Ef 2, 11–12). Com a fé, por outro lado, tinham recebido a esperança, uma esperança que «não engana. Porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5).

Ao longo de vinte séculos, Deus não deixa de chamar-nos a esta “grande esperança”, que relativiza todas as outras esperanças e decepções. «Precisamos de esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantenham a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir»[3].

É bom considerar se nos *habituámos* à realidade de um Deus que salva – um Deus que vem encher-nos de esperança –, até o ponto de, às vezes, ver isso apenas como uma ideia, que não tem força real na nossa vida. A Cruz, que parecia um grande fracasso aos olhos dos que tinham esperança em Jesus, tornou-se, com a Ressurreição, o triunfo mais decisivo da história. Decisivo, porque não se trata de um êxito só de Jesus: com Ele todos vencemos. «E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé» no Ressuscitado (1Jo 5, 4). Os discípulos de Emaús olhavam o passado com saudades. “Nós esperávamos”, diziam (Lc 24, 21): não sabiam que Jesus caminhava com eles, que abria para eles um futuro apaixonante, à prova de

qualquer outro desengano. «Aviva a tua fé. – Cristo não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na história. Vive! ‘*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in saecula!*’, diz S. Paulo. Jesus Cristo ontem e hoje e sempre!»[4].

Deixar-nos tocar pelo amor de Deus

São Paulo descrevia assim a raiz da vida cristã: «... Pela fé, eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou pregado na cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu. É Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (Gal 2, 19-20). Para o Apóstolo, o cristianismo consiste, em primeiro lugar, na realidade de que Cristo morreu por nós, ressuscitou e, do Céu, enviou aos nossos corações o seu Espírito Santo, que nos transforma e abre os nossos olhos para uma vida nova. «Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente ‘vida’. Começa a intuir o significado da palavra esperança»[5]. Como à samaritana, a Maria Madalena, a Nicodemos, a Dimas, aos discípulos de Emaús, Jesus dá-nos um novo modo de olhar: de olhar-nos a nós mesmos, aos outros e a Deus. E somente a partir deste novo olhar que Deus nos dá, o esforço por melhorar e a luta por imitá-lo têm sentido: vistos por si mesmos, estas duas coisas seriam « vaidade e vento que passa » (Ecl 2, 11), um empenho inútil.

Ao morrer na Cruz «por nós homens e pela nossa salvação»[6], Cristo livrou-nos de uma vida de relação com Deus concentrada em preceitos e limites negativos. Libertou-nos para uma vida feita de Amor: «revestistes-vos do homem novo, que vai se renovando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento» (Col 3, 10). Trata-se, então, de *conhecer* o Amor de Deus e de *deixar-se* tocar por Ele, para retomar – a partir dessa experiência – o caminho para a santidade. Encontrar Deus e deixar-nos transformar por Ele é o essencial. Pouco depois da sua eleição, o Prelado do Opus Dei recordava-nos: «quais são as prioridades que Nosso Senhor nos apresenta neste momento histórico do mundo, da Igreja e da Obra? A resposta é clara: em primeiro lugar, cuidar da nossa união com Deus com delicadeza de apaixonados, partindo da

contemplação de Jesus Cristo, rosto da Misericórdia do Pai. O programa de S. Josemaria será sempre válido: ‘Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo’»[7]. A união com Deus permite-nos viver a Vida que Ele nos oferece. Procurar o rosto de Cristo, e deixar-nos olhar por Ele é um caminho esplêndido para aprofundar nessa vida de Amor.

Deixar Cristo olhar para nós

Jesus Cristo é o *rosto* da Misericórdia de Deus, porque n’Ele Deus nos fala com uma linguagem à nossa medida: uma linguagem à escala humana que vem ao encontro da sede do amor fora de toda escala que Ele mesmo colocou em cada um de nós. «E tu, já sentiste alguma vez pousar sobre ti este olhar de amor infinito que, para além de todos os teus pecados, limitações e fracassos, continua a confiar em ti e a olhar com esperança para a tua vida? Estás consciente do valor que tens diante de um Deus que, por amor, te deu tudo? Como nos ensina S. Paulo, assim “Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós” (Rm 5, 8). Mas compreendemos verdadeiramente a força destas palavras?»[8].

Para descobrir o rosto de Jesus, é necessário percorrer o caminho da adoração e da contemplação. «Que doce é estar diante de um crucifixo, ou de joelhos diante do Santíssimo e simplesmente ser diante de seus olhos! Quanto bem nos faz deixar que Ele volte a tocar nossa existência e nos lance a comunicar a sua nova vida!»[9]. Trata-se, como dizia o Papa noutra ocasião, de «olhar Deus, mas acima de tudo [de] sentir-se olhado por Ele»[10]. Parece algo simples: *deixar-se olhar*, simplesmente *ser* na presença de Deus... Mas o certo é que, em um mundo hiperativo e saturado de estímulos como o nosso, isso nos custa terrivelmente. Por isso, é necessário pedir a Deus o dom de entrar no seu silêncio e de deixar que Ele olhe para nós: convencer-se, em suma, de que *estar* na sua presença já é uma oração maravilhosa e tremendamente eficaz, mesmo se não tirarmos dela nenhum propósito imediato. A contemplação do rosto de Cristo tem em si mesma um poder transformador que não podemos medir com os nossos critérios humanos. «Ponho sempre o Senhor diante dos olhos, pois

ele está à minha direita; não vacilarei. Por isso, o meu coração se alegra e a minha alma exulta, até o meu corpo descansará seguro» (Sl 15, 8–9).

O rosto de Jesus é também o rosto do Crucificado. Ao constatar a nossa fraqueza, poderíamos pensar, com um critério exclusivamente humano, que o dececionamos: que não podemos dirigir-nos a Ele como se não tivesse acontecido nada. No entanto, essas objeções desenham somente uma caricatura do Amor de Deus. «Há uma falsa ascética que apresenta o Senhor na Cruz enraivecido, rebelde. Um corpo retorcido que parece ameaçar os homens: vós me quebrantastes, mas eu lançarei sobre vós os meus pregos, a minha cruz e os meus espinhos. Esses não conhecem o espírito de Cristo. Ele sofreu tudo quanto pôde – e, por ser Deus, podia tanto! – . Mas amava mais do que padecia... E, depois de morto, consentiu que uma lança Lhe abrisse outra chaga, para que tu e eu encontrássemos refúgio junto ao seu Coração amabilíssimo»[11].

Como S. Josemaria compreendia o Amor que irradia o rosto de Jesus! Lá da Cruz, olha-nos e diz-nos: «Conheço-te perfeitamente. Antes de morrer, pude ver todas as tuas debilidades e misérias, as tuas quedas e traições... E conhecendo-te tão bem, tal como és, julguei que *vale a pena dar a vida por ti*». O olhar de Cristo é amoroso, afirmativo, vê o bem que existe em nós – o bem que nos somos – e que Ele mesmo nos concedeu ao chamar-nos à vida. Um *bem* digno de Amor, mais ainda, digno do Amor maior (cf. Jo 3, 16; 15, 13).

Caminhar com Cristo deixando marca no mundo

O olhar de Jesus ajudar-nos-á a reagir com esperança diante das quedas, das escorregadelas, da mediocridade. E não é simplesmente porque sejamos bons assim como somos, mas também porque Deus conta com cada um de nós para transformar o mundo e enchê-lo do seu Amor. Também essa chamada está no olhar amoroso de Cristo. «Dir-me-ás: “Padre, mas eu sou muito limitado, sou pecador, que posso fazer?” Quando o Senhor nos chama, não pensa no que somos, no que éramos, no que fizemos ou deixámos de fazer. Pelo contrário: no momento em que nos chama, Ele está

a olhar para tudo o que poderíamos dar, todo o amor que somos capazes de contagiar. A sua aposta sempre é no futuro, no amanhã. *Jesus projeta-te no horizonte, nunca num museu*»[12].

O olhar de Cristo é um olhar do Amor, que *afirma* sempre a pessoa que está na sua frente e exclama: «É bom que existas, que maravilha ter-te aqui!»[13]. Ao mesmo tempo, conhecendo-nos perfeitamente, *conta conosco*. Descobrir essa dupla *afirmação* de Deus é o melhor modo de recuperar a esperança e de nos sentirmos novamente atraídos para cima, em direção ao Amor, e depois lançados ao mundo inteiro. Essa é, no fim de contas, a nossa segurança mais firme: Cristo morreu por mim, porque acreditava que valia a pena fazer isso. Cristo, que me conhece, confia em mim. Por isso, o Apóstolo exclamava: «Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?» (Rm 8, 31-32).

Dessa segurança nascerá o nosso desejo de retomar o caminho, de lançar-nos ao mundo inteiro para deixar nele a marca de Cristo. Sabendo que, muitas vezes, tropeçaremos, que, nem sempre, conseguiremos realizar o que nos propusermos... Mas, no fundo, não é isso o que conta. O que importa é seguir em frente, com o olhar fixo em Jesus: “*expectantes beatam spem*” acordados e atentos à sua alegre esperança[14]. É Ele que nos salva e conta conosco para encher o mundo de paz e de alegria. «Deus criou-nos para estarmos de pé. Existe uma bela canção que os alpinos cantam quando sobem. A canção diz assim: “na arte de subir, importante não é não cair, mas sim não ficar caído”!»[15]. Em pé, alegres. Seguros. A caminho. Com a missão de acender “todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo” que levamos no coração[16].

Lucas Buch

NOTAS

- [1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 33.
- [2] Francisco, Audiência, 15/02/2017.
- [3] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 31.
- [4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 584.
- [5] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 27.
- [6] *Missal Romano*, Símbolo niceno-constantinopolitano.
- [7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 30 (cf. *Caminho*, n. 382).
- [8] Francisco, Mensagem, 15/08/2015.
- [9] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 264.
- [10] S. Rubin, F. Ambrogetti, *Conversas com Jorge Bergoglio*, Edições Paulinas, Lisboa 2013.
- [11] S. Josemaria, *Via Sacra*, XII Estação, n. 3.
- [12] Francisco, Vigília de oração, 30/07/2016.
- [13] cf. J. Pieper, *Virtudes Fundamentais*, Ed. Aster, Lisboa 1960.
- [14] *Missal Romano*, Rito de Comunhão.
- [15] Francisco, Homilia, 24-IV-2016.
- [16] S. Josemaria, *Caminho*, n. 1.